

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MINAS GERAIS

O APARELHO DE LINGUAGEM DA PSICOSE:
Montagem de um caso clínico ou considerações sobre uma função de gozo

Renata Damiano Riguini

Belo Horizonte
2008

RENATA DAMIANO RIGUINI

O APARELHO DE LINGUAGEM DA PSICOSE:

Montagem de um caso clínico ou considerações sobre uma função de gozo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Professor Dr. Oswaldo França Neto

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2008

RIGUINI, Renata Damiano. **O Aparelho de Linguagem da Psicose**: montagem de um caso clínico ou considerações sobre uma função de gozo. UFMG, 2008, p. 104.

Natureza da pesquisa: Dissertação

Dissertação defendida em 27 de agosto de 2008 e submetida à banca examinadora constituída pelos professores:

Professora Dra. Márcia Rosa

Professor Dr. Célio Garcia

Professor Dr. Oswaldo França Neto (Orientador)

Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

A Dissertação "*O Aparelho de Linguagem da Psicose: montagem de um caso clínico ou considerações sobre uma função de gozo*".

elaborada por **Renata Damiano Riguini**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Oswaldo França Neto
(Orientador)

Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira

Prof. Dr. Célio Garcia

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Oswaldo França Neto, por me dizer, no primeiro momento, que eu teria um interlocutor. Interlocutor atento, portanto, à leitura do percurso e do texto, o que possibilitou uma escrita deslizando que também se pontuasse.

À Cláudia Maria Generoso, que escutou e leu o projeto e as escritas fragmentadas e, principalmente, foi quem, com muito entusiasmo e dedicação pela clínica da psicose tanto quanto pela transmissão da psicanálise, tornou possível a construção do caso Fabiano que causou e fundamentou esta dissertação – entre tantas outras considerações...

À amável Márcia Rosa, que trouxe contribuições preciosas que direcionaram em muitos sentidos a escrita no momento da qualificação, e que ainda se disponibilizou, com alegria, a participar da banca examinadora.

Ao Célio Garcia, pelo interesse em ler a dissertação e pela disponibilidade em participar, enriquecendo nosso trabalho, da banca examinadora.

À Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/FAFICH, Departamento de Psicologia, Mestrado em Psicologia – Área de concentração em Estudos Psicanalíticos – e a cada um dos professores que fazem o programa.

Aos colegas da turma de Mestrado de 2006, pela companhia no percurso, pelas trocas e conversas que, em momentos diversos, contribuíram para o percurso da dissertação. Em especial, à Juliana Menicucci, uma vez que tratamos de assuntos tão próximos, pudemos compartilhar em muita sintonia, referências bibliográficas, idéias, amizade e bobagens.

Aos colegas de trabalho do CAPS-II Sabará, principalmente pelas trocas e contribuições a respeito da clínica da psicose. Em especial, ao Coordenador de Saúde mental do Município, Alexandre Bispo, pela facilitação durante o tempo da pesquisa que só atestou que era alguém que acreditava neste trabalho.

Aos colegas da graduação em Psicologia da PUC - Minas (Betim), muito especialmente ao queridíssimo Renato Diniz, por estar sempre ao meu lado (mesmo à distância sou capaz de ouvir seu fôlego!), pelo grande incentivo, pela credibilidade que sempre me deu e pela eterna amizade que pretendo cultivar. Aos meus alunos, por estarem atentos e me colocarem a trabalho.

Impossível não deixar de manifestar aqui agradecimentos e homenagens aos que foram, e serão, o que sustenta o meu trabalho: ao meu dedicado pai, que me inspirou o desejo de saber, me mostrando, desde tenra idade, o que era possível se descobrir nos livros; à minha ousada mãe, que sempre acreditou e incentivou o que quer que fosse do meu querer; aos meus amados irmãos, pela presença alegre e entusiasmada em todos os momentos; enfim à minha avó Toinha, simplesmente por ser ela.

At last but not least, ao meu marido Gustavo, por estar ao meu lado nos momentos de impasse da escrita e poder me escutar, me ajudando a encaminhar minhas articulações além de contribuir, com perspicácia rara, aos rumos do trabalho. Presente (no duplo sentido), hoje é o ponto onde me mantenho, e esta convivência, as conversas de todos os dias, é meu maior ânimo.

Aos pacientes, que inventam e me causam.

RESUMO

Nesta dissertação tentamos articular o que se dispõe sobre a linguagem na psicose e o aparelho de linguagem, enquanto aparelho de gozo. Seu objetivo foi aliar outras experiências à clínica, precisamente, para articular o caso Fabiano que, com maestria, mostrou-me a linguagem utilizada por ele. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que, no primeiro momento, direcionou-se para a questão da linguagem na psicanálise, analisada a partir do conceito de significante em Lacan. No segundo momento, fomos impulsionados a discutir as particularidades da linguagem na psicose, a fim de nortear os caminhos e possibilidades por onde passaria Fabiano, o qual nos possibilitou realizar um estudo descritivo, detalhado da linguagem neste estudo de caso. A seguir, acompanhando o caso, foi-nos colocado a marca da lógica de Frege, instrumento precioso para Fabiano e, ainda mais valioso em nosso percurso, posto ser o eixo que nos permitiu formalizar algo sobre a linguagem na psicose, em sua particularidade, a singularidade da linguagem de Fabiano e fazermos disto tudo um aparelho de linguagem, de gozo e de saber.

Palavras-chave: linguagem, psicose, função proposicional

ABSTRACT

In this descriptive study we try to articulate what it is made use on the language in the psychosis e the language device, while joy device. Its objective was to unite other experiences to the clinic, necessarily, to articulate the Fabiano case that, with wisdom, it showed to me the language that is used for him. For in such a way, a bibliographical research was carried through that, at the first moment, it was directed for the question of the language in the psychoanalysis, analyzed from the concept of significant in Lacan. At the second moment, we were stimulated to argue the particularities of the language in the psychosis, in order to guide the ways and possibilities for where it would pass Fabiano, which made possible in them to carry through a descriptive study, detailed of the language in this study of case. To be continued, following the case, it was presented for us placed the mark of the logic of Frege, precious instrument for Fabiano and, still more valuable in our passage, rank to be the axle that allowed in them to legalize something on the language in the psychosis, in its particularity, the singularity of the language of Fabiano and to make of this everything a joy, language device and to know.

Word-key: language, psychosis, propositional function

LISTA DE SIGLAS

CID 10 – Código Internacional de Doenças

DM – Desejo de mãe

EUA – Estados Unidos da América

NP – Nome do pai

P – Predicado

PC - Computador

P0 – Ausência do Nome-do-Pai

RPG – Rolling Playing Games

RSI – Real; Simbólico; Imaginário

S1 – Significante mestre

S2 - Saber

S – Sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DA LINGUAGEM NA PSICANÁLISE: UM RECORTE PELO SIGNIFICANTE	15
1.1 O significante na instância da letra.....	16
1.1.1 A operação do significante: a metáfora e a metonímia	21
1.2 A tirada espirituosa na instância da letra.....	25
1.2.1 A tirada espirituosa em Freud.....	26
1.2.2 Uma leitura de Lacan do “espírito” de Freud	27
1.3 O significante no aparelho de linguagem	30
1.3.1 O significante e o gozo	31
1.3.2 O gozo a ser aparelhado.....	34
1.3.3 O aparelho de linguagem.....	36
2 SOBRE A LINGUAGEM NA PSICOSE: APARELHAMENTO E SIGNIFICANTE	39
2.1 A idéia de aparelho na psicanálise.....	40
2.2 O aparelho de influenciar na psicose: o artifício de Vitor Tausk	45
2.3 O significante no aparelho da psicose	50
2.3.1 O Neologismo.....	51
2.3.2 As palavras como coisa	52
2.4 A ironia versus a tirada espirituosa: o problema do referente	56
2.4.1 Uma pequena e resumida pausa para o problema do referente em Frege	56
2.4.2 Notas sobre o referente em psicanálise	59
2.4.3 A ironia da esquizofrenia.....	61
2.4.4 O delírio generalizado ou a “clínica irônica”	64
2.5 Alguma conclusão do capítulo?.....	65
3 A FUNÇÃO PROPOSICIONAL DE FREGE: APARELHO DE GOZO?.....	69
3.1 Frege e a Conceitografia.....	69
3.2 Frege e a função proposicional	71
3.3 Frege e Fabiano	74
3.4 Lógica e Psicanálise.....	76
3.4.1 A lógica e a escrita.....	79
3.5 Um pouco de Frege em Lacan	81
3.5.1 A função fálica.....	82
3.5.2 Funções de gozo	86
3.6 Mais uma vez Fabiano (...)	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUBVERSÕES.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de um projeto que partiu da clínica, do encontro com Fabiano. Em fevereiro de 2004, ele procurou uma psicóloga em uma clínica social, pois era “acostumado” a ter uma desde oito anos de idade – recomendação escolar que Fabiano recebeu com entusiasmo e explicou, em tom queixoso, meio caricatural, “porque ninguém falava ou brincava comigo, só a psicóloga” e logo perguntou, olhando ao redor: “você não tem joguinhos de montar?”. Isto provocou um sorriso, quase uma risada, porque ele tinha vinte e dois anos e se propunha a brincar comigo.

Trata-se de um jovem estudante de Ciência da Computação reconhecido no meio acadêmico por sua habilidade na disciplina de Lógica. Fabiano, já com alguma experiência em ir ao psicólogo, para além de seu costume, procura alguém para se queixar que: não consegue uma namorada, não consegue se quer dirigir-se a uma mulher, anda tendo dificuldades com seus chefes ou mesmo conseguir um emprego em uma grande firma (sempre é barrado na entrevista, apesar de um currículo indiscutivelmente especial), a mão sua muito, pois não consegue se concentrar, acredita ter problemas de memória, de ser confuso. Especialmente, queixa-se que, em geral, tem muitas dificuldades de relacionamentos.

Fabiano diz que não sabe conversar, não compartilha dos assuntos dos colegas, as pessoas o assustam porque não têm “lógica”, não consegue ter uma namorada porque: “Não sei como chegar, o que falar. Às vezes tenho medo. As pessoas não têm lógica, daí eu não sei o que dizer (...), dos homens tenho medo, das mulheres terror e só consigo olhar para os seus seios. Talvez você possa me dar umas dicas, ou me indicar um livro que me explique como conquistar as mulheres ou a passar em testes psicotécnicos”.

Ele precisa ser “programado”, tal como o robô, um PC com inteligência artificial, que quer inventar.

Além disto, Fabiano fala de forma estereotipada, ou caricatural, às vezes lembrando personagens de quadrinhos, jogos como RPG ou de vídeo games e desenhos, inclusive pelas frases que usa, pelas exclamações acentuadas e interrogações acompanhadas de feições onde eu poderia ler o tom interrogativo sem ouvir seu som. Aos poucos ele compartilha comigo sua dificuldade em se comunicar, em efetivamente interagir. Ele me explica sentir que fala como um robô – aliás, “robozinho” é seu apelido entre os colegas – e que tem suas frases prontas e que é como se, para responder às perguntas, devesse buscá-las em um tipo de registro de memória, como um computador. Assim, quando lhe pergunto algo, ele faz uma pausa

acompanhada de um som gutural, para depois responder, de forma articulada.

Normalmente suas frases são quase sempre as mesmas e suas respostas sempre iguais: “ok”, “cem por cento”, “pô meu”, “por enquanto”. Quanto às frases mais longas, ele também se mostra repetitivo e muitas vezes, como apontado, usa um discurso “colado”, emprestado, como por exemplo, quando fala das pessoas que não o compreendem, que são todos maus por natureza, ele diz: “oh, humanidade abjeta!!! Eu me vingarei” – com o rosto sério e as sobrancelhas agarradas aos olhos.

Mais tarde vai dizer que está pensando em inventar um PC com inteligência artificial capaz de responder afetivamente ao homem, um PC que se relacione emocionalmente com ele. Fabiano afirma contundente: “ele será programado para ter respostas afetivas”. Para tanto, além de seus estudos em computação e, especialmente em robótica – atividade que lhe garante prêmios em concursos entre as universidades - ocupa-se da psicologia e do aparelho mental. Passa sessões me explicando cada linguagem nova de programação que aprende na faculdade. Entretanto, uma linguagem, particularmente, lhe chama a atenção: é a linguagem que pode programar uma inteligência artificial¹. Esta linguagem se chama “Prolog” e, curiosamente, é uma linguagem baseada na função proposicional de Frege (1978). Fabiano acha que trabalhar nesta linguagem é simples e divertido, pois é uma programação de linguagem que tem a mesma lógica da maneira como ele fala, da maneira como ele faz uso da própria língua.

Ele diz ainda que seu projeto será feito porque só consegue se relacionar bem com os computadores, e, agora, comigo. Fala, certa feita, que pensou estar apaixonado por mim, entretanto diz saber que isto é transferência, pois, desde que viu um livro de Freud em minha mesa, decidiu ler sua obra. Assim, os livros – que sempre foram uma fonte privilegiada de ensinamentos para Fabiano – mais uma vez exercem uma função, fazendo barra ao gozo: “Este amor é normal”, me explica. Portanto, a transferência traz uma possibilidade de se relacionar sem o peso da relação com outro na psicose, uma vez que está mediada pelo texto freudiano do qual ele se apropria. Já me diz: “É isto que meu PC deve fazer: transferência”. Assim, hoje em dia, declara que enquanto não tiver uma namorada, precisará ir às “consultas”, pois sou a única que conversa com ele.

Sim! “Converso” com ele, aproveitando a indicação de Miller (1998) em Arcachom para usar como instrumento a “trivialização” – ponto a ser esclarecido. Nestas conversas ele

¹ A inteligência artificial pode ser definida como “uma disciplina científica que utiliza as capacidades de processamento de símbolos da computação com o fim de encontrar métodos genéricos para automatizar atividades perceptivas, cognitivas e manipulativas, por via do computador”. Interessante observar que, ainda segundo o autor, que a inteligência artificial é um projeto ambicioso onde se implicam várias questões – principalmente éticas e religiosas – onde “sua limitação essencial será, quando muito, a da representabilidade do conhecimento por tais meios simbólicos”. (PEREIRA, 2004).

privilegia assuntos onde encontramos pessoas ou povos explorados pela “humanidade abjeta”. Fala do terrorismo, dos EUA, da política, dos administradores de empresas capitalistas. Há sempre um Outro gozador e um objeto gozado, e ele entra na série de objetos gozados, quando fala de seus chefes ou dos colegas de sala e profissão, que vivem abusando dele.

Interessante observar que sua família entra nesta série: a mãe era uma doméstica explorada pelos patrões, o pai trabalhava em uma empresa de fundição, lidava com fornos em condições precárias com risco iminente de morte. A avó materna era uma viúva muito pobre e mendigava. Enfim, de acordo com esta herança que, de certa forma, talvez possa dar-lhe uma filiação, ele é o explorado.

Em seu círculo familiar encontramos a mãe de Fabiano: uma mulher que sempre controlou tudo na vida dele, desde suas contas, seus estudos, seus problemas com colegas de escola, etc. O pai, figura um pouco ausente, quando aparece não “compreende” Fabiano – segundo sua queixa. Ele é um homem rústico e não entende a “moleza” de Fabiano, acreditando que ele deveria trabalhar de carteira assinada, preferencialmente em uma grande firma, que tivesse emprego com plano de carreira etc. A irmã, mais jovem três anos, o incomoda especialmente. Cheia de juventude, ela faz tudo que ele não consegue: namora muito, sai todos os dias, tem uma grande turma de colegas, vive rindo e ouvindo música.

A história do encontro dos pais é especialmente curiosa: eles são do interior, da mesma cidade, mas se conheceram na capital, por coincidência, enquanto trabalhavam tentando melhorar de vida. A mãe era comprometida com outro rapaz e o pai de Fabiano só fazia assediá-la. Neste meio tempo, ela fica grávida de Fabiano e se casa com seu pai. A história da paternidade poderia ser confusa, porém Fabiano conta sem nenhum questionamento, nenhuma divisão.

Quanto ao problema de não ter namorada e de não conseguir ter amizades, ele me diz, mais uma vez, que é uma pessoa “mal compreendida”. Acha que as pessoas são fúteis, que não conseguem perceber a humanidade e que ele é um intelectual, um estudioso, ou um “nerd”. Parece que foi neste lugar que Fabiano me colocou na transferência. Quando nós “conversamos”, neste ponto posso dizer que uso a manobra apontada por Miller (1998), na Conversação de Arcachon, como trivialização². Ele passa a me apontar como alguém que compartilha de suas opiniões e, por ver e reparar livros e papéis no consultório, eu seria alguém estudiosa e inteligente, diferente da parte “abjeta” da humanidade. Nestas

² “Trivializar é trazer para o atendimento a dimensão do cotidiano(...). Sem a intenção de produzir aí uma elaboração, mas antes um “semblante de diálogo”. A trivialização deve ser pensada atrelada à noção de ‘vínculo frouxo’, noção esta que propõe ao analista operar com o tempo e com a frequência dos atendimentos. Desta forma o analista evita ocupar, para o psicótico, o lugar de Outro gozador” (FERREIRA ; TRÓPIA, 1999 p 147).

“conversas”, percebo que Fabiano repete alguns de meus “vícios” de linguagem e os inclui em sua própria fala. Quanto a mim, por vezes me pego falando seu “ok”, ou “cem por cento”. Neste sentido, de alguma forma, estabelecemos um laço na transferência, à medida que compartilhamos um código artificial produzido na situação analítica.

Além disto, Fabiano me demanda, várias vezes, indicar-lhe, com um saber que acredita que tenho sobre relacionamentos humanos (já que sou psicóloga), manuais com regras sobre como lidar com as pessoas. Ele me pergunta, por exemplo, o que deve falar quando chegar perto de uma mulher, ou o que dizer para seu chefe em determinada circunstância. Marcado pela falta de referência fálica, Fabiano quer métodos, regras, fórmulas para lidar com o furo. Neste sentido, um manejo sempre foi um pouco delicado, uma vez que sei que não devo entrar como um Outro que sabe, mas, ao mesmo tempo, não é possível deixá-lo na ausência de resposta. Em tais momentos, tento contornar, tento “conversar” sobre o assunto em pauta para relativizar, colocando o ‘depende’ e o ‘talvez’ sem, no entanto, deixar o vazio de significação total ou um ‘tudo pode ser’, que o deixaria perdido.

Enfim, Fabiano diz: “Acho que você, por enquanto, tem lógica”. Sempre preocupado em entender, em ser entendido e fazer parte de um grupo, ele me dá a direção única e segura em que posso caminhar com ele: a lógica.

Este é o caso-eixo desta dissertação. Com ele pretendemos avançar no sentido de um alcance sobre a questão da linguagem na psicose. De acordo com o que Fabiano propõe, não esperamos falar dos efeitos da forclusão na linguagem marcada por P0, mas tentar abordar uma vertente real da linguagem, preocupados que estamos, junto com Fabiano, em encontrar um aparelho capaz de operar com o gozo, para cercá-lo, reduzi-lo. Ao mesmo tempo, esperamos também que tal aparelho possa proporcionar algum sentido, ou melhor, uma significação mais tangível para este paciente poder se articular, participar um pouco mais de seu mundo, não deixando de estar “fora-do-discurso”. Assim, buscando formas de participar, mesmo que seja parecer participar – não é sempre disto que se trata?

Para tanto, buscamos, no primeiro capítulo, definir a linguagem para a psicanálise recorrendo, como o fez Lacan, à Lingüística. Para sermos diretos, um pouco de Saussure e Jakobson permearam nosso trabalho. Um capítulo, ou mesmo uma dissertação inteira, não poderia esgotar o assunto. Sendo assim, fizemos um recorte pela teoria do significante – tão cara à Lacan e aos lacanianos – o que nos deu suporte para pensarmos o que é definitivo na linguagem: ela funciona pelas operações do significante – a metáfora e a metonímia – e, por ser pautada nas leis do significante – que nunca é idêntico a si mesmo – ela é uma deriva de sentido que, resta-nos saber como, deve ser ancorada. Nossa hipótese: ela estaria ancorada em

um aparelho que possa dar conta do que está implicado na linguagem, ou seja, o sentido e o gozo. Esperamos também que no decorrer do trabalho – não só no primeiro capítulo – fiquem claras as definições e distinções acerca do tema, como por exemplo, dos termos: linguagem, língua, *lalangue*, significante, significado, sentido e significação.

No segundo capítulo, foi necessário nos determos no que há de peculiar na linguagem do psicótico: como funciona esta linguagem, já que não está assegurada pelo recalque? É possível haver outro modo de aparelhamento de gozo tendo a linguagem como instrumento tal como na neurose?

Exploramos, portanto, a idéia de aparelho na psicanálise, onde encontramos um aparelho especificamente psicótico, a saber, o aparelho de influenciar da esquizofrenia proposto por Tausk (1990) ele é um aparelho capaz de atestar a exterioridade da linguagem e seu aspecto de intrusão no ser falante. Além disto, trabalhamos com os neologismos e com as palavras como coisas, a fim de elucidarmos as particularidades do uso do significante na psicose. Neste contexto, usamos como ilustração da diferença encontrada na organização da linguagem e de seus efeitos, a ironia tão cara aos esquizofrênicos em oposição à tirada espirituosa conforme colocada no primeiro capítulo.

Na seqüência, junto com Fabiano, seguimos para a lógica de Frege. É esta lógica que permite a Fabiano encontrar um meio de participar do discurso instaurado, mesmo que seja como veremos, uma participação estereotipada e, porque não dizer, exterior, visto que ele não está inscrito na norma fálica. No entanto, ele monta um aparelho, sem o saber, onde a linguagem tem lógica, saindo do domínio do que chamamos a língua materna, excluindo o sentido e amparando o gozo. Fabiano realiza um trabalho onde encaixam, nos furos da linguagem apreciados aqui como os furos de uma função proposicional, argumentos que obturam este buraco da falta instaurada pela própria linguagem e, assim, ele realiza, com um saber-fazer, sua montagem e sua subversão.

1 DA LINGUAGEM NA PSICANÁLISE: UM RECORTE PELO SIGNIFICANTE

A noção de linguagem sempre foi cara à psicanálise. Especialmente para Lacan, a questão da linguagem foi fundamental para o estabelecimento de uma clínica. Prescindível argumentar sobre o retorno a Freud, operado por ele, pela via da lingüística de Saussure e Jakobson e, assim, poder colocar o axioma fundamental dos primeiros anos de seu ensino: ‘O inconsciente é estruturado como uma linguagem’. Quanto à psicose, encontramos na primeira clínica lacaniana – uma clínica pautada no ordenamento Simbólico – uma teoria que ressalta os fenômenos elementares que relevam os distúrbios de linguagem³. Mas se, no entanto, no final de seu ensino, Lacan deixa de privilegiar a lógica Simbólica para afirmar a condição do sujeito sustentada no nó onde Real, Simbólico e Imaginário se articulariam sem hierarquia, não deixa tampouco de falar da psicose apontando para suas relações com a linguagem.

Neste sentido, vale ressaltar o próprio Seminário 23 (LACAN, 1975), onde nos deparamos com Joyce tentando se haver com a língua, ou a apresentação de enfermos, conduzida por Lacan, onde localizou o que chamou de ‘psicose lacaniana’, caracterizada, em última instância, pelas “falas impostas” dizendo: “Hoje vimos um psicótico lacaniano (...) muito claramente identificado. Com essas “falas impostas, o imaginário, o simbólico e o real. (...)” Este é um quadro clássico que não se encontra descrito (LACAN, 2000, p. 16). Ora, o que Lacan aponta nesta apresentação e nos convida a estudar é, no nosso entender, exatamente a forma como as “falas” se impõem, ou seja, a forma como a língua invade se não há um tratamento – simbólico pela linguagem como na neurose – no sujeito psicótico. Portanto, o que o sujeito psicótico vai tratar de domesticar é o gozo da língua⁴.

Como é que todos nós não sentimos que as palavras das quais nós dependemos nos são de algum modo impostas? É bem em que um doente chega algumas vezes mais longe do que se chama um homem saudável. A questão é mais de saber por que é que um homem normal, dito normal, não percebe que a palavra é um parasita? Que a palavra é uma incrustação? Que a palavra é a forma de câncer pela qual o ser humano está afligido? Como é que alguns chegam a senti-lo? (Lacan, 1975, p. 133).

Entre tantas referências sobre o assunto, faz-se necessário recortar para dar prosseguimento à pesquisa. Desta forma, será privilegiada a noção de significante em dois

³ Principalmente em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” e o Seminário 3, ‘As psicoses’ (LACAN, 1955-56).

⁴ Como veremos o termo usado aqui, qual seja, ‘língua’ é definitivamente diferente de linguagem que será, esta última, entendida como uma organização da primeira.

momentos específicos e distintos da obra de Lacan, a fim de se aproximar da definição de linguagem nestes dois tempos, conhecidos por primeira e segunda clínica de Lacan. Vale acrescentar, com Garcia (2002) algumas conseqüências dadas por Lacan neste último ensino: no lugar da cadeia significante, Lacan enfatiza o ‘Um disjunto’; no lugar da hegemonia do Simbólico, encontramos as três instâncias amarradas; o sintoma deixa de ser uma mensagem a ser interpretada para aparecer como dispositivo de gozo e, o que nos interessa realmente, é a substituição da Língua, tal como pensada por Saussure, para a noção de “aparelho de linguagem”, pensada por Lacan.

1.1 O significante na instância da letra

Como fora adiantado, nos primeiros anos de seu ensino, Lacan se mantinha as voltas com o ordenamento Simbólico. Nesta perspectiva, orientava seu retorno a Freud tendo como instrumento a lingüística de Saussure e, mais do que isto, reconhecia em Freud um ordenamento lingüístico nas leis do inconsciente. O estruturalismo fazia seu papel na concepção da ordem Simbólica e os conceitos de Significante e Significado de Saussure que foram introduzidos e subvertidos na leitura da obra de Freud por Lacan. Neste sentido, o axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” ganha todo seu relevo. Segundo Lacan (1957, p. 498), “para além desta fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”⁵.

Dito de outra forma, e já declarado no título do texto, trata-se de reconhecer a insistência da letra na determinação do inconsciente – entendendo a letra como suporte do significante, como um dispositivo que, importante ressaltar, confere ao significante uma estrutura. Assim, o título A Instância da letra no inconsciente (...) “visaria aqui, a posição dominante da letra, o lugar de destaque que ela ocupa de onde tem poder de decisão e exerce autoridade, de onde rege e legisla” (LABARTHE; NANCY, 1991, p. 32). Ao que Lacan acrescenta, em seu título, um “ou a razão desde Freud”⁶, marcando a diferença do sujeito da razão instalado pela ciência para o sujeito que a psicanálise revela – “penso onde não sou” – e

⁵ Nesta perspectiva, Lacan insiste em se contrapor a uma leitura que considera equivocada e, mesmo assim, sempre evocada pelos pós-freudianos que definiam o inconsciente como a sede dos instintos, o caldeirão borbulhante e estanque das representações recalçadas. “O inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar conhece apenas os elementos do significante” (LACAN, 1957, p. 526).

⁶ Trata-se, portanto, do texto: “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”(LACAN, 1957).

sua razão que “é a letra e aquilo que passa, a partir de então, no e pelo inconsciente” (Ibidem, 1991, p. 33).

A lingüística recém instaurada na ordem da ciência é, garante radicalmente Lacan nesta época, onde poderemos encontrar suporte para uma teoria do sujeito em despeito a qualquer psicologia ou antropologia (Ibidem, 1991, p. 41). A lingüística então se torna cara à psicanálise, quando se define pelo “estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam” (LACAN, 1957, p. 499) e se engancha a descoberta freudiana que, desde a ‘*Traumdeutung*’ (1900), colocou em relevo os processos psíquicos e sua relação com o inconsciente. Assim, “(...) o âmago do nosso ser: não é tanto a isso que Freud nos ordena visar, como fizeram muitos antes dele através do adágio do ‘Conhece-te a ti mesmo’; são as VIAS que a ele conduzem que ele nos dá para revisar” (LACAN, 1957; p.530-531).

Entretanto, é necessário operar um desvio da lingüística para que a psicanálise possa se servir de seus conceitos.⁷ Aqui temos o encontro de Lacan com Ferdinand de Saussure (1857-1913), lingüista suíço cuja obra principal, ‘Curso de Lingüística Geral’ se tornou o marco inicial da Lingüística moderna, operando uma revolução na teoria da linguagem. A Lingüística moderna configura-se então como a ciência que busca a construção de uma teoria geral que possibilite a descrição de toda e qualquer língua. Em seu ‘Curso’, Saussure antecipa o conceito de ‘estrutura’ ao falar em ‘sistema’ que, por sua vez, pode ser definido por “língua como um sistema cujos termos são todos solidários e em que o valor de um não resulta senão da presença simultânea dos outros” (RODRIGUES, 1978, p. 7). O ‘sistema’ de Saussure definido como “sistema que explica o arranjo do todo em partes, as quais são solidárias” é, então, o objeto da Lingüística, que passa a ser o estudo da língua enquanto estrutura, posto que a definição de sistema usada por Saussure é uma pré-definição da conhecida ‘estrutura’.

Com efeito, Lacan se apropria dos termos de Saussure – significante, significado e signo – e especialmente formula o algoritmo S/ s, ou significante sobre significado, a partir do signo de Saussure como o veremos. Mas, ao usá-los, Lacan os subverte, e o que encontramos de mais próximo do algoritmo de Lacan no ‘Curso’ de Saussure é a própria notação do Signo saussuriano. Segundo Rodrigues (1978), o Signo em Saussure pode ser definido como a união de um significante – que aqui é definido como imagem acústica – e significado – definido, concisamente, como conceito em seu aspecto de abstração. Assim, não existe nenhuma

⁷ Segundo Nancy e Labarthe (1991, p. 97), o desvio seria um deslizamento conotativo estratégico usado em contraposição à importação do conceito, conhecida pela epistemologia contemporânea. Esta consiste em extrair um traço conceitual de determinado corpo teórico e usá-lo de maneira regrada, enquanto o desvio permite extrair um conceito sem o trabalhar, podendo fazê-lo servir a outros fins.

ligação específica entre os dois termos, o que traz ao Signo um caráter arbitrário. O velho exemplo da árvore de Saussure vem de encontro, bastando dizer que não há motivo algum para afirmar porque o significante “árvore” nos conduz à idéia de uma árvore, posto que a palavra ‘árvore’ não corresponde ao objeto ‘árvore’. Assim, podemos afirmar que significado e significante são abstrações e já inferir, com Lacan, que se trata de falar em Simbólico.

No entanto, há na teoria de Saussure, um paralelismo entre os dois termos – significante e significado – que são indissociáveis por uma circunferência ao redor que garante a unidade do signo, além de encontrarmos acima da barra o significado e abaixo o significante. Em Saussure, assim como em Freud, Lacan leu a inexistência de uma correspondência biunívoca entre significante e significado, entre a palavra e a coisa, uma vez que são ordens distintas. O significante e o significado perdem então tal paralelismo e não há uma unidade consistente do signo, em outros termos, não há uma significação dada. O Significante tem autonomia e sua posição primordial pode ser reconhecida em relação ao significado, mas o mais importante é reconhecer entre eles a barra que indica a resistência à significação. Podemos dizer que este é o ponto: o que é primordial e fundador é a barra, ou seja, a resistência embaixo da qual o significado desliza até um ponto-de-basta⁸ (LABARTHE; NANCY, 1991, p. 44).

Portanto, em Lacan temos o **algoritmo**:

S

—

s

Em Saussure encontramos o **Signo**:

Significado

—————

Significante

Ou seja, para Lacan, não há uma relação direta possível entre significante e significado sendo a significação algo que só se torna acessível ao ser remetida a outra significação. Esta é

⁸ Conforme a teoria do ponto de basta, temos que para atingir uma significação, em dado momento, de lugar em lugar, o significante interrompa o deslizamento do significado onde se produz uma ancoragem em que a significação surge como que um produto acabado. O ponto de basta é efeito de uma metáfora e possibilita uma articulação na medida em que é o próprio momento da intromissão do significante no significado. Este ponto de basta é, no entanto, evocado por Lacan como mítico, posto que não haja significação que não esteja sempre a ponto de deslizar. Para esta discussão, conferir Lacan (1955-56, p. 292-305), no Seminário 3 ‘As Psicoses’.

a natureza da linguagem: a constituição de seu objeto encontra-se apenas ao nível do conceito, o que torna inviável qualquer nominativo. Nas palavras de Lacan (1957, p. 501) a psicanálise se sustenta no livramento da ilusão de que “o significante atende à função de representar o significado, ou, melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer”.

Ora, faz-se, pois necessário responder pela lógica do significante reconhecendo que não foi por acaso que Lacan sustenta seu debate em um algoritmo que se ergue frente ao Signo de Saussure. Em primeiro lugar, o algoritmo designa um cálculo algébrico e no sentido moderno designa um processo de notação diferencial. Além disto, via algoritmo, Lacan pôde tratar o signo saussuriano e fazer uma formalização, uma notação econômica do conceito de signo, enquanto ela torna possível um cálculo lógico – algoritmo no sentido estrito, isto é , **o algoritmo é o signo enquanto não representa nada** (grifo nosso) e, desta forma, assume a estrutura do significante opondo-se, assim, à idéia de signo. Isto implica na exclusão do sentido em prol de uma possibilidade de significação, via a emergência da articulação, propriamente, a articulação do significante. “(...) Donde se constata que o texto mais carregado de sentido desfaz-se, nessa análise, em bagatelas insignificantes, só resistindo a elas os algoritmos matemáticos os quais, como seria de se esperar, são sem sentido algum” (LACAN, 1957, p.501)

Segundo Labarthe e Nancy (1991, p. 59-60), a articulação é a estrutura significativa na medida em que as unidades significantes decompõem-se em elementos diferenciais últimos que são os fonemas da fonologia. Assim, o conceito de letra ganha seu relevo, pois que reúne aqui, na figura do que Lacan evocou como os caracteres tipográficos, os traços essenciais do significante, quais sejam, a materialidade ou o que podemos evocar como a característica já demarcada desde “O Seminário da Carta Roubada” (1955) de ser localizada e sua composição, segundo as leis de uma ordem fechada.

Para elucidar tal ponto, Lacan usou no Seminário 2 (LACAN, 1954-55), “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, o exemplo das “máquinas estratégicas”⁹ como ilustração do que chamou um “para além de toda intersubjetividade” (LACAN, 1954-55, p. 223) visando destacar o que é o sujeito freudiano, o sujeito do inconsciente, conquanto ele é inteiramente distinto do eu. Para tanto, Lacan está elaborando o conceito de Outro – mesmo que ainda não o nomeie assim – e o ordenamento simbólico que tem “parentesco” com a máquina: “É sobre um símbolo que vocês fazem pergunta a uma máquina cuja estrutura deve

⁹ Lacan se refere, aqui, às máquinas que jogam com um indivíduo elucubrado, a partir das “máquinas de calcular ou de pensar” (Ibidem, p. 226) que destas se difere por possuírem uma estratégia.

ter algum parentesco com a ordem simbólica, e é justamente nisto que ela é uma máquina de jogar, uma máquina estratégica” (Ibidem, p 231).

Assim, o sujeito freudiano seria aquele organizado e representado pelo jogo do símbolo, à medida que, uma vez inscrita numa cadeia simbólica não há que se esperar de determinado sujeito qualquer coisa – há uma probabilidade inscrita – e, desta forma, assim como “jogar é ir ao encaixe de uma regularidade presumida” (Ibidem, p. 242), o sujeito está determinado em suas leis.

A possibilidade de articulação significativa abre então campo para a emergência do sentido a partir de uma pura combinação de lugares, o que já nos direciona para a idéia de cadeia significativa. Bem entendido, para Lacan não haverá um afivelamento do sentido, pois o significante se antecipa a este por sua própria natureza, o que nos conduz a ver a opressão de uma frase interrompida tão típica da psicose antes de seu termo significativo – , por exemplo, “A verdade é que (...)” e as alucinações verbais que se configuram também pela interrupção, tal como encontramos em Schreber¹⁰, que produzem sentido justamente pela suspensão do signo (LACAN, 1957, p.505). Já, para Labarthe e Nancy, (1991, p.59-60), na leitura de Lacan, é esta antecipação do significante em relação ao sentido que é o lugar do deslizamento incessante do significado abaixo da barra do algoritmo e o que nos resta saber é como obter, assim, os efeitos de significação.

Portanto, Lacan nos insere em uma perspectiva diferente da linguagem afirmando que o erro da lingüística é justamente acreditar que há uma correspondência unívoca – mesmo que arbitrária – entre a palavra e a coisa, ou seja, a crença na existência do Signo tal como Saussure o definiu. Para Lacan, o significante só pode entrar no significado, ou melhor dizendo, o que fundamenta o processo de significação é a separação instaurada pelo significante capaz de colocar a diferença entre os sexos, através da sua característica de ser um elemento diferencial, ou seja, a capacidade do significante de apontar a presença ou a ausência do pênis. Bem entendido, a questão é justamente a castração e a falta que institui os buracos no sentido é, por sua vez, a falta que institui a linguagem – falta que corresponde à ausência de um significante do Outro. Deste modo, para além de um nominalismo, encontramos a questão da referência que, na ‘Instância da Letra’, é dada pelo falo – a

¹⁰ Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (LACAN, 1957, p. 546), Lacan vai trabalhar as mensagens interrompidas transmitidas a Schreber por seu interlocutor divino. Tais mensagens são frases que foram interrompidas no começo cujo complemento de sentido fica a critério do sujeito que não tem dificuldade em concluir conforme sua própria posição. Então, em Schreber, encontramos o sujeito recebendo ofensas e provocações, sendo cansado e desencorajado por este parceiro. Entre os exemplos destacados por Lacan, podemos lembrar a voz que diz “agora vou(...)” ao que ele, Schreber, complementa “me render ao fato de que sou um idiota”.

conhecida ‘referência fálica’¹¹.

Formalizando, encontramos Lacan (1957) operando com termos da lingüística de Saussure – signo, significante e significado – e os subvertendo. No lugar do Signo de Saussure encontramos o Algoritmo de Lacan determinado por uma lógica, o que vem a se inscrever como lógica do significante. Nesta perspectiva, encontramos o significado a se esquivar incessantemente abaixo da barra do autônomo Significante, estando a significação a emergir dependentemente do que Lacan chamou de ponto de basta. Aqui **o significante na instância da letra** (grifo nosso) é o que, por suas propriedades, nos impõe o funcionamento da linguagem e do sujeito freudiano.

(...) seria preciso – essa é exatamente a idéia que convém – não ter olhos na cara para se atrapalhar quanto ao respectivo lugar do significante e do significado, e para não observar de qual centro radiante o primeiro vem refletir sua luz nas trevas das significações inacabadas (LACAN, 1957, p.503).

1.1.1 A operação do significante: a metáfora e a metonímia

Tendo visto a lógica onde o significante se inscreve, cabe ainda a pergunta sobre a emergência do sentido e a consolidação do significado, ou ainda cabe a pergunta: ‘como é possível a comunicação?’. Já fora pontuado a dupla função do significante na ‘Instância da letra’: enquanto algoritmo, ou seja, uma unidade que podemos chamar auto-suficiente e que “desenvolve com autarquia suas propriedades sobre o modo combinatório e localizado” (NANCY; LABARTHE, 1991, p. 69); e sua função de operação significante para qual deve funcionar o algoritmo, participando da significação que seria o significante no seu valor ativo, produtivo, tendo em mente que o lugar da articulação significante é o sujeito – donde podemos inferir que a teoria do significante é tributária da teoria do sujeito, o sujeito que ficará definido no primeiro ensino de Lacan, como representado pelo significante para um outro significante (Ibidem, 1991, p. 69).

Ainda na ‘Instância da letra (...)’, Lacan vai usar o termo ‘significância’ para falar do processo de significação, entendendo que esta última é fundamental para a comunicação. Para ele, “a significância é a operação do significante quando ele é passado para o estágio de

¹¹ Tema a ser abordado no próximo capítulo.

significado e quando, conseqüência disto, passa a carregar-se de significação” (LACAN, 1957, p. 507). Sendo assim, a significância não é a própria significação e ela só poderia ser uma operação do significante, posto que depende da articulação significante bem como opera com suas leis. Bem entendido, a significância é a possibilidade de significar de, ao partilhar uma língua com outros sujeitos, poder dizer algo diferente do que ela diz – onde se revela também o valor da tirada espirituosa tal como veremos.

Esta operação não seria possível se nossa linguagem fosse sustentada no e pelo signo, visto que, apesar deste último ser capaz de “representar alguma coisa para alguém”¹². Nos termos de Lacan (1960, p. 854), em “Posição do Inconsciente” ele, contudo, não é capaz de metáfora ou metonímia (conceitos a serem discutidos neste item), existindo como a linguagem dos animais. O significante, por sua vez, representa o sujeito para um outro significante: fórmula difundida pelos lacanianos que aqui sustenta todo seu valor, posto que se possa inferir que é esta a função que o sujeito articula para estar na linguagem.

Com efeito, Lacan (1957, p. 508) assim o enuncia: “Mas todo este significante, dirão, só pode operar por estar presente no sujeito. É justamente a isso que respondo ao supor que ele passou ao patamar do significado”. Ora, temos aqui, senão mais uma vez a indicação de que o lugar do significante é justamente o sujeito lacaniano,¹³ mas, longe deste sujeito dominar o sentido, ele é antes pura função do significante, o que garante uma prioridade do significante em relação ao sujeito, tal como Freud já havia enunciado.

Para Lacan (1960, p. 854), “o significante joga e ganha, por assim dizer, antes que o sujeito constate isto”, ou seja, é somente do jogo do significante que se espera uma significação. Uma vez que visto a impossibilidade de haver denotação ou uma simetria entre a palavra e a coisa – significante e significado, se se quiser – o que encontramos é a própria impossibilidade de atingir a verdade no sentido freudiano.

Desta forma, nos esclarece Labarthe e Nancy (1991, p. 76), “Saber a verdade é o que o sujeito lacaniano não pode. E é um sujeito como este privado de tal saber, que pode ser o sujeito de uma conotação pura e simplesmente desligada ou desmarcada da denotação”. Ora, se Lacan, nesta parte do seu texto, coloca que o sentido só pode acontecer para e pelo sujeito

¹² Vale pontuar que esta definição de signo em Lacan ainda é muito diferente do signo saussuriano. Com efeito, a definição em Lacan nos diz, como foi colocado, que o signo representa algo para alguém e não que o signo é a unidade formada por um significante ligado a um significado que tenha um uso para todos os sujeitos.

¹³ Claro deve estar que o sujeito lacaniano não é o sujeito da subjetividade senhora do sentido, aquele que sabe o que diz e tampouco é o sujeito da ação e do enunciado, do “eu faço ou eu penso”. O sujeito é o sujeito da teoria dos jogos, ou “é, antes, comandado ele próprio pelo que do significante se apresenta, assim, nele – o que equivaleria a dissolver esse ‘sentido’, a fazê-lo deslizar na própria função significante” (NANCY; LABARTHE, 1991, p.73).

e, logo em seguida, no intervalo de meia página, diz que o sentido é tributário das funções do significante ou, melhor dizendo, das “duas vertentes da incidência do significante no significado” (LACAN, 1957, p. 515) ou seja, a metáfora e a metonímia, para chamá-las por seu nome.

Metáfora e metonímia são figuras de estilo apropriadas por Lacan de Roman Jakobson, quando este último levanta a questão das afasias. Lacan sublinha em Jakobson a idéia de que as afasias devem ser revistas por um par de opostos que lhe dariam suas características: por um lado, observam-se as relações de similaridade ou de substituição – tudo que for da ordem do sinônimo – e, por outro lado, as relações de contigüidade, de coordenação sintática (LACAN, 1955-56, p. 250). Nas palavras de Lacan (Ibidem, p. 78), para definirmos bem sucintamente, “No que concerne à metáfora (...) a substituição era sua força estrutural. A metáfora vincula-se à função conferida a um significante S no que este significante substitui um outro numa cadeia significante”.

Quanto à metonímia, esta consiste “na função assumida por um significante S no que se relaciona com outro significante na continuidade da cadeia significante”. É nestes dois elementos da conotação que a lógica do significante se revela como lógica do sujeito, desde a ‘Ciência dos Sonhos’ de Freud (1900), onde se encontra “a letra do discurso em sua textura” (LACAN, 1957, p.513) nos processos por ele, Freud, descritos como deslocamento e condensação. Vale agora nos demorarmos um pouco em cada uma delas.

Para Labarthe e Nancy (1991, p. 81), com a metonímia Lacan persegue o discurso enquanto concatenação, conexão de signos, onde o sentido se produz “de palavra em palavra” (LACAN, 1957, p. 509). Na metonímia há uma preponderância da contigüidade que poderá oferecer um pouco de sentido à medida que a cadeia se desloca, à medida que pode nomear alguma coisa pela conexão com outra coisa, a qual pode ser seu continente ou sua parte.

Ainda, segundo Lacan (ibidem, p. 522), tal concepção ganha vigor ao nos apresentar o próprio movimento do desejo. Este sempre se desloca para outro ponto ou como poderíamos, melhor dizer, o desejo é continuamente indestrutível, porque é sempre desejo de outra coisa e esta “outra coisa” estará sempre perdida nos trilhos da metonímia, instalados pela “memória”,¹⁴ onde se enxertou a cadeia significante que insiste na história de determinado sujeito – ou, melhor, de um sujeito determinado. Bem entendido, é na estrutura metonímica que o significante instala a falta ao se servir do envio da significação para investi-la com o desejo (Ibidem, p.519). Com efeito, já encontramos em Freud – nos mecanismos já descritos por

¹⁴ Lacan especifica que fala de ‘memória’ neste contexto como algo comparável às “modernas máquinas de pensar” (LACAN, 1957, p. 522).

deslocamento e condensação – os sonhos como produção da ordem da articulação metonímica e é nesta articulação que a metáfora poderá intervir (LACAN, 1955-56, p. 260).

A metáfora, por sua vez, é colocada por Lacan na ‘Instância da Letra’ pela fórmula “uma palavra por outra”. Aqui há uma concorrência de ordens simultâneas com preponderância da similaridade e a “centelha criadora” brota entre dois significantes, na substituição de um por outro¹⁵. A significação não dependerá, portanto, da presentificação de duas imagens, mas do que, nesta substituição, possa advir. Com a metáfora, Lacan pôde demonstrar como o sentido se produz justamente no não-sentido, é uma ausência de sentido que impõe o sentido. Em suas palavras: “A metáfora posiciona-se no ponto exato em que o sentido se produz no não sentido” (LACAN, 1957, p 510). Tal enunciado o leva a dizer que, e aqui encontramos o mito do pai morto em Freud, a paternidade de toda significação só pode ser engendrada fora do sentido.

Importante ressaltar que, para Labarthe e Nancy (1991, p. 26-27) e Lacan em ‘A Instância da Letra (...)’ manda sua mensagem muito mais pela via do estilo do qual se apropria para sua exposição. Com efeito, Lacan diz que tal exposição se encontra entre o escrito e o falado, ou seja, que é preciso ler entre a escuta do discurso e a textura do escrito. Neste sentido, tais autores (Ibidem) reconhecem que a leitura deverá passar pela decifração de certo jogo da metáfora – considerando, principalmente, o preâmbulo¹⁶ – e, desta forma, a exposição estabelece que o inconsciente não seja capaz de produzir sentido a não ser pela metáfora.

Assim, novamente com Labarthe e Nancy (1991) encontramos a metonímia a se articular com a metáfora para que de ‘palavra por palavra’ forneça o caminho de ‘palavra em palavra’, a fim de tocar o sentido. A “máquina” freudiana ganha o espaço do sujeito que aqui se torna instrumento via a metáfora e a metonímia – mecanismos de acesso à maquinaria do inconsciente. Como vimos, tal articulação depende do significante na instância da letra, onde a autonomia e a autarquia do próprio significante em relação ao sentido pode propor um jogo

¹⁵ Vale lembrar que o mecanismo da metáfora é o mecanismo do sintoma analítico, pois “entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo ao qual ele vem substituir, numa cadeia significante atual, passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação”. (LACAN, 1957, p. 522).

¹⁶ Reproduzimos aqui tal preâmbulo intitulado ‘Crianças de cueiros’: “Oh, cidades do mar, vejo em vós cidadãos, homens e mulheres, com braços e pernas estreitamente atados em sólidos laços por pessoas que não entenderão vossa linguagem, e só entre vós podereis desabafar, por queixas lacrimejantes, lamentos e suspiros, vossas dores e vossos pesares pela liberdade perdida. Pois aqueles que o agrilhoam não compreenderão vossa língua, tal como não os compreenderéis” (Cadernos de Leonardo da Vinci). Para Labarthe e Nancy (1991), Lacan estaria fazendo uma metáfora da servidão marcada pela submissão de uma língua a outra, assim como o inconsciente, enquanto linguagem é, ele mesmo, marcado pela impossibilidade de compreensão.

entre as letras capaz de fazer emergir a significação. Assim sendo, podemos afirmar que a letra é escrava do inconsciente e seus mecanismos, e veremos mais claramente como o *Witz* freudiano – enquanto formação do inconsciente – é igualmente a letra em sua literalidade.

1.2 A tirada espirituosa na instância da letra

“As palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisa”.

(FREUD, 1905, p. 41)

A referência à tirada espirituosa na ‘Instância da Letra’ é breve. Lacan se refere, em um parágrafo (p.512), ao trabalho de Freud sobre o *Witz* (1905) para dizer que o sentido emerge no não senso – ponto interessante para esta dissertação –, assim como o encontramos na tirada espirituosa, pois que opera tendo como elemento principal a substituição metafórica. É através de um exercício da linguagem que poderemos observar o movimento do inconsciente. Mas este parágrafo permanece enigmático para entendermos a novidade trazida pelo *WITZ*.

Lacan chama a atenção no seu Seminário 5¹⁷ (1957-58) “As formações do inconsciente” também para o fato de ser justamente na hiância – “o centro radiante” – que existe na impossibilidade de um nome designar a coisa, que acontecem as formações do inconsciente.

Para estas últimas, se somos freudianos, se constituem nos mecanismos de deslocamento e condensação. Ou seja, as formações do inconsciente obedecem a estes mecanismos próprios da linguagem para fazer surgir sentido, ou, como apropriadamente chamou Lacan, as formações do inconsciente são dadas pelas leis primordiais da linguagem, as leis do significante (metáfora e metonímia). No citado Seminário, Lacan vai se deter na tirada espirituosa para expor o que é próprio ao inconsciente: a princípio, sua relação com a linguagem, com o significante. Neste ponto vale lembrar o texto de Freud.

¹⁷ Seminário que ministrava quando fez sua exposição intitulada ‘A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud’, portanto é aqui evocado a fim de nos esclarecer melhor o ponto mencionado.

1.2.1 A tirada espirituosa em Freud

Freud (1905, p.42), desde as primeiras páginas de ‘Os chistes e sua relação com o inconsciente’, garante que há uma característica da qual uma tirada espirituosa não pode prescindir a despeito de não ser mais uma tirada espirituosa: “o fato de que as mesmas palavras se prestam a usos múltiplos”. Tal afirmação, nos coloca com propriedade através de seus exemplos, de que as palavras, em conexões diferentes, perdem seu sentido original para construir outro – esta seria sua plasticidade. Para tanto, seguindo Freud, quem cria uma tirada espirituosa utiliza como técnica principal o processo de condensação, mas utiliza também, tal como observou anos antes nos sonhos, o deslocamento, o raciocínio falho, o absurdo ou a representação pelo oposto. Toda esta técnica serviria para enviar uma mensagem inconsciente, já que a tirada espirituosa é – como os sonhos, atos falhos e os sintomas – uma formação deste. Além disto, Freud pôde reconhecer o prazer arrancado da tirada espirituosa e nos aponta que este tem duas fontes: a própria técnica e seus objetivos.¹⁸

O prazer retirado de duas técnicas será ilustrativo no nosso trabalho. Parece-nos interessante, quando Freud destaca que uma das técnicas consistia em focalizar a atitude psíquica em relação ao som da palavra, sua imagem acústica, em vez de privilegiar o sentido. Em outra técnica, o processo ocorreria quando de um absurdo, de uma concatenação de idéias “*nonsense*”, surgisse uma significação nova, algo que faça sentido para quem o escuta. Ora, o que Freud destaca, para dizermos em termos lacanianos, senão a autoridade e a autonomia do significante quando se privilegia o som e a metáfora, enquanto geradora de sentido a partir do *nonsense*?

E de onde vem o prazer destas técnicas? A resposta de Freud está na economia da despesa psíquica. Para nossa primeira técnica, Freud enfatiza que este é um procedimento confortável, dos quais as crianças em seu processo de aquisição da linguagem já usufruíam como fonte de prazer, ou como em alguns “estados patológicos da atividade do pensamento” (ibidem, p.117). Ambos tratam as palavras como coisas reconhecendo a insistência dos sons em detrimento do sentido.

Na segunda técnica, o sujeito “reúne palavras, sem respeitar a condição de que elas

¹⁸ Freud destaca que a tirada espirituosa poderá ter um fim em si mesma – o que ele chama de “chistes inocentes” – entretanto, existem os “chistes tendenciosos” que são assim chamados porque efetivamente têm uma finalidade, quais sejam: os obscenos, os agressivos, os cínicos, blasfemos, críticos, e os que atacam a própria certeza. Para esta discussão, cf.: Freud (1905, p. 91-114).

façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou rima”. É assim que a criança brinca com a língua materna, extraindo daí um óbvio prazer, o qual vai sendo-lhe retirado no processo de educação, para que fiquem apenas as combinações significativas das palavras, combinações que permitem a comunicação. Na tirada espirituosa este prazer pode ser resgatado. Entretanto, considera Freud, além do jogo da técnica e do prazer daí advindo, é imprescindível, no fim, a tirada tenha sentido e, para tanto, é preciso que alguém o reconheça.

Neste ponto, Freud será bem claro: ninguém se contenta em fazer um chiste para se rir sozinho, diferentemente de quando acontece algo cômico. A comicidade inclui duas pessoas, uma que observa o acontecimento e a outra que é objeto do cômico. Já, na tirada espirituosa, alguém, uma “terceira pessoa” que estaria de fora do processo, diz Freud, precisa avaliar se o objetivo foi alcançado, “como se o eu não se sentisse seguro de seu julgamento” (FREUD, 1905, p.139). Com Lacan veremos qual é o estatuto desta terceira pessoa ou, como já estamos familiarizados, falaremos em Outro.

1.2.2 Uma leitura de Lacan do “espírito” de Freud

O inconsciente, justamente, só se esclarece e só se entrega quando o olhamos meio de lado. Aí está uma coisa que vocês encontrarão o tempo todo no Witz, pois tal é sua própria natureza – vocês olham para ele, e é isto que lhes permite ver o que não está ali. (LACAN, 1957-58, p. 25).

Tal como encontramos no Prefácio do Editor das obras de Freud, a palavra empregada por ele – *Witz* – encontrou problemas em sua tradução. Optou-se, visto os impasses causados, pela tradução no inglês para ‘*joke*’, o que levou a traduzir por ‘chiste’ em português. No entanto, a palavra acaba deixando de lado algo que Freud evocou como sendo o ‘espírito’ destes não simples jogos de palavras.

Em seu texto encontramos a seguinte explicação:

(...) a elaboração do chiste não está ao dispor de todos e apenas alguns dispõem dela consideravelmente; estes últimos são distinguidos como tendo ‘espírito’. O espírito aparece nesta conexão como uma capacidade especial – mais do que como uma das velhas faculdades mentais; parece emergir inteiramente independente das outras tais como a inteligência, imaginação, memória, etc. (FREUD, 1905, p. 135).

Lacan, sempre muito atento e cuidadoso com o texto freudiano, é preferível falar,

então, em tirada espirituosa considerando o espírito no sentido em que falamos de um ‘homem espirituoso’ obturando, assim, a idéia depreciativa que possa advir do simples chiste e diz: “Esse espírito, nós o centraremos na tirada espirituosa, isto é, no que nele se afigura o mais contingente” (LACAN, 1957-58, p.22). Esclarecido os termos e garantindo o ‘espírito’ para além da técnica, podemos dizer que a tirada espirituosa, segundo a leitura de Lacan do texto de Freud, teria três elementos de definição:

1. Haverá, sempre, uma transgressão da linguagem enquanto código, enquanto linguagem compartilhada.
2. O Outro enquanto lugar do código deverá sancionar a mensagem.
3. O *Witz* tem sempre relação com a verdade.

Então, primeiramente, Lacan vai dizer que a mensagem extraída do *Witz* situa-se numa produção significativa se distinguindo do código. Este é o mecanismo elementar da tirada espirituosa: há uma ligeira transgressão do código e a mensagem se instala exatamente nesta diferença. Tal transgressão só se faz possível no próprio plano do significante – tal como o temos elaborado – isto é, quando o significante escapa a tudo que até então ele pôde abranger em termos de criação do significado a partir do equívoco essencial da linguagem que nunca traz uma mensagem unívoca. A partir desta brecha da linguagem é possível aparecer algo (de) novo.¹⁹

A definição que lhes proponho para a tirada espirituosa baseia-se primeiramente nisto, em que a mensagem se produz num certo nível da produção significativa, que ela se diferencia e se distingue do código, e que assume, por esta distinção e esta diferença, um valor de mensagem. A mensagem reside em sua diferença para com o código (LACAN, 1957-58, p. 28).

É neste nível que encontramos a metáfora como principal recurso da tirada espirituosa, juntamente com a metonímia. Com efeito, a possibilidade de substituição é inerente a qualquer significante, mas o que está em jogo na metáfora – e na tirada espirituosa – é o engendramento do sentido por uma criação significativa que não foi feita para designar algo, porém para apontar um para-além (Ibidem, p.71). Partimos então de uma referência paradoxal ao emprego usual de uma palavra dando-lhe um emprego inesperado que faz, de imediato, uma **injeção de sentido** (grifo nosso) que não sem intenção faz rir. Para Lacan, é isto que é ser espirituoso.

Entretanto, e este é o segundo elemento de definição da tirada espirituosa, o que

¹⁹ Vale lembrar que Lacan atribui a este movimento de criação de significado pelo significante o progresso da própria língua.

garantiria que tal produção geraria uma mensagem? O código. E o lugar do código é o Outro, o Outro como “companheiro da linguagem”, como o parceiro do sujeito em toda fala e em toda sorte de relações simbólicas a quem o sujeito dirigirá sua demanda²⁰ – portanto ele tem de estar implicado. É o Outro, enquanto tesouro do significante, que sanciona o dito como tirada espirituosa, é ele quem diz: “Ah! Sim, isto é uma tirada espirituosa”.

Assim, podemos inferir: o que está colocado na tirada espirituosa são os significantes pertencentes a este “tesouro” do qual, supostamente, o Outro conserva, latente, todas as possibilidades de criação significativa. O Outro, aqui, funciona como o suporte desta transgressão do código, ou seja, “só me dirijo a ele na medida em que suponho já repousar nele aquilo que faço entrar em jogo em minha tirada espirituosa” (LACAN, 1957-58, p.121). Desta maneira, Lacan vai poder dizer ainda que para uma tirada espirituosa provocar o riso é preciso que algo seja compartilhado. Este “algo”, este pertencimento a uma “paróquia” é poder compartilhar um código²¹.

A tirada espirituosa faz emergir o que é do significante, tornando claro seu caráter essencial e até primitivo – nos termos de Lacan em 1958 – que ele tem em relação ao sentido, uma vez que impõe a este último um toque de arbitrariedade. O sentido existe na cadeia significante. O significante, por sua vez, se antecipa ao sentido, como é o caso nas alucinações psicóticas que emergem sem sentido, só ganhando um sentido delirante a posteriori.

O terceiro elemento de definição da tirada espirituosa, por sua vez, é sua relação com o que na ‘Instância da Letra’ Lacan chamou de “dimensão de alibi da verdade”. Tal assertiva se inscreve na descoberta freudiana, uma vez que o que ela assinala é justamente a condição humana que se refere à impossibilidade de saber a verdade, porquanto ela é “não - toda”, ou melhor dizendo, ela não pode ser toda dita. E isto por apenas um motivo: não há correspondência entre a palavra e a coisa, fato que instaura uma dessimetria fundadora do inconsciente.

A tirada espirituosa – enquanto formação do inconsciente – vai fazer surgir o que até então estava guardado, atingindo o sujeito em outro ponto, desnudando, de um só golpe, a verdade da “descoberta” e um novo sentido para algo repisado pelo sujeito. Em poucas palavras, o chiste dá à verdade uma oportunidade de aparecer, de ser, ao menos, meio-dita.

²⁰ A demanda é parte crucial da formação do aparelho psíquico e de um aparelho de fala. Com efeito, me dirijo a um Outro para falar e é dele que espero minha própria mensagem invertida. Para esta discussão, conferir, por exemplo, neste Seminário as páginas 87 a 105.

²¹ Esta “paróquia”, este “compartilhar um código”, é o que mais tarde teremos definido por Lacan como discurso, como semblante que possibilita o laço social, enfim, um referente. Vale adiantar que é no não pertencimento à “paróquia” que a psicose se coloca na sua ausência própria de referente conforme veremos no capítulo 3.

Não é a toa que marcadamente, ou melhor, necessariamente, encontramos o efeito de surpresa do *Witz* e “é a partir daí que nos situamos então no nível do inconsciente” (LACAN, 1957-58, p. 118). O que Lacan enfatiza neste ponto é que o *Witz* “designa, sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar” (LACAN, 1957-58, p. 29).

Portanto, o que Lacan recolheu em Freud no livro dos chistes para nos acrescentar em uma leitura do inconsciente estruturado como uma linguagem, é pontual e crucial. De um lado, temos o jogo do significante em sua materialidade e autonomia em relação ao sentido bem como o efeito prazeroso de sua prática. Logo em seguida, o Outro é colocado em questão na medida em que só ele – enquanto lugar do código e parceiro do sujeito – poderá ser interrogado a respeito do sentido. Por último, já que reconhecemos na tirada espirituosa as leis do inconsciente enquanto maquinaria simbólica com o jogo dos significantes. Deveremos também reconhecer que nela está a verdade freudiana e o espírito de Freud ou, como podemos ainda “chistear”, trata-se de reconhecer **o espírito da Coisa** (grifo nosso).

Tendo visto o que é o significante nesta primeira parte do ensino de Lacan, avançaremos alguns anos, precisamente para 1972, no Seminário 20 para dar continuidade às discussões sobre tal conceito, do que se pode ainda afirmar, as mudanças e o que se pôde acrescentar. Lembremos que até aqui, a ênfase dada ao tentar definir linguagem e significante assegura-se na hegemonia do Simbólico. No andamento do estudo veremos o conceito de gozo, o qual levará Lacan a enfatizar a face de real implicada na linguagem e, despojado de privilégio, o simbólico se prestará ao nó das três instâncias: RSI.

1.3 O significante no aparelho de linguagem

Vimos, portanto, como encontramos Lacan no início de seu ensino. Certamente uma época mais conhecida e debatida de sua elaboração – tratando do campo da linguagem e da função da palavra, onde define o Outro, enquanto lugar do código, espaço organizado de coexistência sincrônica dos elementos diferenciais – que são os significantes – e, por sua vez, se articulam em cadeias e produzem sentido. Aqui está, em poucas palavras, a maquinaria do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Em outro momento, precisamente em 1972-73, no Seminário xx: ‘*Encore*’ e em sua comunicação conhecida por ‘Televisão’ (1973), Lacan coloca a idéia de ‘aparelho de linguagem’ ao anunciar um novo conceito – *lalangue*. Neste momento, já podemos encontrar

as conseqüências práticas e teóricas que autores contemporâneos têm chamado ‘segunda clínica de Lacan’. Com efeito, é certo que há uma arrancada dos conceitos ao longo da obra lacaniana, o que vai implicar em uma nova teoria da direção da cura – o que nos autoriza a falar em uma nova clínica.

Para contextualizar, segundo Mazzuca (2000), a primeira clínica caracterizava-se por ser uma clínica do desejo, do Outro e do sujeito, onde o sintoma entendido como uma metáfora pode ser interpretada a fim de produzir um sentido novo. Na segunda clínica é importante frisar que Lacan se debruçava na questão do gozo, podemos mesmo falar de uma clínica do gozo na medida em que há a inclusão do corpo no ser falante²² – o *parletre* – enfim, no real e no nó entre as três instâncias – Real, Simbólico e Imaginário – onde encontramos o conceito de *sinthome* como modalidade de gozo, indicando a direção da cura pela redução e fixação do gozo do sentido. Tais elaborações nos conduzem a novas trilhas, ou melhor, nos conduzem a uma outra leitura da linguagem, uma leitura feita, desta vez, pela vertente do Real.

1.3.1 O significante e o gozo

Bem, voltando ao Seminário XX encontramos a pergunta colocada por Lacan: “O que é um significante?” Retomando as elucubrações anteriores, ele afirma que o significante é, primeiramente, “aquilo que tem efeito de significado” (LACAN, 1972-73, p.29), ressaltando ainda a importância da barra intransponível entre os dois. O significante continua a designar aproximativamente sem, no entanto, ter o significado como referente. Ele não poderia ser eterno, mas agora longe de ser designado como arbitrário – designação de Saussure –, entra em cena seu caráter contingente. O significante rateia, e é neste nível que ele ainda é o fundamento da dimensão do simbólico. Assim, “O significante enquanto tal não se refere a nada, **a não ser que se refira a um discurso** (grifo nosso), quer dizer, a um modo de funcionamento, a utilização da linguagem como liame. (...) O liame é um liame entre aqueles que falam” (LACAN, 1972-73, p. 43).

Ora, o que aparece neste seminário é justamente o que Lacan denominou o valor de

²² O ‘ser falante’ é o conceito que se coloca frente ao sujeito do primeiro ensino, visto que, a este último, acrescenta-se o gozo, o corpo, à determinação simbólica. Assim, Lacan dirá em 1972: “o ser falante, para dizê-lo, é essa relação perturbada com seu próprio corpo que se chama gozo” (LACAN, 1972-73, p. 39).

uso da linguagem, a linguagem enquanto utensílio do ser falante (Ibidem, p.12). Frente à verdade que sustenta o discurso do analista, aquela encontrada por Freud que podemos, com Lacan, definir como o furo no Outro, ou ainda, aquela que é definida como a inexistência da relação sexual – ou seja, há uma hiância que impossibilita o acesso do sujeito ao Outro enquanto tal – ele tomará a linguagem como aquilo que funciona como suplência desta impossibilidade, à proporção que se organiza como discurso, bem dizendo, como semblante.

Para Bruno (s/d, p.51), a verdade “nada mais é do que a falha a partir da qual nenhum saber pode esgotar o Outro” e, para sermos mais freudianos, diríamos que a verdade é o reconhecimento da castração.

Então, aqui entra *lalangue* enquanto momento pré-estrutural, um enxame de S1 desarticulados, um parasita do real que necessita ser tratado. Este tratamento é operado pela linguagem se entendemos que esta é o aparelho pelo qual se estrutura, como um saber – S2 –, o inconsciente. Assim sendo, a linguagem só existe enquanto uma elucubração de saber sobre *lalangue* – saber que se define como o que pode ser articulado pelo ser falante –, ela organiza as relações entre os elementos soltos e caóticos que são dados em primeiro plano. Segundo Mazzuca (2000, p.143), “a linguagem e o inconsciente como saber ficam do lado do simbólico, é o inconsciente intérprete”, *lalangue*, por seu turno, é um produto do real. Assim, Lacan é taxativo: “a linguagem não é o ser falante” (LACAN, 1972-72, p.10) ao que vai acrescentar, no final do mesmo seminário:

É igualmente enunciado que a linguagem serve para comunicação. A comunicação implica a referência. Só que, uma coisa é clara, a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamei *lalangue*.

Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *lalangue*, essa *lalangue* que vocês sabem que eu escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *lalangue* dita materna, e não por nada dita assim (LACAN, 1972-73, p. 188)

A referência é o que instaura e organiza o campo da linguagem na medida em que isola um S1, onde todos os outros significantes se referenciam enquanto S2, ou seja, o saber. Temos aí a matriz dos discursos, tal como Lacan concebeu em 1969²³. *Lalangue* é feita deste enxame de S1 que, uma vez destacado por ser diferença, por ser “*Um-entre-outros*”, não será um significante qualquer, mas a própria ordem significante na medida em que ela faz cadeia.

²³ Conferir Seminário 17, O Avesso da Psicanálise. Nesse sentido, vale notar que o inconsciente se organiza pelo discurso do mestre, neste Seminário Lacan deixa bem claro que: “essa noção de discurso deve ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem, e parece não deixar de ter relação com o que na lingüística se especifica como gramática” (LACAN, 1972-73, p. 28).

O S1, ou o significante mestre, é o que garante que “o sujeito copule com o saber” (LACAN, (1972-73, p.184).

Para tanto, um significante deve ser chamado a fazer signo, a ser o signo de um sujeito – ainda valendo a fórmula que define um sujeito por um significante que o representa para outro significante. Ora, vimos que o signo é justamente o que representa algo para alguém, o que Lacan acrescenta neste seminário é, portanto, efeito de um funcionamento significante, propriamente falando, é um efeito de sujeito (Ibidem, p. 68). É na medida em que um significante faz signo para um sujeito que ele referencia o campo da linguagem. Na primeira clínica de Lacan encontramos o Nome-do-Pai como ocupando o cargo deste significante privilegiado na neurose a referenciar o campo da linguagem. No segundo momento de seu ensino, porém, Lacan colocará que o S1 é o *sinthome*, e o *sinthome* pode até mesmo ser o pai, podendo funcionar em qualquer estrutura. Assim, podemos mesmo dizer que o S1 é o Um referido aos outros, enquanto tal organiza o campo da linguagem.

‘Mais, ainda’²⁴, o que Lacan ressalta neste seminário é que o estar vivo depende de um corpo do qual se goza. Ele pontua: “nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza” (Ibidem, p.35). Bom, mas só é possível gozar ao corporizar o corpo pelo significante, pois “sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo?”, em outras palavras, é o significante que permite o sujeito ter um corpo ao significantizá-lo (Ibidem, p.36). Então ele se pergunta novamente “O que é um significante?” e começa a responder desta forma: “Direi que o significante se situa no nível da substância gozante”²⁵ (LACAN, 1972-73 p.36), substância esta reconhecida como o corpo onde, para Lacan, se coloca a experiência analítica, ou seja, “na substância do corpo, com a condição que ela se defina apenas como aquilo que goza” (Ibidem, p. 35).

O significante é, neste contexto, a maneira que se tem de abordar o corpo, sendo causa e barra de seu gozo, nas palavras de Lacan, o significante faz alta ao gozo. Ele além de produzir sentido – ou mesmo por produzi-lo – carrega o gozo que o *ser falante*, justamente por sua condição de ser habitado pela linguagem, necessita de *aparelhar*. A aparelhagem do gozo pela linguagem é a idéia que precisamos trabalhar neste momento, ou seja, haveremos de tocar na linguagem pela sua vertente de real.

Bem, abro parênteses, portanto, para o gozo e aqui peço licença para trabalhar este conceito – lacaniano – segundo e seguindo outro autor, visto ser trabalho digno de outra

²⁴ Não sem propósito o título deste Seminário em francês é *Encore* que é uma palavra homófona de ‘*En corps*’, ou seja, ‘Um corpo’.

dissertação percorrer tal conceito em tão extensa obra.

1.3.2 O gozo a ser aparelhado

O que diz respeito ao ser, ao ser que se colocaria como absoluto, não é jamais senão a fratura, a rachadura, a interrupção da fórmula ser sexuado, no que este ser sexuado está interessado no gozo (LACAN, 1972-73, p.20).

O conceito de gozo se definiu, ganhou corpo e espaço durante o ensino de Lacan, até se valer do estatuto do próprio ser em sua obra. Miller (2005) consegue nos oferecer os caminhos do gozo pelo ensino de Lacan sem perder seu alicerce na teoria freudiana. Para este autor, em resumo, houve uma tentativa operada por Lacan para traduzir a libido freudiana, no conceito de gozo.

No começo de seu ensino, mais exatamente formalizado no Seminário IV ‘*As relações de objeto*’, Lacan acreditava poder tratar o gozo – que, para ele, pertencia ao imaginário, ou seja, à instância do eu freudiano – pelo significante do falo, um significante capaz de reduzir em si tudo que é do gozo. Nesta seqüência, o gozo passaria ao simbólico e ali seria tratado e relançado aos percalços do desejo, o que levou Lacan a apontar o sujeito da fala como vazio: vazio de libido.

No entanto, em determinado momento – Seminário VII ‘*A ética da psicanálise*’ – Lacan percebe que o gozo não é saturável pela instância significante do falo e tal percepção, qual seja, a percepção de que há sempre um resto que ao próprio corpo teórico não é permitido significantizar, relança seu ensino. Para Miller (2005, p.121) a mola – ou a causa como quiser, – do ensino de Lacan é justamente, neste sentido, a noção de gozo. Então, neste momento, Lacan vai valorizar a inovação freudiana, o qual apontou para uma ultrapassagem dos limites do prazer para o mais além do princípio do prazer e, decididamente, vai chamar esta ultrapassagem de gozo, pois reconhece que “o conceito de falo e de desejo não bastam para esgotar o que a pulsão e a satisfação em Freud comportam” (MILLER, 2005, p. 121).

Assim, no Seminário VII, Lacan liga o gozo à transgressão, pois que o considera essencialmente ligado ao excesso e, desta forma, somente parte deste gozo poderá ser moderada pelo significante uma vez que haverá sempre, irremovível, um resto que resiste. Em seguida, no Seminário XI “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, este resíduo de libido irreduzível ao falo se chamará ‘objeto *a*’, sendo elevado a um objeto da psicanálise, enquanto o falo desce de seu pedestal e se torna “nada mais que um semblante” (Ibidem, p. 123).

Desta forma, Lacan afinou o conceito de gozo ao não tratá-lo mais como transgressão, mas reconhecendo como fixo seu traço de excesso e qualificando o objeto *a* como resíduo libidinal, pois o falo não satura a questão do gozo.

Ainda segundo Miller (2005), contemporaneamente ao Seminário XVII, “O avesso da psicanálise”, ao elaborar os matemas dos discursos, Lacan dá um novo salto que consiste em três traços principais:

1. Ele qualifica o objeto *a* como “mais-de-gozar”. Aqui Lacan vai falar de uma anulação do gozo pelo significante do falo, mas esta operação não é sem resto. Assim, o objeto *a* enquanto “mais-de-gozar” é o excesso de gozo que insiste depois de passar por alguma anulação pelo significante fálico.

2. Acentua o aspecto lógico do objeto *a* na medida em que este se faz termo, um elemento, na estrutura do próprio discurso. O discurso seria ele mesmo uma forma de logicizar o objeto não absorvido pelo significante fálico.

3. E, talvez o aspecto mais importante para nosso tema, é quando Lacan faz do gozo uma instância primária a partir da qual se situa o significante e o sujeito. Assim:

Esse seminário introduz a relação primitiva do saber ao gozo, saber entendido como a relação de S1 a S2. Essa relação primitiva é feita para dar conta do que, sendo da ordem simbólica, o significante, a articulação significante, surge na junção com o gozo (MILLER, 2005, p. 124).

Neste sentido, o sujeito é um “rebento” que se constitui a partir de uma relação particular: a do significante com o gozo. O caráter real do gozo se afirma e, no mesmo golpe em que afirmamos seu caráter primário reduzimos o significante a um semblante. Este salto teórico desembocará ainda em nosso seminário chave – o XX – onde Lacan vai reafirmar o gozo enquanto primário e o simbólico, com suas “categorias significantes”, como sendo sempre da ordem de um semblante.

Bem entendido: “o gozo é uma instância primária e o sujeito está sob seu primado” (Ibidem, p.125). Aqui o objeto *a* que, uma vez tratado como positivo do gozo, é insuficiente para “designar a dimensão positiva não eliminável do gozo, como uma espécie de gozo primário, a partir da qual ressitua o conjunto dos significantes” (Ibidem, p.142). O gozo não pode mais ser visto como um elemento tal como aparece na forma de objeto *a* onde se situa em um discurso. O gozo é diferente de um elemento e foi por isto que neste seminário ele introduz a teoria dos nós, tentativa de, mais uma vez, formalizar algo do gozo (Ibidem, p.247).

Assim, para Lacan (1972-73), o que funda o ser é o gozo, pois “a linguagem não é o

ser falante” (ibidem, p. 10), repitamos esta frase. Na seqüência, Lacan nos aponta o Direito como local de manifestação da linguagem em sua utilidade própria: fazer existir um código que possibilita “repartir, distribuir, retribuir o que diz respeito ao gozo” (Ibidem, p. 11). O direito, com seus códigos, essencialmente com a lei do usufruto, instituem as formas possíveis de se gozar com seus próprios meios, mas não permite “enxovalhá-los”. Desta forma, ao lado do gozo “que não serve pra nada”, encontramos a linguagem com um certo “valor de uso, ou seja, o estatuto de utensílio” (Ibidem, p.11-12).

1.3.3 O aparelho de linguagem

Aqui entra definitivamente a noção de ‘aparelho de linguagem’. Para Lacan:

A realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Aí está a fórmula que lhes proponho, se é que podemos convir que, aparelho, não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado (Lacan, 1972-73, p. 75).

A linguagem, enquanto aparelho de gozo, é aquela que permite sustentar o axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O indivíduo que é afetado pelo inconsciente só pode ser o que Lacan chamou de sujeito do significante, à medida que a linguagem ofereceu suporte, quando de um enxame de S1. Um significante que faz signo e instaura não só uma ordem como a dos discursos, mas uma aparelhagem capaz de interagir com o gozo enquanto não-elemento, na medida em que a fala concerne ao gozo, pois “aonde isso fala, isso goza” (Ibidem, p.156).

Ora, vamos com o Lacan dos matemas – onde os elementos se articulam – aos nós, “rodinhas” que se engancham umas nas outras. É a diferença entre o que se espera do gozo – seja a cópula, a ausência de castração, um gozo absoluto ou a existência da relação sexual – ,e o gozo que se pode obter, que sustenta, no campo da linguagem, o que se pode dizer e os semblantes como supostos caminhos da satisfação completa. Para Lacan (Ibidem. P.153), “para o que é do gozo é preciso colocar a falsa finalidade como respondendo ao que é apenas pura falácia de um gozo que seria adequado à relação sexual”.

Em relação ao S1, o inconsciente estruturado como uma linguagem articula S2, o saber, em torno do gozo se fazendo o próprio limite: limite que impossibilita, como vimos, que a verdade seja toda dita. Enquanto ponto limite, Lacan nos declara que “o gozo só se

interpela, só se evoca, só se suprema, só se elabora, a partir de um semblante”. (Ibidem, p. 124) e, podemos mesmo afirmar, que neste seminário suas elaborações e conceitos são todos – inclusive o objeto *a* – colocados na categoria de semblantes, ou seja, algo que venha **em torno do gozo se aparelhar pela linguagem**.

Finalizando esta primeira parte do trabalho cabe ainda, a título de transmissão, recorrer ao que Lacan chamou lingüisteria. Tal neologismo foi criado por ele a fim de pontuar a diferença entre a linguagem tal como a concebe a psicanálise e a linguagem da lingüística. Para a psicanálise há uma distância entre o dizer e o dito, distância crucial, pois que é só no dito que encontramos o inconsciente. **A linguagem na psicanálise é marcada pela falha, pela hiância** que permite que um certo número de coisas aconteçam simplesmente porque somos seres que habitam a linguagem. Vale lembrar que C. Garcia (2003; 308) pontuou a contraposição da Língua como sistema tal como Saussure a elaborou – idéia da qual Lacan extraiu o sintoma como mensagem referida a um código – e o “aparelho de linguagem”, onde o sintoma se torna um dispositivo de gozo.

A linguagem da lingüística é vazia de gozo, enquanto a psicanálise insere o gozo na própria fala fazendo dele o próprio motor da linguagem. O significante, que antes era encarregado do inconsciente estruturado como uma linguagem, ganha um para além, um mais ainda, quando reconhecemos em seu bojo o que sói qualificar de gozo. Como gosto, as palavras de Lacan:

Mas, se considerarmos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de lingüisteria (LACAN, 1972-73 p.25).

O objetivo deste capítulo resume-se em resgatar alguns conceitos fundamentais para entendermos o funcionamento da linguagem e do aparelho psíquico na obra de Lacan até encontrarmos o ‘aparelho de linguagem’. Este, por sua vez, é suposto suporte neste trabalho no que se trata de pensarmos a linguagem na psicose, como já “sabia” Fabiano. Com efeito, não é novidade para a psicanálise que, em pacientes psicóticos, os arranjos lingüísticos serão sempre de uma ordem diversa da neurose. O axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” leva Lacan ao “inconsciente a céu aberto da psicose”, com seus processos à deriva, sem a incidência do recalque. É o momento da prevalência do simbólico, do referente do Nome-do-Pai ser privilegiado e resgatado do Outro enquanto tesouro do significante. É o momento da maquinaria simbólica que determina o sujeito representado por um significante a

outro significante e do signo definido como o que representa algo para alguém. Nesta perspectiva a psicose fica como que deficitária.

Mais tarde, porém, Lacan vislumbra a linguagem como uma invenção a partir do encontro do *parletre* com a língua. Lacan define *lalangue*: sons desarticulados que trilham o gozo no aparelho de linguagem. O signo agora faz cifra de gozo para um sujeito e a maquinaria, simbólica, dá lugar ao aparelho que está mais conforme com *lalangue*, com o que de real encontramos na linguagem. Nesta perspectiva, nos perguntamos sobre a invenção psicótica da linguagem, enquanto poderia funcionar, assim como para neurose como uma suplência, uma invenção organizada pelo aparelho que não somente trabalha com o sentido ou não trabalha com ele, conforme Lacan observa no Seminário 23 (1975) sobre o trato operado na língua por James Joyce, – mas com o gozo e sua fixação. Resta então situar a questão da linguagem no que se refere especificamente à psicose, a fim de buscarmos a possibilidade de seu aparelho.

2 SOBRE A LINGUAGEM NA PSICOSE: APARELHAMENTO E SIGNIFICANTE

Antipeça

Fox

Trot

Cerveja

Fox: Você gosta de galinha?

Trot: Sim. Todo mundo está falando sobre cerveja.

Cerveja: Eu estou gordo.

Fox: Que tal uma azeitona?

Trot: Onde é a cena da parte alta da cidade?

Cerveja: Carl foi baleado na parte baixa da cidade.

Fox: quem o acompanhou até a parte alta?

Trot: Eu protesto,

Não havia exorcismo.

(Carl Solomon)²⁶

Neste capítulo desenvolveremos alguns pontos a respeito das particularidades da linguagem na psicose, precisamente a possibilidade de existência de um aparelhamento do gozo via linguagem bem como as propriedades dos significantes nesta organização particular. Vale pontuar que tais pontos foram levantados a partir do que o caso de Fabiano coloca em questão.

No capítulo anterior a discussão girou em torno da questão da linguagem pelo viés do significante. Vimos que, ao final do ensino de Lacan, a linguagem notada pela vertente do real é uma elaboração de saber a partir de *alíngua* e que se configura conforme um aparelho: neste sentido é artificial e depende de um ordenamento, de uma formalização capaz de funcionar para um sujeito. Na neurose tal aparelho se propõe a agenciar o gozo articulado ao significante e ao sentido. Mas do que se trata quando falamos em psicose?

Já que falaremos ainda em aparelho de linguagem, vale lembrar que a noção de aparelho é, desde sempre, usada na psicanálise. Desta forma, seria interessante extrair do ‘aparelho’ sua função, seu uso nesta prática. Antes disso, porém, acrescentaremos o uso da

²⁶ Carl Solomon, após encontro com Allen Ginsberg – idealizador do movimento *beat generation* nos Estados Unidos - durante uma internação psiquiátrica que se deu após pedir, aos gritos na frente do hospital, “eletrocussão imediata” (ao tomar seu grande ídolo, Antonin Artaud ao pé da letra e tentar se tornar um “suicidado pela sociedade”) se torna parte do movimento da *beat generation*, se torna escritor. Carl Solomon pode nos mostrar a ironia, a falta de referente comum na linguagem que, aqui, não serve para comunicação. Como diria José Thomaz Brum, autor do prefácio do livro de Solomon, “De repente, acidentes”, Solomon se mostra “preso à linguagem, sufocado de cultura, mesmo assim ele ri um riso rabiscado, quebrado, fragmentado”.

palavra “aparelho” em nosso português segundo a definição do Aurélio. O ‘aparelho’ tem como primeira definição a idéia de ‘aparelhamento’ seguido, sequencialmente, por:

2. disposição, organização; 3. conjunto de mecanismos de finalidade específica numa máquina, engenho, etc. 4. máquina, instrumento, objeto ou utensílio para determinado uso (...); 6. designação genérica de grupo de órgãos que agem em conjunto usando cumprir uma função especial como aparelho digestivo (...)” (FERREIRA, Aurélio.1999,p.161).

Tendo visto tal definição, vale guardar para o aparelho seu significado retendo a idéia de uma organização, ou uma máquina, que tem por finalidade cumprir determinado uso.

2.1 A idéia de aparelho na psicanálise

Em psicanálise encontramos no ‘Projeto para uma psicologia científica’ (setembro/1895), Freud, neurologista, já desenvolvendo o que chamou de ‘aparelho psíquico’ tentando delinear o que seria o funcionamento psíquico, através de um método de abordagem quantitativo, o qual colocava em cena o que ele determinava como energia psíquica. Em outubro de 1895, se endereçando ao seu interlocutor privilegiado, Wilhem Fliess²⁷, escreve “Tudo pareceu encaixar-se e as engrenagens se ajustavam dando a impressão de que o conjunto era realmente uma máquina que logo começaria a andar sozinha” (FREUD, 1895, p.337). Curioso ainda apreciar na ‘Introdução do Editor Inglês’ a analogia que se faz do aparelho de Freud com um computador eletrônico, pois “ambos trabalham para receber, armazenar, processar e fornecer informações” (STRACHEY, 1996, p. 344).

Em dezembro de 1896, na conhecida Carta 52 também endereçada a Fliess, Freud descreve o mecanismo psíquico em um esquema de cinco registros onde acontecem retranscrições de traços de memória que irão compor a realidade psíquica bem como explicar os fenômenos psicopatológicos. O aparelho psíquico, aqui, é um aparelho de memória na medida em que retém os “traços mnêmicos” como organizadores deste. Vale acrescentar que a terceira transcrição já depende destes traços se associarem às representações verbais – ou, à

²⁷ Wilhem Fliess (1858-1928) foi um grande interlocutor de Freud. Fliess era um médico especialmente interessado em biologia geral, especialista em nariz e garganta. Homem de inteligência indiscutível, para J.Strachey, apesar de Fliess ter construído teses hoje consideradas indefensáveis, era “mais acessível às idéias de Freud que qualquer outro contemporâneo” (Ibidem, 1996, p. 219). Sendo assim, Freud lhe encaminhava cartas e documentos – os chamados ‘Rascunhos’ – onde dispunha a evolução de seus próprios pensamentos e teorias tendo, então, este material, se tornado caro à psicanálise.

linguagem – e é desta forma responsável pelo reconhecimento do ego do sujeito. Aqui encontramos o esboço do que será os quadros esquemáticos do aparelho psíquico descritos no capítulo VII da ‘Interpretação dos Sonhos’ (FREUD, 1900).

Neste trabalho impar, Freud já usa a palavra ‘aparelho’ se referindo a um instrumento composto por sistemas psíquicos dispostos em uma ordem fixa para explicar o funcionamento mental. Tal aparelho, não tem, destaca Freud, uma localização anatômica e se reserva a permanecer em um campo psicológico propondo “simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções mentais como algo semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo deste tipo” (FREUD, 1900, p.566). Freud acrescenta ainda que o aparelho psíquico, já que não é localizável anatomicamente, depende de uma organização espacial – onde cada sistema teria sua colocação em relação ao outro sistema – ou, para também prescindir disto, que haja uma organização temporal. Prevemos aí, o aparecimento de um ordenamento simbólico na medida em que espaço e tempo organizam a subjetividade em um nível simbólico. Esta versão do aparelho psíquico de Freud irá perpassar ainda toda sua obra.

O aparelho psíquico de Freud não passou despercebido por Lacan. Em seu Seminário II, ‘o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise’ (LACAN 1954-55), salienta então que o esquema de Freud na ‘*Interpretação dos Sonhos*’ muda de sentido quando em detrimento de uma localização anatômica ele se refere a algo verdadeiramente imaterial e acrescenta as dimensões espacial e temporal. Assim, Lacan destaca que existem dimensões novas em suas categorias e coloca decididamente “ainda que isso [o esquema] possa encarnar-se num modelo mecânico, passamos de um modelo mecânico a um modelo lógico” (LACAN, 1954-55, p.154).

Para Lacan, é indubitável que Freud, nesta obra, e mesmo ao lançar mão do recurso de um aparelho psíquico segundo um modelo lógico, está não só tratando de uma teoria dos sonhos e avançando em suas considerações sobre as psiconeuroses, mas, e, sobretudo, ele se debruçava na estrutura da linguagem em geral e, especialmente, nas relações do homem com a linguagem, com o simbólico. Com o aparelho de Freud, Lacan faz uma interlocução com a cibernética e realça que, assim como nestas “maquininhas”, a linguagem veio de fora e funciona conforme uma lógica – simbólica – donde parte para dizer:

Por que será que ficamos tão admirados com estas máquinas? Talvez isto possa ter algo a ver com as dificuldades que Freud encontrou. Pois a cibernética também procede de um movimento de admiração ao reencontrá-la, esta linguagem humana, funcionando quase sozinha, parecendo passar-nos a perna (Ibidem, p.154).

Às voltas com o reconhecimento de uma instância simbólica, Lacan (Ibidem) usou o aparelho de Freud para sustentar suas hipóteses sobre a relação do sujeito com a função simbólica ao reconhecer um parentesco entre a ordem simbólica e a máquina estratégica. Desta forma, faz uma leitura do aparelho freudiano em termos de inscrições de presença e ausência que se alternam como em um jogo de sorte. Entretanto, em determinado momento, o que era um jogo de sorte passa a ter uma lógica e, tendo reconhecido esta lógica, Lacan declara: “jogar é ir ao encaixe de uma regularidade presumida” (Ibidem, p. 152). Assim ele demonstra como o jogo do símbolo organiza o sujeito e, alguns anos mais tarde ele ainda vai dizer: “A teoria dos jogos, melhor chamada de estratégia, é o exemplo disso, nela se tirando proveito do caráter inteiramente calculável de um sujeito estritamente reduzido à fórmula de uma matriz de combinações significantes” (LACAN, 1965, p. 874)

No ano seguinte ao Seminário II (LACAN, 1955-56, p.290), no seu terceiro Seminário: ‘As Psicoses’ parte da *Traumdeutung* de Freud, o qual chamou de “aparelho do significante” um dispositivo cujo material fundamental é o significante na medida em que é algo que, por seus traços inscreve e trilha os caminhos do desejo para cada sujeito. A realidade, na neurose, depende de uma integração de um sujeito no jogo dos significantes, por isto é possível dizer que o neurótico habita a linguagem e, se ele a habita, “o psicótico, [entretanto] é habitado, possuído, pela linguagem” (Ibidem, p.284).

Assim, notemos que Lacan vai usar novamente a idéia de aparelho de linguagem para explicar os “fenômenos elementares” conforme destacou Clérambault²⁸ – apontando seu mecanismo sucinta e precisamente como uma “síndrome de ação exterior” – colocando em evidência a relação de exterioridade do sujeito ao significante. Tal observação, se bem usada, nos coloca na direção clínica para o reconhecimento de um psicótico ainda não desencadeado ao perceber o uso singular da linguagem que fala. Valiosa apreciação: reconhecer a posição de um sujeito frente à linguagem.

A síndrome de influência deixa ainda certas coisas no vago, mas a síndrome de ação exterior, por mais ingênua que pareça, sublinha bem a dimensão essencial do fenômeno, a exterioridade do psicótico em relação ao aparelho de linguagem. Daí se pôr a questão se o psicótico verdadeiramente entrou na linguagem” (Ibidem, p. 285).

No entanto, não foi só o aparelho psíquico – e as posteriores roupagens, as novas aparelhagens, que lhe deu Lacan – que foi definido na psicanálise. Certamente poderão ser

²⁸ Gaetan Gatian de Clérambault (1872-1934) era um psiquiatra francês interessado, sobretudo, no estudo das alucinações e delírios de pacientes esquizofrênicos. A partir daí, conceituou o ‘automatismo mental’ e temos inclusive uma ‘Síndrome de Clérambault’, a nossa conhecida “erotomania”.

levantados outros “aparelhos” como, por exemplo, o aparelho de fala que Freud anuncia no Apêndice C²⁹ de seu texto intitulado ‘*O Inconsciente*’ (1915). Neste último, Freud parece retomar o que começou na ‘*Traumdeutung*’, ou seja, o funcionamento do inconsciente e suas relações com outras partes do aparelho psíquico. Pois bem: temos um inconsciente vivo, que funciona nos trilhos do processo primário – se valendo da condensação e do deslocamento – está sujeito ao princípio do prazer desconsiderando a realidade, é isento de contradição e intemporal.

No capítulo VII deste texto, porém, vai se propor a analisar as ‘psiconeuroses narcísicas’ a fim de elucidar o que permanecia obscuro quanto ao inconsciente. Freud está falando da esquizofrenia esclarecendo que, nestes pacientes, houve um restabelecimento de uma condição primitiva de narcisismo, ou seja, as catexias objetais foram esquecidas e depositadas no ego.

Além disto, Freud nota que nos esquizofrênicos encontramos muitas modificações na fala e, retomando suas idéias descritas no texto ‘*Afásias*’ (1891), reconhece “o que empresta o caráter de estranheza à formação substitutiva e ao sintoma na esquizofrenia (...) é a predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas” (FREUD, 1915, p. 205). Com isto nos mostra em que um sintoma na esquizofrenia se torna diferente de um sintoma neurótico, pois este último funciona como uma metáfora ao passar por um processo de substituição que se prende a alguma similaridade entre as coisas denotadas. Na esquizofrenia o que suporta a substituição (que não podemos dizer ‘metafórica’) é, por outro lado, a uniformidade das palavras.

Assim, é possível reconhecer em um paciente o diagnóstico de esquizofrenia a despeito das preconizações da Cid-10 ao escutá-lo dizer que procurou um serviço de atendimento à Saúde Mental para tentar resolver um problema físico: Leandro, como o chamarei, desde 1998, depois de ficar persecutório com uma vizinha que “invejava” seus quadros – quadros pintados e montados com materiais de toda sorte – começou a andar a esmo e, logo em seguida, se apropriou de uma sacola de plástico onde coloca duas peças de roupas. Esta sacola se tornou então indispensável para que ele andasse, pois estava se sentindo “desequilibrado e fraco”, como me diz, “física e mentalmente”. Curioso observar, tendo como inspiração os exemplos de Vitor Tausk que propôs para esquizofrenia uma ‘língua de

²⁹ Trata-se de um enxerto da monografia de Freud sobre as Afásias (1891) que foi acrescentado, devido a seu aspecto contundente em relação às representações de coisa e de palavras discutidas em ‘O Inconsciente’ (1915).

órgão³⁰, que, quando pedido para andar pela sala sem a sacola ele andava normalmente, mas continuava afirmando, veementemente, estar “desequilibrado”. Se, se tratasse de um caso de histeria, segundo Freud e Tausk, veríamos um sujeito cair no chão sem a menor associação entre o desequilíbrio físico e o mental, pois que o recalque se encarregaria de manter as duas idéias afastadas e só atualizadas metaforicamente no sintoma, poderíamos acrescentar, que as idéias recalcadas seriam representadas pelo sintoma uma vez que tratamos com significantes. Para Leandro, no entanto, o significante não representa, mas designa e ele fica desequilibrado.

Portanto, ao passar pela esquizofrenia e suas perturbações da fala, Freud retoma o **aparelho da fala** (grifo nosso) (ou aparelho fonador) que consistia em um esquema hipotético discutido sobre bases neurológicas, conforme descreveu no texto das ‘*Afásias*’ (um debate pré-psicanalítico, no qual Freud tentava dispor, como era de sua alçada, processos psíquicos dentro de um funcionamento neurológico), para indicar que este funciona na medida em que uma palavra é um complexo processo associativo onde “se reúnem os elementos de origem visual, acústica e cenestésica” que são os componentes da palavra. Mas, esta só adquire seu significado ligando-se a uma representação do objeto que, por sua vez, também é um complexo de associações. Este é formado de apresentações visuais, táteis, acústicas, cenestésicas entre outras e, não como se poderia supor, por uma relação direta e unívoca entre objeto – sua imagem visual – e sua representação acústica. Princípio do simbólico, a palavra não é a coisa.

A partir destas pontuações, tentamos entender sobre o “aparelho” em psicanálise e, podemos inferir que o aparelho é sempre algo, munido de lógica própria, é capaz de organizar o que ainda não tem localização, fazer funcionar, efetivamente, o que ainda não operou. Ele parte de um modelo mecânico e não raro é comparado às máquinas modernas, capazes de colher, armazenar, processar e fornecer, de modo organizado, informações. Assim, o aparelho psíquico é o responsável pelo ordenamento da subjetividade e, mais ainda, do inconsciente.

O aparelho fonador, para Freud, liga as palavras em sua natural dispersão aos objetos e também, na medida em que é o responsável por ligar palavra e coisa, funciona como organizador. Para Lacan, no início de seu ensino, o aparelho sustenta a idéia de máquina simbólica que, naquele momento, era praticamente sinônimo de sujeito que se organiza nas leis do significante e do desejo. Anos mais tarde teremos, como vimos, o aparelho de

³⁰ A ‘língua de órgão’, ou ‘fala de órgão’ ou ainda ‘fala hipocondríaca’, foi descrita por Vitor Tausk e destacada por Freud em 1915 no supracitado texto. Tal conceito visa apontar para o fato de que todo “encadeamento de pensamento é dominado pelo elemento que possui como conteúdo uma inervação do corpo (ou, antes, a sensação dela)” (Ibidem, p.203). Tal concepção está ancorada no fato das palavras predominarem sobre as coisas e, sobretudo, ao estatuto do corpo na esquizofrenia, ponto a ser discutido.

linguagem funcionando como aparelho de gozo.

Com efeito, a idéia de aparelho não deixou de permear a clínica da psicose. Neste trabalho, escolhemos, portanto, seguir usando um aparelho curioso minuciosamente descrito por Vitor Tausk como o ‘Aparelho (de influenciar) da psicose’ pensando que o mesmo pode nos acrescentar algo em torno da questão da linguagem aparelhada na psicose na medida em que Tausk consegue descrever, a partir da observação de seus pacientes, um aparelho exterior que ordena, de alguma forma, os fenômenos de um sujeito.

2.2 O aparelho de influenciar na psicose: o artifício de Vitor Tausk

À medida que a difusão das ciências técnicas avança, vê-se que todas as forças naturais domesticadas pela técnica são trazidas a contribuir na explicação do funcionamento deste aparelho; mas o conjunto das invenções humanas não basta para explicar as notáveis ações desta máquina pela qual os doentes se sentem perseguidos (TAUSK, 1919, p. 41).

Tausk (1879-1919), para uma pequena apresentação, teve uma curta participação na história da psicanálise, precisamente, uma participação de dez anos. Aos trinta anos de idade ingressou no grupo de Viena que se reunia em torno de Freud. Nesta ocasião formou-se em medicina, sempre direcionando sua prática para a psiquiatria, pois se interessava diretamente pela loucura. Com a vida interrompida aos quarenta, Vitor Tausk deixou, como sua mais importante obra, entre outros trabalhos, o artigo intitulado “Da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia”, publicado no ano de sua morte.

Tausk se destacou como personagem polêmico na psicanálise e sua relação com Freud era marcada por uma instabilidade, às vezes pela discórdia. Inovador, tendo constituído seu campo pela experiência com a clínica da psicose. Ele explorou domínios antes não tocados pela psicanálise. Sua vida finaliza-se com um suicídio aos quarenta anos, deixando na história da psicanálise um marco de interrogação e silêncio em torno de sua vida e sua obra.

O aparelho, observado por Tausk em pacientes esquizofrênicos, é, segundo sua definição, um “instrumento construído pelo delírio”, ou ainda “é uma máquina (...). Compõe-se de caixas, manivelas, alavancas, rodas, botões, fios, bateria, etc.” que normalmente não são bem situadas e definidas pelo sujeito, só podendo ser evocadas por alusões (TAUSK, 1914, p. 40). Diferentemente da psiquiatria em vigor, que se restringia a descrever os quadros, Tausk procura identificar a significação dos sintomas em um contexto histórico e estrutural a fim de

vislumbrar o mecanismo psíquico e, seguindo a tradição já lançada por Freud quando estudou o caso Schreber, Tausk dá o determinado valor conferido ao delírio pela psicanálise, ou seja, para ele também o delírio é uma tentativa de cura.

Para Tausk, novamente nos rumos da psicanálise, são os exemplos isolados e únicos que permitem observar as “origens e as condições de aparecimento dos sintomas”, dando luz, assim, para explicações sobre os quadros que chama *de* “invariavelmente idênticos” (Ibidem, p.40). Portanto, reconhecemos em Tausk – na contramão da psiquiatria – uma busca pela significação dos sintomas e de uma lógica do mecanismo psíquico em casos isolados. Desta forma, Tausk interpreta o aparelho de influenciar e enumera uma série de efeitos de seu funcionamento:

1. Ele pode apresentar imagens ao sujeito, como um cinema, um projetor.
2. Ele é capaz de produzir ou furta os pensamentos e/ou sentimentos do paciente via ondas, raios ou forças ocultas, uma vez que está sob o comando do perseguidor.
3. O aparelho pode produzir ações motoras no corpo do paciente como ereções e poluções. Tais ações também são efeitos produzidos por correntes elétricas, ou magnéticas, raios-X, etc.
4. Produzem sensações muitas vezes indescritíveis, outras são comparadas pelo paciente como, por exemplo, de uma corrente elétrica.
5. O aparelho é responsável por outros fenômenos somáticos que são sentidos como implantados no sujeito. Assim, uma erupção cutânea ou um furúnculo é algo atribuível ao aparelho.
7. O aparelho é manipulado por um perseguidor inimigo do sujeito que o coloca em funcionamento de forma obscura e enigmática (Ibidem, p. 41).

O aparelho nem sempre se constitui como um aparelho, ou seja, nem sempre o paciente pode reconhecê-lo como tal, sendo, muitas vezes, apenas reconhecido como uma “influência psíquica estranha, uma sugestão, uma força telepática...” (Ibidem, p. 42). Assim, segundo Tausk, o próprio aparelho seria uma manifestação mais tardia da doença, donde poderíamos inferir que a montagem do aparelho, sua elaboração via delírio, depende de um tempo de construção.

Para ilustrar este “estágio anterior” posso colocar um caso de esquizofrenia - cujo sujeito chamarei Augusto - atendido por mim, onde o paciente, mesmo estando devidamente “estabilizado”, diz: “às vezes não sinto meu corpo e não sei para onde estou indo. Parece que tem alguém me guiando, me levando. É (...) dizem que é Deus que está no comando de tudo. Deve ser isto”. O que se torna mais relevante aqui, seu delírio “visa encontrar uma causa para as transformações patológicas que dominam a vida afetiva e sensorial do doente e que são

patentemente sentidas como estranhas e desagradáveis” (op.cit., p35

Vitor Tausk chama a atenção para a necessidade humana de encontramos uma causalidade para explicar os acontecimentos. No entanto, ele abre parênteses para falar de alguns esquizofrênicos, em estágio inicial da doença, que a despeito de sentirem profundas transformações físicas e psíquicas, não procuram explicação em algo exterior, só reconhecem as transformações com um sentimento de estranheza. Aqui podemos relembrar o caso citado no item anterior – o caso Leandro – e seu desconforto que me descreve como uma “esquisiteza no meu corpo físico” sem, no entanto, elaborar algo a mais em torno disto. Para Tausk (Ibidem, p. 43), “Partindo daí, estaríamos no ponto de admitir que o aparelho de influenciar é o ponto final da evolução do sintoma, que teve início com simples sentimentos de transformação”.

Desta forma, Vitor Tausk postula “fases” para o desenvolvimento do aparelho de influenciar. Primeiramente temos uma sensação inominável sentida ao nível do corpo do esquizofrênico – sensação descrita com, na maioria das vezes, grande perplexidade. Segundo: encontramos o delírio de influência onde o sujeito localiza algo exterior que seria responsável pelas sensações estranhas. Terceiro: o aparelho de influenciar que, mesmo que nunca seja descrito ou organizado pelo sujeito, é um momento que podemos calcular como lógico, tendo em vista a posição do sujeito.

Assim, para Birman (1990) o aparelho de influenciar, tal como Tausk o descreveu, não é uma simples formação psíquica, mas seu destaque na obra de seu observador se deveu ao fato do aparelho ser um momento necessário que permite restaurar o sentido na perplexidade da experiência psicótica. Ora, sabemos que, ainda que esquizofrênicos, é o sentido um possível ordenador do infortúnio do **desmembramento** (grifo nosso) da experiência psíquica e, assim, via sentido delirante, o sujeito pode rearranjar sua vivência.

No entanto, para além da via do sentido, não poderia passar despercebida uma idéia segundo a qual, para Tausk, o aparelho de influenciar seria uma simbolização, em primeiro lugar dos órgãos genitais³¹ e, em segundo, da imagem do corpo próprio. É em termos de libido e sua organização – no auto-erotismo e narcisismo – que ele vai tratar, então, as questões referentes à psicose.

Para Tausk (1919 [1990]), na psicose há uma regressão a um estágio infantil onde a libido ainda não foi capaz de investir em objetos do mundo exterior e permanece caótica, dispersa no corpo do sujeito que é, ele todo, tomado como fonte erótica – o corpo todo é um

³¹ Para acompanhar tal interpretação devemos nos lembrar que nesta época a psicose era trabalhada a partir das descobertas feitas na neurose e especialmente esta interpretação – da máquina ser uma representação simbólica dos órgãos genitais do sujeito – é “emprestada” das interpretações dos sonhos.

órgão genital erogeneizado e sem regulação. Desta forma, a criança não conhece ainda o que poderia ser um corpo em unidade: é o que conhecemos como auto-erotismo.

Sabemos, tendo visto as elaborações do capítulo anterior, que para se ter um corpo é preciso significantizá-lo, o que se materializa em um corpo sexuado onde o sujeito se reconhece na partilha dos sexos e ordena seu gozo: aqui podemos dizer que se tem um corpo, na medida em que é possível fazer determinado uso dele, um uso sexual precisamente. Já sabemos também que, para tanto, é necessário um golpe onde o sujeito reajusta sua relação com a linguagem organizando o sentido via um significante privilegiado na neurose via Nome-do-Pai enquanto significante da lei. Antes disto, porém, é necessário ter um corpo, mesmo que ainda não saibamos como usá-lo.

No desenvolvimento dito “normal” do sujeito, o narcisismo faria sua parte ao dar um corpo ao sujeito pelo processo de identificação. Aqui a libido toma o corpo como um objeto, um objeto, vale dizer, unificado e Tausk pode falar em uma identificação com o corpo próprio. Então, neste momento, o narcisismo já sugeria uma relação com o eu e o auto-erotismo: tratava-se, portanto, de uma relação com os órgãos enquanto fontes de prazer (TAUSK, 1919[1990], p. 61).

Com efeito, reconhecemos aqui, um trabalho de organização da libido e, conseqüentemente de organização das relações objetais – porque não dizermos um aparelhamento? – que deveria culminar com o complexo de castração no curso de uma neurose. O que vemos, entretanto, na psicose, é um estado de fixação em momentos lógicos anteriores. Ainda assim, poderemos constatar um trabalho sobre as observações de Vitor Tausk do aparelho de influenciar. Elas nos apresentam de forma inédita ao estudar a psicose, de uma tentativa de **aparelhamento** (grifo nosso) mesmo da libido – na medida em que esta poderia se organizar em um corpo, mesmo que fora – para além de sua função de conceder sentido ao real. Veremos, ao final do capítulo, como estas teorizações se articulam com o **corpo teórico e o aparelho** (grifo nosso) de Lacan.

Afinal, o aparelho já pode ser pensado como algo que vem para ordenar, na medida em que é uma elaboração delirante e, agora mais ainda um aparelhamento da libido, a experiência esquizofrênica no nível do corpo: é uma elaboração em torno do impensável. O aparelho de influenciar é uma máquina complicada e, quando manipulado, o que acontece no aparelho acontece também no corpo próprio. Há uma identificação da máquina com o corpo próprio e chama-nos a atenção quando pensamos que a saída para esquizofrenia seria encontrar uma solução para a falta do corpo próprio, ou melhor, para o corpo despedaçado.

Neste ponto, recorreremos a mais um fragmento clínico. Marcelo, 34 anos, teve seu

primeiro surto aos dezessete quando namorava a empregada doméstica de respeitada e rica senhora da sociedade. Marcelo, entre outros acontecimentos, percebe que enquanto namorava, a patroa da moça ficava observando, e inferiu, em conseqüência, que ela o amava. Nunca tendo lhe dirigido uma palavra sequer, Marcelo descreve um relacionamento muito íntimo entre ele e a patroa de sua namorada, inclusive ela é a voz que ainda lhe fala coisas boas e lhe dá direcionamentos através de conselhos irrevogáveis.

Marcelo sendo um rapaz extremamente gentil e afetuoso no trato com as pessoas - porque aprendeu com seu pai tal comportamento - tem, porém, um grande incômodo com o que escuta – como fenômeno imposto – em seu próprio pensamento: invasivos “*palavrões*”, ou as palavras de “*baixo escalão*”, como a elas se refere. Marcelo revela então que tais palavrões não o pertencem sendo um produto de um aparelho, que apesar de não conseguir explicar sobre ele, sabe que foi colocado em sua mente pela célebre senhora. ‘

Este aparelho se chama **ESCARLIGHT** – *light* como se vê nos produtos de emagrecimento, explica – é responsável por **escarrar** palavrões em sua cabeça, o que lhe gera desconforto e um trabalho dispendioso, uma vez que, quando alguém se aproxima o *escarlight* ofende as pessoas com sua série de palavrões obscenos em seu pensamento – enquanto vale dizer, ele mussita – e Marcelo precisa anular este efeito fazendo elogios a estas pessoas. É certamente o paciente mais gentil do Caps³² onde se trata.

O *escarlight* é o aparelho colocado em sua mente – e nem por isto deixa de lhe ser exterior – que explica os pensamentos impostos em forma de palavrões insuportáveis. A causa que explica a presença do aparelho é a senhora o ter colocado lá para testar sua bondade, pois ela ama Marcelo, mas ele deve ser bom, ter uma conduta irrepreensível. O mais interessante, neste caso, é poder reconhecer que as palavras podem ser impostas assim como as sensações e toda sorte de mal estar. Tais palavras não o pertencem e, mesmo assim, o assolam e o colocam a trabalho. As palavras vêm de fora, mesmo que estejam em seu pensamento, vêm precisamente de um aparelho colocado em sua mente. Com o *escarlight* Marcelo pôde interpretar sua experiência, e nos aponta para um aparelhamento de gozo na medida em que há uma localização exterior ao corpo da experiência psicótica.

O aparelho de Marcelo dá sentido à desorganização da própria linguagem quando é invadido por ela e podemos mesmo falar de um desmembramento da linguagem, uma falta de apropriação anterior à apropriação do corpo próprio. Se não encontramos um significante que se habilite a dar consistência a todo discurso, encontramos é um aparelho incrustado que trata

³² Centro de Atenção Psicossocial, são serviços substitutivos aos manicômios.

de imputar palavras que permanecem alheias ao sujeito. O significante carrega gozo, e o gozo necessita de aparelhamento. Mas guardaremos também esta questão que pretendemos abordar no desenrolar do trabalho.

Tendo em vista, a princípio, estas breves colocações sobre o aparelho de Vitor Tausk, quais as conseqüências podemos tirar daí a fim de dar continuidade ao discernimento do que seria um “aparelho de linguagem”? O aparelho de influenciar, aparelho construído para delimitar um gozo sentido no corpo dos esquizofrênicos, é um artifício que tem como finalidade circunscrever os fenômenos em algo que se constituiria, enfim, como um corpo. O aparelho apresenta uma solução para o enigma proposto pelas sensações de corpo despedaçado, ou pela não apropriação do corpo próprio. Tal corpo é justamente despedaçado por não ter se articulado pelo significante, por não ter tratado *alíngua* via linguagem.

A linguagem, enquanto aparelho, é esta máquina, invenção, artifício, capaz de delimitar um corpo e seu gozo. Vimos, com os recortes de casos colocados, como há uma forma diferente de usar a linguagem na psicose. Principalmente enfatizamos seu caráter de exterioridade em relação ao sujeito para, no terceiro capítulo, vermos a invenção própria e singular de Fabiano. Resta-nos saber ainda como o significante será usado no aparelho de linguagem da psicose.

2.3 O significante no aparelho da psicose

Como fora colocado no capítulo primeiro, na neurose há um distanciamento da palavra e da coisa operado pelo significante – cuja propriedade não permite que o significante coincida com o significado na medida em que, entre ambos, existe uma barra intransponível, que podemos, sem engano, reconhecê-la como a barra do recalque. Isto quer dizer que o impossível de suportar, o sem-lei do Desejo da Mãe (DM) foi substituído, metaforicamente, pelo Nome do Pai (NP), significante da Lei e ponto-de-basta que institui o sujeito no discurso, mas se, somente se, a barra não puder ser ultrapassada. Como afirmou Lacan (1955-56, p. 303): “Em torno deste significante, tudo se irradia e tudo se organiza (...). É o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa neste discurso”.

Aqui, ainda conforme Lacan no Seminário III, o significante é o material plástico da linguagem e o significado, longe de se adequar aos objetos, às coisas, remete sempre a uma

significação que, por propriedade, é sempre inacabada, ou seja, remeterá a outra significação.

Assim, “o sistema de linguagem (...) nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda realidade que está abrangida pelo conjunto da rede de linguagem”³³ (Ibidem, p. 43). Podemos dizer, então, que não há possibilidade de designação neste tipo de aparelhagem da linguagem, mas somente representação – **o significante representa, não designa a coisa em si** (grifo nosso).

Entretanto, e seguindo Lacan, há uma organização particular da linguagem que não funciona desta forma. O delírio se distingue justamente, então, por uma discordância com esta linguagem e, tal discordância aparecerá, por exemplo, também com os neologismos.

2.3.1 O Neologismo

Também no texto ‘O Inconsciente’ Freud (1915, p.203), destaca que a “fala hipocondríaca ou a fala do órgão” aponta para um outro efeito da organização psíquica da esquizofrenia: observa-se que, neste caso, as palavras estão ao dispor do processo psíquico primário tais como nos pensamentos oníricos latentes. Assim, elas passam por condensações insuspeitas e, via deslocamento transferem catexias de uma para outras. Para Freud, “o processo pode ir tão longe que uma única palavra, se for especialmente adequada devido suas numerosas conexões, assume a representação de todo um encadeamento de pensamento” (Ibidem, p. 204).

Trata-se de uma nova formação, uma criação. Palavras com usos determinados na língua ganham novas significações ou ainda há criação de um termo essencialmente novo – como vimos Marcelo falar de seu *escarlight* – e, em qualquer caso, tratam-se significações particulares com um certo destaque para a economia psíquica do sujeito³⁴. Aqui, definitivamente, a significação não remete a uma outra significação, mas à significação enquanto tal, enquanto irreduzível e inabalável. “O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa, em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal” (LACAN, 1955-56, p. 43).

³³ Grifo nosso.

³⁴ Vale acrescentar que, quando encontramos, na clínica, um sujeito fazendo uso de um neologismo, é sumamente importante escutar do que se trata, pois que aponta para criação, para algum efeito, portanto, de sujeito. (Ver em busca de um significante novo)

Tal propriedade mostra, claramente, a diferença que se estabelece no uso do significante entre as estruturas. Se encontramos na neurose um significante em relação com outro significante, e é isto que o torna significantizável. Na psicose o significante designa algo, pois que não há barra entre palavras e coisas, dando o caráter de imposição radical do significante que não remete a outro significante a partir da ancoragem da significância. Portanto, na psicose o significante terá valor de signo, não-significantizável, impossibilitado de deslize em cadeia. No entanto, para afirmarmos que o significante tem o estatuto de signo na psicose, examinaremos uma outra conhecida fórmula sobre as palavras – e, consequentemente, sobre o valor do significante – na psicose.

2.3.2 *As palavras como coisa*

“Ei! Você pode me dar uma consulta? Eu tenho uma palavra.”³⁵

Vimos no item acima que o significante pode tomar o estatuto de uma significação inefável na medida em que não remeterá a nenhuma nova significação, permanecendo impossibilitada de deslize em cadeia. Tal propriedade nos apontou para um não distanciamento entre a palavra e a coisa, a uma colagem concreta entre significante e significado – quando, aqui, o significado é o objeto ou nos mostra a presença da coisa. Somos então encaminhados a uma discussão relevante levantada por Freud: as palavras têm o estatuto de coisas na psicose. Para Lacan, esta fórmula ganha maior relevância quando pôde dizer que, na psicose, o simbólico é real.

Freud, no seu texto metapsicológico, ‘O Inconsciente’ (FREUD, 1915) nos aponta, portanto, que a palavra funciona como coisa na psicose. Começemos, então, com ‘O Inconsciente’ retomando a “língua de órgãos” e suas conseqüências para sublinharmos o caráter desta ausência de barra, desta falta de distanciamento entre significante e significado.

Neste texto, Freud observa que nos esquizofrênicos encontramos várias alterações na fala e, como não poderia escapar-lhe, salienta também que as referências ao corpo – aos órgãos e inervações – são os conteúdos privilegiados desta fala particular muitas vezes “afetada e preciosa” (FREUD, 1915, p. 202).

³⁵ Paciente esquizofrênico que, enfim, se dirigiu à sua psicóloga a fim de falar. A concretude de seu pedido não passa despercebida: DAR uma consulta e, principalmente, TER uma palavra (...).

Tal observação nos coloca no encaixe do que é revelado nestes pacientes: há uma ausência da clivagem necessária entre o corpo e as palavras, tornando ambos a mesma coisa. A palavra não assume sua função simbólica que seria, justamente, de fixar um distanciamento entre a palavra e a coisa, e o corpo é “rasgado” pela palavra. Aqui não houve o movimento necessário para que se instaurasse uma lei significativa capaz de, por seu aspecto diferencial, colocar espaço entre a coisa e a palavra e, por seu aspecto plástico, pela proeminência da barra, assegurar um significado pronto a deslizar. Além disto, Freud reconhece também o valor atribuído por alguns pacientes a determinadas palavras – muitas vezes de caráter neológico.

Se foi possível afirmar que as palavras sofriam destino parecido com o tratamento que recebem no sonho – sob o primado do processo primário – Freud pôde, entretanto, reconhecer que entre as palavras nos sonhos e as palavras na esquizofrenia há uma diferença relevante: na formação dos sonhos os pensamentos são transformados em imagens por uma regressão topológica³⁶, ou seja, “as representações de palavras são levadas de volta à representação de coisas” (FREUD, 1915, p.234). Na esquizofrenia, contudo, o que se torna material para as modificações feitas pelo processo primário são as próprias palavras. Assim, nos sonhos reconhecemos o **caráter de representatividade** (grifo nosso) que a palavra possui sobre a coisa e, desta forma, é possível uma “livre comunicação entre catexias de palavras e catexias de coisas, enquanto é uma característica da esquizofrenia que esta comunicação seja interrompida” (Ibidem, p.235), permanecendo as palavras hipercatexizadas.

Como fora apontado, a ‘língua de órgãos’ indica um funcionamento próprio da linguagem na esquizofrenia e pode nos esclarecer sobre a gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Com efeito, nota Freud, há uma predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas e vemos então tais pacientes tratarem coisas concretas como se fossem abstratas (FREUD, 1915).

Como vimos, Freud usou ainda neste primoroso texto os exemplos de Tausk (1990) para situar também que o processo de substituição que gera o sintoma na histeria é diferente do que constitui um sintoma na esquizofrenia – lembremos o caso Leandro. Na esquizofrenia a substituição não é metafórica, pois não se trata de usar uma palavra em suas múltiplas possibilidades de significado, em sua plasticidade, mas, diferente disto, a palavra é inflexível e um desequilíbrio mental é um desequilíbrio que impossibilita de andar.

Outro paciente, que chamarei Marcos, um homem jovem e adorável que sonhava ser

³⁶ Para uma melhor compreensão do que seria uma regressão topológica, remeto o leitor ao aparelho psíquico tal como Freud o concebeu no capítulo VII da ‘Interpretação dos Sonhos’ (1900).

padre, me contou outrora que era portador de uma doença que estava no sangue – ele sabia por que precisava fazer exames de sangue frequentemente – e que esta doença se chama **diabetes**. Ele estava um pouco preocupado, pois inferiu que esta doença era muito ruim e me explica o porquê: “*são pequenos diabinhos que estão espalhados no meu sangue*”. Este é outro bom exemplo de palavras como coisas na esquizofrenia.

Para Lacan, será possível se apropriar da observação clínica fundamental que aponta as palavras como coisas na esquizofrenia e dizer em ‘Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite (1954 [1998]) que, nestes sujeitos, o simbólico é real, uma vez que não há um reconhecimento da castração no simbólico e, então “vai aparecer no real, erráticamente (...), como uma pontuação sem texto” (LACAN, 1954 [1998], p.390). Ao esquizofrênico restará então, considerar todo o simbólico como se fosse real.

Porém, a pergunta insiste: Poderíamos afirmar que, na psicose, as palavras têm valor de signo? Para responder tentemos lembrar da definição de signo.

Primeiro vimos que, para Saussure, o signo é uma unidade estrutural onde encontramos o significante abaixo da barra do significado e, ambos contornados por uma elipse. O signo saussuriano carrega duas ordens distintas em uma oposição a qual, no entanto, se acrescenta a idéia de indissociabilidade. Diferente de Lacan, há inicialmente para Saussure uma relação ou uma reciprocidade entre significante e significado. Aqui, a autonomia do significante existe, mas não é senão secundária (NANCY; LABARTHE, 1991).

Quando Lacan (1957) se apropria do signo saussuriano ele o subverte e o subverte principalmente por acusá-lo de não poder responder pela linguagem. Assim, Lacan acrescenta que é preciso destituir o signo de toda denominação e sua função representativa – ou seja, a própria significação – para, na lógica do significante, colocar seu algoritmo como um signo cancelado, um signo enquanto não significando nada.

Segundo Nancy e Labarthe (1991), Lacan separa a função do signo de uma função representativa e reserva o nome de signo para uma função indicial, é o signo referido como a linguagem-signo dos animais. Neste sentido, ele recupera as idéias de Peirce e sua teoria dos signos. Para D’Oliveira (1980, p.10), Peirce sustenta sua teoria na definição de signo enquanto “algo que, para alguém, equivale a alguma coisa, sob algum aspecto ou capacidade”. Os signos de Peirce (Ibidem, p.10) serão ainda divididos em:

- Ícones: onde o significado e o significante apresentam uma semelhança de fato. Por exemplo, uma placa indicativa de animais na pista pode ser distinguida exatamente por ter um animal desenhado.

- O símbolo: depende de uma regra instaurada, por exemplo, a bandeira é o símbolo de

um país.

- Enfim, o índice: ele não se assemelha ao objeto significado, mas indica-o, “é um sintoma dele porque se experimenta uma contigüidade entre os dois” (Ibidem). Como exemplo, a fumaça é índice de fogo e um tiro de bala é índice de um tiro.

Por várias vezes, Lacan pôde falar da linguagem dos animais, sempre sublinhando a existência de sinais entre eles, como no exemplo das abelhas – uma abelha, após sua coleta de pólen, manda uma mensagem para as outras em uma espécie de dança, sinalizando por meio de uma “linguagem-signo”, onde poderão encontrar o butim – exemplo minuciosamente descrito por Lacan (1998, p. 298), em 1953.

Em 1960, Lacan sublinha que há uma diferença gritante entre significante e signo, visto que o significante aponta para a divisão do sujeito e, quanto ao signo, irá dizer:

Os signos são plurivalentes: sem dúvida representam alguma coisa para alguém; mas, desse alguém, o status é incerto, como o é o da pretensa linguagem de certos animais, linguagem de signos que não admite a metáfora e nem gera a metonímia (LACAN, 1960, p. 854).

Em ‘Televisão’ (1974 [2003]), Lacan pontua que o estudo da linguagem, na vertente do sentido, se opõe a vertente do signo na medida em que um significante, por poder oferecer um sem número de sentido, é plástico. O signo, por sua vez, mantém, irremovível, o que indica. Vale lembrar que o significante representa [um sujeito para outro significante] tendo, assim, uma função referencial ou representativa da linguagem. **O signo**, visto suas propriedades, diremos neste trabalho com Lacan, que ele indica, **é o índice, o sinal sem significância, do próprio objeto**. Nuvens carregadas e cinzas é sinal de chuva. Bandeira branca indica paz. Assim, para Bruno, paciente esquizofrênico, todas as cores são sinais, segundo uma lógica própria, delirante, que indicam o que deve fazer, o que está acontecendo, e até para onde ir. Sinais que servem como setas.

Ora, se na psicose encontramos uma forma de ordenar a linguagem diferente da neurose que se ordena em torno de um referente forjado pelo Nome-do-Pai – por se apropriar de uma função representativa – ,cabe-nos apontar como ela se constitui e justificar porque podemos falar de uma ausência de referente constitutivo da linguagem. Esclarecendo: para todo sujeito há uma ausência de ordenamento da linguagem que, mais tarde, será ordenada em torno de um significante privilegiado – no caso da neurose – que se ocupará de manter um discurso comum entre aqueles que falam (veremos tal ponto melhor trabalhado no terceiro capítulo). Para a psicose não há o referente do NP, no entanto podemos pensar que há um

forçamento de um referente na medida em que as próprias palavras são como coisas e, a partir daí, estes pacientes conseguem ordenar um discurso inteligível ainda que “sem nexos”.

Aqui falaremos, portanto, da ironia na psicose. A ironia é justamente o que vem escancarar a falta do referente inerente à linguagem, a ausência de sentido, fazendo o sujeito buscar novas formas de se haver com *alingua*. Portanto, ainda resta-nos discutir em que implica a falta do referente na psicose. Como artifício, usaremos a ironia na psicose relacionando-a com os chistes na neurose e seu caráter de pertencimento à paróquia, conforme vimos no capítulo anterior.

2.4 A ironia versus a tirada espirituosa: o problema do referente

Idéias sobre o suicídio

Tanto faz se você se suicida ou se morre de morte natural.

Idéias sobre a psicose

Tanto faz se você é psicótico ou normal.

Conclusão

Tanto faz.

(Carl Solomon)

O problema do referente na linguagem é um problema da filosofia da linguagem, da lingüística. Ou, como veremos melhor, um problema lógico da linguagem que aparece como um problema insondável para Frege. Para contextualizar tal questão de forma breve, vale vislumbrar alguns dados.

2.4.1 Uma pequena e resumida pausa para o problema do referente em Frege

Na Idade Moderna temos uma nova lógica instaurada principalmente pelos preceitos de Leibniz (1646- 1716), que procurou, entre outros trabalhos, instaurar através de uma lógica simbólica seu projeto de uma linguagem artificial a fim de libertar a própria linguagem

natural³⁷ de suas ambigüidades, pois que estas seriam impedimentos para se atingir uma nova lógica – uma lógica aonde seria possível dizer tudo. No entanto, a lógica formal despojada dos entraves da lógica clássica e em posse do cartesianismo, só foi possível mais tarde com autores que seguiram Leibniz e, especialmente entre eles destaca-se a figura de Frege (1848 - 1925) (SANTOS, 1980).

Considerado por muitos estudiosos do tema como o verdadeiro fundador da lógica matemática moderna, Frege opera um corte com sua teoria do conceito, quando substitui a clássica distinção aristotélica de análise de frases – se daria por sujeito e predicado³⁸ – colocando a distinção entre função e argumento, quando a unidade lógica deixa então de ser o conceito e passa a ser a proposição - ponto a ser trabalhado no próximo capítulo (SANTOS, 1980, p. 178-188).

A princípio, a questão do referente de uma frase é uma questão simples e crucial: a quê ou a quem me refiro quando digo algo? No entanto, enquanto linguagem “natural”, esta pergunta está sujeita a questionamentos e equívocos. Frege trabalha então com as categorias de sinal, sentido, representação e referência. Pois bem, para Frege (1892 [1978]) existe a referência de um nome ou sinal – cuja definição seria a designação que representa um nome próprio cuja referência seja um objeto determinado. Além de sua referência, existe também o sentido do sinal, onde, para o autor está colocada a apresentação do objeto. Portanto, e este é um exemplo clássico usado por Frege, quando dizemos “Estrela da Tarde” e “Estrela da Manhã”, teríamos o mesmo referente, mas não o mesmo sentido.³⁹ A referência pode ser definida, portanto, como aquilo a que um sinal designa, ou seja, o próprio objeto designado.

Entretanto, coloca Frege (Ibidem), mesmo quando tratamos de um nome próprio com o qual estamos devidamente familiarizados, conseguimos apontar a referência – se houver uma – mas será sempre uma elucidação parcial, pois que o nome não é literalmente a referência e seu sentido não poderá ser sempre assegurado como o mesmo. Uma conexão

³⁷ Linguagem artificial pode ser entendida como uma linguagem inventada a fim de eliminar as ambigüidades e possibilidades de equívocos dadas por uma linguagem natural, que, por definição é dada a ambigüidades e desvios: a linguagem natural é a linguagem tal como a usamos (SANTOS, 1980).

³⁸ Para Pessanha (1978), Aristóteles foi considerado o criador da lógica formal quando, dentro de um projeto por ele empreendido que visava, antes de qualquer coisa, atingir a certeza científica com conhecimentos seguros. Para tanto, Aristóteles busca atingir normas de pensamento que permitam demonstrações irretorquíveis. A lógica formal permite prescrever regras de raciocínio independentes do conteúdo do pensamento ao se basear no fato de que toda proposição seria o enunciado de um juízo onde seriam conjugados sujeito e predicado. No entanto, para Fregue, “Combinando-se o sujeito e o predicado, elabora-se um pensamento, porém nunca se passa de um sentido para sua referência, de um pensamento para seu valor de verdade” (FREGUE, 1892 [1978]).

³⁹ Podemos elaborar um exemplo e dizer que muitos brasileiros são fãs do Rei Roberto, ou que os brasileiros são fãs do cantor Roberto Carlos. A referência é, nos dois casos, Roberto Carlos, mas o sentido da frase muda conforme as palavras que uso.

regular entre as categorias levantadas por Frege, colocaria que ao sinal corresponde um sentido, ao sentido corresponde um referente e, ao referente correspondem mais de um sinal. O que encontramos na linguagem natural, no entanto, é o sentido sempre variável. Assim:

Certamente deveria corresponder, a cada expressão, que pertença a uma totalidade perfeita de sinais, um sentido determinado; mas frequentemente as linguagens naturais não satisfazem a esta exigência (...). Talvez possa se assegurar que uma expressão gramaticalmente bem construída, e que desempenhe o papel de um nome próprio, sempre tenha um sentido. Mas isto não quer dizer que ao sentido corresponde sempre uma referência (Ibidem, p. 63.)

Frege acrescenta então, a referência e o sentido de um sinal devem ser diferenciados da representação que se associa ao mesmo sinal, pois a representação é subjetiva e se distingue para cada sujeito – sem desconsiderar que existem representações que são transmitidas por gerações. Desta forma, dois brasileiros podem apreender o sentido da frase “Adoro o rei Roberto!”, no entanto, cada uma delas terá uma representação do cantor. A referência é, portanto, o próprio objeto que designamos por intermédio de um nome próprio. Vale frisar que o nome próprio é intermediário. A representação de tal objeto é subjetiva e seu sentido embora não seja tão subjetivo assim, tampouco definirá o próprio objeto. Neste circuito das linguagens naturais, estamos sujeitos a equívocos de toda sorte, além de só termos começado a nos aproximar do tema do referente.

Assim, vimos que, para Frege (ibidem), temos o nome próprio (entendido como uma palavra, um sinal, uma combinação de sinais ou uma expressão) carrega um sentido e designa sua referência sendo esta última entendida como sendo o próprio objeto que é referenciado por intermédio do sinal. Mas, como falar do referente de uma sentença assertiva completa?

Bem entendido, nem toda sentença tem um referente, apesar de ter um sentido. Suponha-se que dizemos, conforme o exemplo de Frege (Ibidem), tomado de B. Russell, na frase “o rei da França é calvo” não encontramos um referente, pois que não há rei na França, o que não impede que tal frase tenha um sentido – uma pilhéria, por certo – visto que há uma organização gramatical sem defeitos. É fato que tal sentença contenha um pensamento, mas um pensamento não pode ser considerado a referência da frase, apenas aponta seu sentido. Entretanto o sentido de um pensamento não nos é suficiente, pois esperamos também encontrar neste seu valor de verdade. Para Frege (ibidem), o valor de verdade de determinada assertiva é seu referente.⁴⁰

⁴⁰ Claro deve estar que estamos aqui preocupados com uma linguagem de comunicação formal, pois se nos remetermos, como no exemplo em Frege, a um poema épico como a *Ilíada*, não reconheceremos um referente – tampouco um valor de verdade – mas encontramos sentido e representação. Neste caso, o valor de verdade, ou o

Somos assim levados a reconhecer o valor de verdade de uma sentença como sendo sua referência. Entendo por valor de verdade de uma sentença a circunstância de ela ser verdadeira ou falsa. Não há outros valores de verdade. Por brevidade, chamo a um de verdadeiro e a outro de falso. Toda sentença assertiva, em face à referência de suas palavras, deve ser, por conseguinte, considerada como um nome próprio e sua referência se tiverem uma, é o verdadeiro ou o falso (FREGE, 1892[1978], p. 69).

Frege consegue resolver o problema do referente nas sentenças assertivas considerando seu valor de verdade. Desta forma, modifica a lógica aristotélica onde basta combinar sujeito e predicado e funda uma lógica onde relaciona um pensamento com o verdadeiro, colocando em destaque a proposição – que será demoradamente discutida no próximo capítulo visto sua importância crucial para nosso caso-eixo, o caso Fabiano.

2.4.2 *Notas sobre o referente em psicanálise*

Considerando e mantendo em suspenso o acima exposto sobre a questão do referente na lógica de Frege, é o momento de nos aventurarmos na mesma questão, desta vez sob o ponto de vista psicanalítico. Para tanto, seguiremos usando como referência o artigo ‘Clínica Irônica’ (1996) de Jaques-Allain Miller visto que seria trabalho extenso perseguir este conceito na obra de Lacan – que, no entanto, será também evocada.

Um primeiro ponto a ser destacado: o referente existe justamente porque a palavra não cria a coisa, mas se refere em um arranjo simbólico – donde podemos inferir seu caráter de exterioridade à linguagem. Para a psicanálise também haverá um referente na linguagem, mas certamente o referente não é o que se diz no enunciado: ao contrário, ele se encontra alhures visto a própria estrutura da linguagem conforme estamos apreendendo. Assim, a pergunta sobre a o quê se refere uma frase se complica.

Para Freud a descoberta do inconsciente remete diretamente a esta questão e torna-se possível a análise das formações do inconsciente. Comparado à psiquiatria, a psicanálise se diferencia por reconhecer em uma alucinação, por exemplo, a referência – de caráter interno, certamente e, para Freud, interpretável – enquanto a psiquiatria conclui que a alucinação é

referente, são suspensos em nome da arte e sua linguagem própria. Vale ressaltar ainda que Frege está falando do referente nas sentenças assertivas – ponto de interesse neste trabalho como veremos no próximo capítulo – e que a referência em outras sentenças – como sentenças subordinadas (cujo referente é o próprio pensamento), as substantivas e as adverbiais, as interrogações e pedidos. Para esta discussão, remeto o leitor interessado ao texto do próprio Frege “Sobre o Sentido e a Referência” (Ibidem; 61-86).

uma percepção sem objeto e, portanto, sem referente. Podemos recordar com Miller (1996) que, desde Freud, a clínica psicanalítica reconhecia a referência do discurso em um ponto vazio: o pênis da mãe. Isto quer dizer que a neurose se instala neste ponto onde reconhece a falta deste referente, em outras palavras, aqui reconhecemos a castração do Outro e teremos, tal como um destino, a imposição de dizer sempre outra coisa.

No começo do ensino de Lacan encontramos a “referência fálica” como um ordenador do sujeito. Vimos que, nesta época, Lacan trabalhava em uma clínica do Simbólico e devemos nos lembrar que, aqui o sujeito é o sujeito barrado definido como o que é representado por um significante para outro significante.

Em ‘A Significação do Falo’ (1958), Lacan destaca como condição humana a “paixão pelo significante” – entendida como em que a natureza do homem é submetida à estrutura da linguagem, onde o significante, por poder ser significantizável, pode alcançar o estatuto de significado. Ressalta o falo como significante privilegiado na medida em que enquanto tal, o falo dá a proporção, a medida do desejo e lugar do sujeito frente ao sexo. O falo, enquanto significante da falta do Outro, vai ser responsável por designar os efeitos de significado e, de certa forma, atuará como referência.

No entanto, a noção de referente tal como trabalhamos aqui, ou seja, incluindo na linguagem sua face de real, aponta para o Lacan que se firmou depois de conceituar seu objeto: o objeto *a*. O objeto cuja consistência lógica vem no lugar que se instaura com a falta do falo, o objeto como recurso último da aparição do gozo na fantasia neurótica. O objeto como resto e como causa.⁴¹ No seminário XVII, ‘O Averso da Psicanálise’, em posse deste conceito, ele formula – literalmente – os quatro discursos onde o objeto *a* se articula com o S1, com o saber (S2) e o sujeito barrado. Desta articulação nasce o laço social – tal como o abordamos no primeiro capítulo na perspectiva do Seminário XX – na medida em que o discurso inventa a comunicação bem como a linguagem enquanto aparelho: “O ser humano que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é do que o hùmus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho [de gozo]” (LACAN, 1969-70 [1992], p. 48). Os discursos são a resposta do sujeito ao desalinho da língua, instaurando uma ordem que introduz na linguagem, a partir de um referente, a dimensão de laço social entre os sujeitos.

A partir daí, o discurso sempre será do semblante, pois que, como trata Lacan em 1972, o significante é sempre aquilo que tem efeito de significado contando que haja um

⁴¹ Ao leitor interessado no conceito de objeto *a* em Lacan, remetemos ao Seminário X, ‘A Angústia’ (1960?).

terceiro elemento nesta relação, qual seja, um referente. O significante tem por propriedade não se referir a nada, só pode então se referir a um discurso, um discurso enquanto liame social. Assim, Lacan é enfático: “a linguagem, em seu efeito de significado, não é jamais senão lateral ao seu referente” (LACAN, 1972-73 [1985], p. 61), tornando-se impossível dizer a verdade. Portanto, o referente é representado pelo significante sendo impossível qualquer designação da coisa restando a possibilidade de se enlaçar pelo semblante.

No final das contas, há apenas isto, o liame social. Eu o designo com o termo discurso, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o liame social pode ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante (Ibidem, p. 74).

Assim, Miller (1996) ressalta com Lacan que na clínica psicanalítica os modos de defesa de suas estruturas não passam de defesas contra o real. Frente ao impossível o sujeito responde da forma que puder. O neurótico, frente ao furo do Outro que o faz sujeito barrado, trata de significantizar o gozo, “atravessá-lo” com o simbólico – no lugar do trauma teremos, via metáfora, um sintoma analítico, por exemplo. Para o perverso, a castração uma vez reconhecida trata de ser desmentida e o pênis da mãe se substancializa na imagem, no fetiche. E quanto à psicose? A resposta de Lacan é a forclusão e, na paranóia especificamente, não aceitar a castração, a falta do Outro, implica em um Outro consistente e gozador. Para o esquizofrênico resta saber que o Outro não existe e, ainda com ele, aquilo que as demais estruturas tratam de velar – a hiância da linguagem, em última instância – são reveladas.

2.4.3 *A ironia da esquizofrenia*

Miller (1996) propõe em seu artigo, uma perspectiva irônica da linguagem quando realça que, definitivamente, todos os discursos são defesas do real, são semblantes edificados pelos seres de linguagem, o *parletre*. Apesar de primordial e fundamental, essa desordem original que não é só da linguagem, mas também do ser, só pode ser vista, alcançada, em seu sentido mais estrito na esquizofrenia. O esquizofrênico seria, então, definido como alguém que se distingue por não ser apreendido em nenhum discurso, por muitas vezes viver esta desordem inaugural na falta de uma suplência, por estar fora do laço social (se entendemos, no Seminário XVII ‘O Averso da Psicanálise’ (LACAN, 1967), que o discurso é o laço

social). O que isto quer dizer afinal?

A perspectiva irônica da linguagem na esquizofrenia aponta, nitidamente, para a falta de referente na linguagem. A ironia é justamente reconhecer que o Outro, enquanto garantia da linguagem não existe, ou melhor, é uma suposição neurótica que o inscreve em um discurso, que o faz existir enquanto lugar de ordenamento simbólico.

Interessante salientar que também Frege reconhece este caráter de suposição quando determina que o referente de uma assertiva seja o seu valor de verdade e que este valor é pré-suposto:

Idealistas ou cétricos terão, talvez, objetado há longo tempo: “você fala da lua como objeto, mas como sabe que o nome ‘lua’ tem uma referência?” Respondo que não é nossa intenção falar de nossa representação de lua, nem nos contentamos apenas com o sentido quando dizemos ‘a lua’; pelo contrário, **pressupomos uma referência**”.⁴² (FREGE, 1892 [1978], p. 67).

Não é incomum, nas instituições onde se dispõem a atender pacientes esquizofrênicos, escutarmos histórias de falas ou comportamentos por eles adotados, que nos parecem completamente *nonsense*, para não usar termo preconceituoso, às vezes, alguns profissionais, dizem que estão “inadequados”, ou dizem coisas “inadequadas”, vestem-se, na maioria das vezes, de forma “bizarra”.

Por estas e outras, podemos notar que estão fora do limite da ordem do Outro que estrutura o laço social. Além disto, reconhecemos desde a psiquiatria clássica o ‘pensamento desagregado’ que chega ao ponto de uma fala ininteligível, ou ainda, a ‘glossolalia’ que permite ao enfermo, por fim, inventar uma própria língua completamente sem referente⁴³ – se entendemos aqui que o discurso sem referente se desorganiza – e especialmente não compartilhável. Aqui também, mais uma vez, os neologismos e vários outros “fenômenos”. Esta coleção de sinais, se bem escutada, pode nos apontar justamente para a falta de referente que organiza o pensamento, mantém, mesmo que de forma, diria, elástica, o significado das palavras, permitimno uma comunicação em seu sentido estrito.

A ironia⁴⁴, especificamente, deve ser entendida como o desmascaramento dos

⁴² Grifo nosso.

⁴³ Falamos aqui de pacientes já muito desorganizados que, ao que parece, não há nenhum ordenador de sua fala. Vale ressaltar porém, que normalmente nos deparamos, na clínica, com pacientes que conseguem se comunicar – apesar de fazerem uso de uma fala particular – na medida em que, de alguma forma, forjaram um referente que não o NP.

⁴⁴ Como ilustração, poderemos lembrar um ilustre irônico que escreveu suas ‘Máximas e Reflexões’ no século XVII. Trata-se do Duque La Rochefoucauld que elegantemente derrubava os valores ao desmentir a boa intenção das virtudes dos homens – aqui chamados semblantes – de sua época. Entre muitas, veremos algumas que valem aqui reproduzir:

semblantes, com a certeza apontada para o fato de que a verdade é uma ficção e que estamos enganados quando pensamos que nos comunicamos, que somos capazes de “falar a mesma língua”, no senso comum.

Segundo Teixeira (2005) ⁴⁵, o referente é uma suposição produzida por uma imposição de que há um sentido único, pois se assim não fosse, seria impossível compartilhar qualquer coisa socialmente. A existência de um referente na linguagem depende do ser que *fala* consentir, pela via do amor, na autoridade do mestre, ou seja, depende dele crer que há um sentido, há algo que possibilite a linguagem. Aqui o referente é o S1 que agencia o discurso do mestre, tal como Lacan o elucidou. ⁴⁶

O S1, como vimos no capítulo anterior, é um significante isolado do enxame de significantes no *infans* que é fixado em posição extima à linguagem e, é um significante, enfim, chamado a fazer signo para alguém e, por tal posição, é capaz de ordenar, associar e possibilitar sentido. Ele surge como referente na ausência de **um** referente primordial, no sentido de natural, e se instala a fim de garantir uma verdade que terá sempre estatuto de ficção e o destino de só poder ser meio-dita. Neste sentido, o valor de verdade é pressuposto pelo “estatuto de referente” (GENEROSO, s/d).

Fabiano também me traz um uso particular da linguagem que não faz laço social. Ele faz piadas que não têm graça para ninguém, a não ser ele. Um dia me conta que andava tirando fotos no celular das colegas de sala sem permissão. Uma delas se ofendeu e o reprovou. Ele faz uma piada irônica: “Ah! Então você é daquelas pessoas que pensam que podem ser engolidas por uma câmera?”. Ou, como sempre me pergunta quando não entendeu algo: “Me chacina uma dúvida?”, substituindo o matar por chacinar pensando que é engraçado.

Podemos, enfim, reconhecer que há uma diferença entre a tirada espirituosa na neurose e a ironia psicótica. Se na tirada espirituosa o que é visado é justamente o Outro, enquanto quem garante a linguagem, o entendimento e a comunicação. Na ironia, o Outro é destituído, ou melhor, é escancarada sua ausência, sua inexistência. Na tirada espirituosa encontramos

-
- “Se há homens cujo ridículo não aparece é que não o procuraram bem”.
 - “A virtude não iria muito longe, não lhe fizesse companhia a vaidade”.
 - “Arrependimento é menos remorso do mal que fizemos que temor do que nos possam fazer”
 - “A honestidade das mulheres é muitas vezes amor da reputação e do repouso”.
- (ROCHEFOUCALD, 1994)

⁴⁵ Anotações de aula na disciplina ‘Psicanálise e Linguagem’ ministrada pelo professor Antônio Teixeira como cadeira do mestrado em Psicologia da UFMG.

⁴⁶ Remetemos o leitor interessado ao Seminário XVII (LACAN, 1967) ‘O Averso da Psicanálise’.

uma produção de sentido na medida em que é possível brincar com as palavras e lhes arrancar um sentido novo. Na ironia, definitivamente, não é disto que se trata. Trata-se, afinal, de um apontamento para inexistência do Outro, denunciando a artificialidade dos laços, a estrutura ficcional deste laço com Outro a que tanto se agarra a neurose.

O discurso como saída simbólica para a ausência deste Outro garante da verdade e do código não funciona na esquizofrenia que denuncia a ausência de referente e nos indica, nos escancara mesmo, a vertente do delírio generalizado, como o veremos. A ironia aponta para uma desrealização causada, afinal, pela queda do semblante e da inexistência da verdade, pelo reconhecimento, enfim, de uma única certeza: a existência da Coisa.

2.4.4 O delírio generalizado ou a “clínica irônica”

Tema muito discutido em psicanálise nos nossos dias – especialmente pelas pontuações de Jacques-Alain Miller – o delírio generalizado é a implicação de que, conforme conceituamos a linguagem em psicanálise, toda referência é vazia e, sendo assim, todos nós tratamos de construir um saber em torno do que não existe. Desta forma, todos nós deliramos. Deliramos, sobretudo porque em torno da referência vazia construímos linguagem e porque, sendo assim, sempre que falamos esta fala já implica uma ficção, uma vez que o significante mata a coisa sem poder dizê-la, e “o que é significantizado é, ao mesmo tempo, “semblantificado” (...)” (MILLER, 1996, p. 195). A linguagem, neste sentido, “faz inexistir aquilo do que ela fala” (Ibidem).

Entretanto, na esquizofrenia não há o recurso a usar uma defesa pelo simbólico para tratar o real da língua pela linguagem, já que, para ela, o simbólico é real assim como as palavras são como as coisas. Resta-lhes, então, tratar a língua em uma vertente de real.

Para Miller (Ibidem, p. 192), se assim são as coisas para o esquizofrênico, este se coloca em uma posição subjetiva capaz de apontar, a quem se interessar que o simbólico e o Outro não passam de semblantes a apaziguar o resultado de sermos humanos e falantes. Não raro encontramos pacientes em seu local de tratamento escancarando o que, afinal, a eles restou ser – a própria coisa – ao não entregarem seu corpo à incidência do significante como resposta simbólica ao real. Carlos vive caído, simplesmente caído, nos locais de maior

circulação do serviço onde se trata, preferencialmente cai na frente da porta. Ali fica o Carlos, por horas(...).

A idéia de delírio generalizado – em outro contexto e, portanto, com outro estatuto – pode ser apontada já no Seminário 3 de Lacan (1955-56). Na página 141 da edição brasileira, ele nos diz: “Assim como todo discurso, um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou um certo significante(...)”, ou ainda, na página 153 “A psicanálise dá, em compensação, ao delírio do psicótico uma sanção singular, porque ela o legitima no mesmo plano em que a experiência analítica opera habitualmente”.

Desta forma, o delírio já pode ser entendido como elaboração de saber, sendo a mesma elaboração de saber uma forma legítima de defesa. Cabe aqui, nos lembrarmos que é em uma clínica do simbólico que trabalha Lacan. Aqui, mais do que nunca, o delírio é uma tentativa de cura operada, como só poderia ser nesta época, pela linguagem em sua vertente simbólica. Entrementes, acontece muito de vermos soluções que surgem de outro material, mais concreto, mais manipulável.

Retomo o caso Leandro: caso de difícil condução, Leandro passa os dias se queixando da “esquisiteza” que se apoderou de seu “corpo físico” e que só pode ser fruto da “pior enfermidade do mundo” restando-lhe a morte. Os efeitos colaterais dos antipsicóticos aumentam o mal estar de seu corpo alimentando sua hipocondria. Aos poucos, no entanto, Leandro vai se apropriando dos recursos oferecidos no Hospital-Dia onde está em tratamento: ele usa o espaço da terapia ocupacional para produzir objetos dos mais variados materiais. Em meio a uma produção de colares, panos pintados, vasos de cerâmica, desenhos, tapetes, colagens, encontramos Leandro trabalhando muito, especialmente com as cores, as mais vivas, e preocupando-se em vender seus objetos enquanto se livra, no mesmo compasso, da sacola que equilibra.

2.5 Alguma conclusão do capítulo?

A partir das questões do referente e da linguagem como aparelho – precisamente aparelho de gozo – com Fabiano podemos pensar algo em torno da linguagem na psicose e ainda pensar em termos de função proposicional – tema do próximo capítulo – como se pode ordenar/aparelhar gozo.

Neste ponto do trabalho, fica nítida como a noção de aparelho para psicanálise se

realiza atrelada à noção de linguagem. Portanto, encontramos: o aparelho psíquico e o aparelho fonador de Freud. O aparelho do significante e o aparelho de gozo de Lacan e o aparelho de influenciar de Tausk. Se, para Lacan, no início de seu ensino, o aparelho era um ordenador simbólico do sujeito – e se valia da referência fálica – no final estará falando de um aparelho de gozo que se articula à vertente de real da linguagem.⁴⁷ Na verdade, vindo de perto, já é possível visualizar esta questão nos primórdios da psicanálise, mesmo que não elaborada. O aparelho de influenciar, principalmente, já era um aparelho que possibilitaria, na medida em que projetava o corpo do sujeito, uma ordenação da libido. Aqui, associando ao corpo próprio e à libido, encontramos o delírio – há uma co-existência dos três registros, respectivamente, o imaginário, o real e o simbólico.

Tendo visto que o aparelho tem serventia nas duas estruturas clínicas que aqui apresentamos – neurose e psicose – vale ressaltar que sua “armação” será diferente. Tal diferença se enuncia na “substância” mesma que constitui o aparelho/a linguagem: esta “substância” é o significante.

Na neurose encontramos o significante como tendo “função ativa na determinação dos efeitos em que o significável aparece como sofrendo sua marca tornando-se, através desta paixão, significado” (LACAN, 1958 [1998], p. 695). Neste contexto, encontramos o Outro como lugar do código a garantir o sentido bem como a referência fálica a ordenar o significado em relação ao falo. Tal estrutura fica clara quando examinamos a tirada espirituosa. Mais tarde, com a formulação dos quatro discursos, Lacan acrescenta à linguagem o objeto *a* e nos dimensiona a possibilidade do laço social baseado na existência dos discursos enquanto referente.

Para a psicose, e aqui nos debruçaremos na esquizofrenia, o simbólico é real e o significante tem outro estatuto. Aqui não há uma operação metafórica inicial que possibilite barrar a coisa e fazer com que o significante apenas a represente. Aqui a palavra é a coisa e o significante não representa, mas designa. Se assim o é, poderemos falar do significante com estatuto de signo para a psicose se entendermos o conceito de signo, com Lacan, com um índice da coisa em si – tomado de Peirce. Cada signo um S1, tomado do exame significante do *infans* que não se refere a nada, a não ser a ele mesmo.

Desta forma, encontramos uma outra maneira de ordenar a linguagem: uma

⁴⁷ Vale lembrar que o aparelho de gozo não exclui a armação simbólica do sujeito – tal como trabalhamos com a neurose na clínica – e é inegável a devastação provocada no sujeito psicótico na ausência de referência fálica. O falo permanece, no Seminário XX, como o significante do gozo fálico. O que é necessário ressaltar com Lacan é que há uma outra vertente – na verdade mais duas: real e imaginário – que também são constitutivas, desta vez do *parletre*.

linguagem-signo? Talvez possamos ainda pensar em uma linguagem construída – pelos signos – para dar conta de *lalangue*, não organizada pelo referente como algo exterior à linguagem – um significante tomado do Outro – mas, substantificada pela coisa que é, diretamente, o referente da palavra.

Retomando o capítulo na companhia de Fabiano, podemos enunciar que o que o caso vem de início atestar é o caráter artificial da linguagem que, a partir do impacto traumatizante da língua, vem organizar o campo discursivo do sujeito, sua forma de se relacionar com o objeto, em qualquer estrutura. Com os últimos anos do ensino de Lacan – atestados por Miller (2004) – podemos tentar circunscrever uma definição de linguagem e língua. Segundo Miller (2004), por trás da linguagem e sua organização, encontramos a língua, ou seja, “há uma outra coisa que não funciona como a linguagem”, pois esta última, como advertia Lacan no Seminário XX (1970) é uma elucubração de saber sobre a língua.

Neste ponto encontramos o que é traumático: a língua materna.⁴⁸ Para melhor esclarecer, podemos dizer que o sujeito é, na verdade, assujeitado aos significantes do Outro e deve, a partir disto, eleger um significante que lhe sirva como organizador (VIEIRA, s/d). A linguagem, a partir de um significante que operará como referente, fará do enxame de significantes que chegam ao *infans* sem nenhuma ordem, uma cadeia hierarquizada, organizada, apaziguando o sujeito do gozo invasivo da língua. Na psicose, entretanto, este significante estará forcluído e o sujeito deverá encontrar outra forma de se haver com a fúria da língua.

Acompanhando Lacan, Mandil afirma que as psicoses atestam o caráter traumático da língua. Em seu estudo sobre Joyce, nos aponta que a obra deste autor tem como proposta regenerar o impacto traumático da língua sobre o ser falante. Assim, o que se pode perceber é que a linguagem não passa de um modo de defesa, trata-se de dar um ordenamento ao que insiste como real pela língua (MANDIL, 2003, p. 18).

Já, Lacan (1977) pontua que a linguagem se forma na falha, e se ordena em relação a um objeto com o qual não temos relação. Ou seja, a linguagem – enquanto construção simbólica, enquanto elaboração de saber sobre *lalangue* – tentaria suprir a não relação. Como recurso Simbólico, a linguagem é uma proposta de defesa contra o Real. Assim, é a linguagem, em sua vertente real, que permite abordar o traumático da língua

⁴⁸ Miller ressalta a demonstração que Lacan faz no Seminário XXIII, Joyce o *Sinthoma*, sobre o desmantelamento feito pelo escritor da própria língua materna, no caso, o inglês. Lacan (1975), neste seminário, se refere à Joyce e a seu próprio embaraço com o texto joyceano – embaraço que ele atribui ao uso particular que o autor faz do inglês, nestes termos; “*Mas justamente ele (Joyce) escreve o inglês com esses refinamentos particulares que fazem com que a língua inglesa, no caso, ele a desarticule*”.

Percebido da própria prática analítica, ou seja, da prática de se elaborar saber sobre um enigma presentificado pelo inconsciente, podemos dizer que para o ser falante o saber é o que se articula. A linguagem, salienta Lacan, não pode ser tomada por sua função de comunicação, mas sim por articular o que é de *alíngua*, *alíngua* dita materna. Nestes termos, se já foi dito que o inconsciente é estruturado como uma linguagem é porque, a princípio, a linguagem não existe. “A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da *alíngua*” (LACAN, 1972-73, p.189). A linguagem é definida, então, como uma elucubração de saber sobre *alíngua*, na medida em que a ordena. Tal ordenamento vem se fazer no aparelho que é, sempre, um aparelho de gozo.

Resta-nos, para o próximo capítulo, tentar vislumbrar como o aparelho chamado linguagem poderá aparatar o gozo na psicose. Assim, retomaremos o caso Fabiano com certo suporte sim, mas com muitas questões a serem ainda abordadas. Considerando a linguagem na psicose sustentada pelo signo – e não pelo significante – tentaremos articular esta forma particular de linguagem, a fim de pensar se tal configuração suporta uma linguagem como aparelho de gozo. O caso nos traça uma via facilitadora, à medida que Fabiano já coloca, em termos de lógica, suas relações com a linguagem. Dessa forma, ele avança em uma linguagem a mais formalizada possível, a mais sem furos possíveis, as quais, principalmente, ele pode manejar matematicamente os signos, ao invés de ser operado por ela.

3 A FUNÇÃO PROPOSICIONAL DE FREGUE: APARELHO DE GOZO?

“Se sugerimos precisamente que é preciso efetuar um retorno à lógica, é para reencontrar sua base, sólida como a rocha, e não menos implacável quando entra em movimento” (Jacques Lacan, 1946;105)

Frege, como adiantamos, é considerado por muitos historiadores como o verdadeiro fundador da lógica moderna, ou ainda, “o maior lógico contemporâneo” (PINTO, 1998, p. 88), visto que seus trabalhos tiveram enorme repercussão em todos os autores importantes que trabalharam também com a filosofia da linguagem em nosso tempo. Seu projeto consistia, primeiramente, em definir toda expressão aritmética em termos lógicos e, a partir disto, poder mostrar que toda proposição lógica poderia ser deduzida de leis lógicas imediatamente evidentes (SANTOS, 1980). Para tanto, Frege definiu o que chamou ‘Conceitografia’, ao tentar, então, preconizar seu projeto: escrever uma linguagem formal do pensamento puro imitada, portanto, da linguagem formal da Aritmética.

3.1 Frege e a Conceitografia

‘Conceitografia, uma linguagem formal do pensamento puro imitada da linguagem formal da Aritmética’ ou ‘Ideografia(...)’. Esta foi a tradução adotada para o francês assim como para o português do texto escrito por Frege em 1879, originalmente chamado pelo autor ‘*Die Begriffsschrift (...)*’ que seria, literalmente, ou “letralmente”, ‘A escritura do conceito’(MOREL, 1995, p.30) – título mais preciso e sugestivo.

Segundo Pinto (1998), Frege parte do pressuposto que uma proposição que necessite de fundamentação deve ser analisada a partir de cadeias de inferências evitando-se sempre a intromissão, no pensamento, de algo da ordem da intuição. Para tanto, estabeleceu a Conceitografia que, visto a impossibilidade da linguagem natural expressar as relações lógicas cada vez mais complexas, trabalha com o que considera o elemento fundamental para qualquer inferência, a saber, o ‘conteúdo conceitual’.

O conteúdo conceitual é o conceito que aceitaria a linguagem formal do pensamento puro ao demitir-se de expressar relações que dependam da qualidade das coisas. Assim, “A

Conceitografia foi idealizada para satisfazer às exigências de precisão que a linguagem comum, em que pese toda sua maleabilidade, não tem condições de preencher” (PINTO, 1998, p. 90). O conteúdo conceitual, enquanto elemento fundamental da Conceitografia, é o que permite Frege analisar uma frase partindo unicamente da consideração dos juízos “em bloco”, de uma perspectiva externa, onde as categorias de sujeito e predicado não são mais utilizáveis. Assim, seguindo o exemplo dado por Pinto (Ibidem) – para melhor entendermos do que fala Frege ao propor a idéia de ‘conteúdo conceitual’ – se tenho as quatro sentenças enunciadas abaixo:

1. ‘a porta está aberta’
2. ‘a porta está aberta?’
3. ‘abra a porta’
4. ‘a porta está aberta!’

Poderemos dizer que, independente da significação e da estrutura gramática – sujeito e predicado – sem dúvida em todas as sentenças encontro o mesmo ‘conteúdo conceitual’ apesar de terem funções diferentes evocadas pela estrutura ou pontuação. Tal transcrição possibilita Frege analisar as relações lógicas entre juízos a partir de uma perspectiva interna. Veremos.

Retomando: Frege dispensa, portanto, as categorias de sujeito e predicado da lógica clássica – que são categorias gramaticais e não lógicas – que têm por base uma proposição universal – por exemplo, ‘Todo homem é mortal’; ‘Sócrates é homem’, ‘Sócrates é mortal’ – por não satisfazerem uma análise lógica, uma vez que o que é dado como declaração na proposição universal, para Frege, é, na verdade, uma proposição “ocultamente hipotética”, não satisfazendo, assim, a lógica que preconizava proposições baseadas em inferência (Ibidem, p. 92). Neste caso, há possibilidades maiores de erro de análise.

Ora, Frege necessitará de outra maneira para analisar logicamente uma proposição. Para tanto, substituirá as categorias tradicionais de sujeito e predicado, para propor uma divisão da sentença – entendida como unidade de sentido – em função e argumento, e, inspirado no conceito matemático de função, Frege propõe a conhecida função proposicional e, em seguida, os quantificadores⁴⁹. Assim sendo, mantém-se em seu projeto uma linguagem

⁴⁹ Frege inaugura um dispositivo de análise de frases que ultrapassa a lógica clássica onde a estrutura mínima da frase, por ser analisada a partir das categorias de sujeito e predicado, se resume à fórmula ‘S é P’. Assim, ao esgotar este recurso, Frege propõe o uso de quantificadores para redução lógica. A proposição universal afirmativa – ‘S é P’, ou, ‘todo homem é mortal’ – se mostra, para Frege, como não declarativa, mas ocultamente hipotética. Em seu lugar, aposta no quantificador universal “para todo x”: daí poder dizer que “para todo x, se x é homem, x é mortal”. Outros quantificadores também são usados por Frege, tal como, o quantificador existencial, (Ex), traduzido por “existe ao menos um x(...)” (PINTO, 1998).

logicamente perfeita, linguagem que não encerra nem suporta as variações de sentido. A Conceitografia, enquanto exclui o sentido, seria a base, portanto, de seu projeto. Veremos ainda, como articulá-la neste trabalho.

3.2 Frege e a função proposicional

Para Pinto (1998), Frege, na tentativa de expressar relações lógicas complexas, teve como obstáculo a insuficiência da linguagem comum em expor uma linguagem formal que fosse ideal para dizer tudo. Isto justamente porque, como fora colocado já no primeiro capítulo, as propriedades do significante desde Saussure se baseiam no fato de que o significante se opõe a si mesmo, ou seja, mesmo usando a mesma palavra, é impossível dizer a mesma coisa (ou, $a \neq a$, pois na medida em que ele se opõe a si mesmo, fica impossibilitado de dizer a mesma coisa).

Assim, para Morel (1995), o empreendimento fregiano só será possível no domínio da letra com seu princípio de identidade onde $a=a$. Usando a letra como um tratamento matemático, o sentido não dependerá do contexto, nem da significação, ela é o que é. Com o significante, sabemos que ele depende, definitivamente, do contexto para se atingir um sentido. Frege era sensível, ao que parece, às diferenças entre o significante e a letra, concluindo, assim, que não poderia trabalhar com a lógica aristotélica, uma lógica pautada na gramática e na língua – ponto a ser trabalhado mais uma vez, sob novo aspecto, a seguir.

Como também fora adiantado, para Pinto (ibidem), Frege ultrapassa a lógica clássica instaurando uma lógica onde novas categorias ganham espaço: enfim, Frege trabalha com as categorias de argumento e função. Portanto, em uma sentença, encontramos a função como a parte permanente da proposição e, o argumento, por sua vez, revela-se como a variável. A sentença no pensamento fregiano é a unidade mínima de sentido na linguagem, não sendo possível admitir sentido nas categorias isoladas de função ou argumento.

Um exemplo de sentença e função proposicional: Roberto Carlos canta com Erasmo Carlos. Poderemos ter como função – e, como função, é permanente – (x) canta com Erasmo Carlos. A variável entra no lugar de (x) e pode ser Roberto Carlos, como no exemplo, ou pode variar: Sidnei Magal canta com Erasmo Carlos, Julio Iglesias canta com Erasmo Carlos, etc. Ou ainda colocarmos Roberto Carlos no lugar da variável e substituí-lo por outra variável: Sidnei Magal canta com Erasmo Carlos. Importante salientar, mais uma vez, que somente a

sentença com função e argumento preenchidos é capaz de gerar sentido. Para visualizarmos, escreveremos esta sentença como função de três maneiras, considerando o ‘x’ sempre como variável e a outra parte da sentença como função:

1. _____x_____ canta com Erasmo Carlos.
2. Roberto Carlos canta com _____x_____.
3. _____x_____ canta com _____x_____.

Resumindo, com a função proposicional, segundo Morel (s/d), Frege inaugura, finalmente, um dispositivo para se analisar uma frase. A função proposicional seria uma “frase furada”, onde nos lugares vazios podem ser colocadas variáveis distintas que podem alterar ou não o sentido e o valor de verdade de determinada sentença.⁵⁰ A lógica aristotélica, que se pautava na estrutura que se nomeava declarativa, foi então, descartada por Frege, que não mais entende a proposição universal afirmativa como declarativa, mas a demonstra como ocultamente hipotética. Assim, o clássico ‘S é P’ – ou, ‘Todo homem é mortal’, ‘Sócrates é homem’, ‘Sócrates é mortal’ – dá lugar a uma outra estrutura, lógica, demonstrada por Frege em um mesmo exemplo: “para todo x, se x é homem, x é mortal”, ou, ‘todo homem é mortal; ora, Sócrates é homem; então ele é mortal’.

Desta maneira, segundo Pinto (1998), Frege coloca a premissa maior – ‘todo homem é mortal’ – como uma proposição hipotética que articula funções e que não tem sujeito lógico definido. Na segunda premissa, ao contrário, encontramos o sujeito lógico definido – Sócrates – em uma premissa menor por ser uma proposição declarativa – ‘Sócrates é homem’. Na conclusão encontramos outra proposição declarativa com sujeito lógico definido – ‘Sócrates é mortal’ – que somente pode ser inferida das demais premissas ao aceitarmos que o argumento ‘Sócrates’ satisfaz às duas últimas funções articuladas à primeira premissa – ‘x é homem’, ‘x é mortal’.

Para entendermos melhor o pensamento fregiano e o levarmos para o caso-eixo desta dissertação, devemos, ainda, esclarecer alguns conceitos (até porque, para Frege, toda ciência deve se valer de uma linguagem logicamente perfeita, mas, como observamos, para ele uma linguagem logicamente perfeita, depende de assegurar um significado ao introduzir qualquer expressão).

Associando lógica e filosofia da linguagem, Frege, segundo Pinto (1998), identifica

⁵⁰ O exemplo claro de Frege de função proposicional seria a frase: H₂ é mais leve que CO₂. Esta frase poderá ser furada uma vez- ou mesmo duas -, no lugar do H₂, por exemplo, e colocado ali outro argumento, uma variável, teremos: (x) é mais leve que CO₂, ou ainda, (x) é mais leve que (y). Dependendo do elemento que ocupará o lugar das variáveis x ou y, esta frase terá valor de verdade ou não.

duas dimensões do signo lingüístico: o sentido e a referência. O sentido é o modo de apresentação do objeto e a referência é o próprio objeto. Tomando o exemplo dado por Pinto (1998), consideraremos uma sentença: ‘Aristóteles morou em Atenas’. O sentido desta sentença é o pensamento por ela invocado, qual seja o fato de Aristóteles ter morado em Atenas. A referência é seu valor de verdade, em outras palavras, se Aristóteles morou (Verdadeiro) ou não (Falso) em Atenas. Importante ressaltar que, para Frege, um pensamento só tem valor para alguém se a ele é conferido um valor de verdade e, da mesma forma, **é a busca pela verdade que nos conduz do sentido à referência.**

Voltemos ao exemplo: se digo que ‘o rei da França é calvo’ esta assertiva tem certamente um sentido, mas não há uma referência verdadeira – pois que não há rei na França – perdendo a sentença seu valor de verdade, existindo somente como sentença falsa. Frege leva esta idéia tão longe que chega mesmo a postular o valor de verdade de uma sentença como sendo sua referência.

Somos assim levados a reconhecer o valor de verdade de uma sentença como sendo sua referência. Entendo por valor de verdade de uma sentença a circunstância de ela ser verdadeira ou falsa. Não há outros valores de verdade. (...) Toda sentença assertiva, em face à referência de suas palavras, deve ser, por conseguinte, considerada como um nome próprio, e sua referência, se tiver uma, é o verdadeiro ou o falso (FREGE, 1978, p. 69)

Tal construção conduziu Frege a afirmar que um juízo – definido por Frege (Ibidem) como a trajetória do reconhecimento da verdade de um pensamento – só pode ser adquirido ao se juntar o pensamento da frase ao referente, ou seja, ao ‘falso’ ou ‘verdadeiro’. Portanto, a relação do pensamento com a verdade não poderia ser buscada no nível do sujeito e predicado, pois que esta relação só nos fornece a elaboração de um pensamento e não é capaz de passar do sentido – que para Frege é gramatical – para seu valor de verdade: para Frege, “uma sentença completa expressa um pensamento e significa um valor de verdade” (PINTO, 1998, p. 97).

Parece-nos imprescindível, neste ponto, reconhecer a importância deste passo de Frege: é somente elaborando juízos que podemos nos comunicar ao usarmos sentenças assertivas e conferindo-lhes valores de verdade. Então, se alguém me diz que o rei da França é calvo, posso emitir um juízo e um valor de verdade a respeito e responder de acordo, ou com acordo.

Diferentemente, portanto, da lógica clássica, o sujeito não conterà mais o predicado, mas o predicado será entendido em sentido formal como uma função. A função, por sua vez,

“fórmula incompleta, não saturada, sai à procura de algo que complete sua carência, algo capaz de satisfazê-la” (GARCIA, 1989, p.15). A função, também chamada ‘conceito’ espera por seu outro lado, os objetos que a complementem, objetos, ou o argumento, cuja associação levará a determinado conteúdo da sentença. Ora, já é possível reconhecermos aí, o sujeito lacaniano (ponto a ser introduzido adiante).

Ainda com Garcia (Ibidem), percebemos que o projeto fregiano buscava encontrar na univocidade da linguagem formal uma forma de expurgar o equívoco. Assim, considerava que, para evitar as falhas de pensamento facilmente colocadas pela linguagem e pelas propriedades do significante, Frege vai trabalhar com signos, já que são unidades capazes de uma organização entre si. Trata-se, portanto, de uma matematização. Bem, e quando trazemos, para nosso trabalho, o caso Fabiano? Como é possível articular o projeto fregiano com Fabiano?

3.3 Frege e Fabiano

Neste projeto, o interesse na função proposicional de Frege e a lógica que ele inaugura vem incidir na clínica, no encontro com Fabiano, que também se vale da função proposicional à medida que usa a linguagem Prolog, criada por um programador e psicólogo alemão, a qual reconhece como sua própria forma de falar.

Assim, parto da hipótese que ao escutar Fabiano com Frege, ele poderá nos apontar um caminho para se pensar o estatuto da linguagem na psicose – uma linguagem lógica – ou seja, o estatuto de uma invenção que é a invenção da própria linguagem, atestando o caráter artificial de qualquer aparelho para referir.

Pela linguagem Prolog, a programação de uma inteligência artificial se faz em duas partes. O programador, segundo Fabiano, deve colocar o maior número de dados possíveis em duas colunas que se conjugam: fatos e regras. Os fatos são dados reais, por exemplo:

1. João é filho de Maria;
2. Maria é irmã de José.

As regras são regras dadas em uma frase furada, uma função proposicional, por exemplo: Se (x) tem um filho (y) e um irmão (z), então (x) é sobrinho de (z). Portanto, no exemplo dado por Fabiano, se jogássemos em um computador programado a seguinte informação, teríamos: João é sobrinho de José, este seria um dado verdadeiro ao conjugarmos

os fatos e regras, já dispostos no programa. Para Fabiano este programa é extremamente “simples e divertido” (embora não o seja para seus colegas estudantes de computação).

Explica-me que é parecido com a forma que ele mesmo fala: ele vai adquirindo os conceitos à proporção que vai conhecendo as coisas, por exemplo, conhece uma mesa: superfície retangular, de madeira, com quatro pés e serve para escrever. Esta é uma regra que partiu de um fato. Mas ele pode encontrar problemas, pois pode se deparar com algo que seja uma superfície retangular, de madeira, de quatro pés. Ele vai achar que serve para escrever, mas o que ele encontrou foi um banco, um novo fato. Inevitável pensar no trabalho de Fabiano para domar a língua, cercanda-a, por todos os lados, com seus “fatos e regras” para instrumentalizá-la em uma linguagem e se servir dela, não sendo ele próprio instrumento de gozo.

Assim, para Fabiano, é imprescindível – imprescindível! – reconhecer o valor de verdade de uma frase para poder aplicá-la e se situar na linguagem. Desta forma, se alguém diz que o tem como filho, isto para ele é um enunciado impossível, visto que para ser filho é preciso e, ao mesmo tempo, é suficiente, que se tenha um casal que reproduziu. Posições simbólicas não são reconhecidas, pois, como ele mesmo afirma: “Não tem lógica”! Do mesmo modo, ao se deparar com as gírias, Fabiano é tomado de perplexidade o que, fatalmente, o faz, tomado por um estranhamento, procurar sua psicóloga, principalmente em se tratando de assuntos ligados à sexualidade, e à identificação viril.

Um bom exemplo é lembrar que Fabiano pergunta aos colegas de faculdade como conquistar uma mulher em meio a uma grande turma de rapazes. Atônitos e, ao mesmo tempo, se divertindo, depois de muito embaraço, um dos rapazes, com ar entendido, responde: “Chega junto e joga idéia”. Fabiano se contém no momento, mas chega angustiado no consultório e, depois de muito tentar elaborar algo em torno de uma “maneira de falar” que para ele é simplesmente sem sentido nenhum, chega à conclusão de que, como sempre, as pessoas fazem piada dele e não respondem às suas questões, a fim de prejudicá-lo.

Ao contrário do que poderíamos pensar, este “sem sentido”, ou sem lógica, como ele se expressa, não o constrange, por exemplo, por não participar das gírias de seus colegas, não lhe faz somente excluído de um grupo, mas o lança no abismo dos sentidos infinitos, onde não tem paragem para o que se diz, não há possibilidade de significado, é uma deriva na própria língua.

Seguindo a mesma “lógica”, Fabiano não entende bem as “piadas” e brincadeiras dos colegas que, ao que parece, realmente acabam não levando sua figura muito a sério, ou mesmo se angustiam frente à tamanha inflexibilidade e estranheza – ele é diferente, está fora

da norma do discurso – considerando Fabiano um “robô”. As piadas, ou “zueira” (como se diz- entre adolescentes), ganham então um tom enigmático e avassalador, pois, por não possuírem um valor de verdade, também não alcançam um sentido. Ainda assim, Fabiano é capaz de fazer suas próprias piadas, mas, longe delas terem o valor aproximado de uma tirada espirituosa⁵¹ – posto que estas últimas são geradoras de um sentido novo ancorado nas leis do significante – seu trabalho não permite criação de sentido.

Assim, **sempre** (grifo nosso) que quer me perguntar algo ele diz em tom jocoso: “Me chacina uma dúvida?”⁵² Atrelado à fixidez e à repetição da mesma “piada” – o que por si só já a invalida ao perder seu caráter de surpresa – Fabiano se atém a substituir um termo por seu sinônimo, garantindo, assim, que o valor de verdade permaneça sem causar nenhum desvio de sentido. Ao trocar o ‘me mata’ por ‘me chacina’, Fabiano opera pela função proposicional em cima de uma frase metafórica e, de maneira nenhuma este “valor de verdade” é buscado no Outro do código, mas na lógica.

- (Me mata) uma dúvida?
- (x) uma dúvida?
- (Me chacina) uma dúvida?

Infelizmente ele não faz rir.

3.4 Lógica e Psicanálise

Lembrarei apenas que nenhuma elaboração lógica, e isto desde antes de Sócrates e de outros lugares que não nossa tradição, jamais proveio senão de um núcleo de paradoxos – para nos servirmos do termo, aceito em toda parte, com que designamos os equívocos (...) (LACAN, 1972 [2003], p. 494).

Interessante observar que a psicanálise nasce com o século XX, e pensamos que não poderia ser diferente. Somente com a ciência física e a descoberta da lógica formal é que Freud pôde conceber a psicanálise. Segundo Laurent (2000, p.12), “Freud descobriu que o sistema que ele chamou de inconsciente, (...) constitui um sistema que é organizado” e, desta

⁵¹ De acordo com o que foi discutido no capítulo primeiro deste trabalho a respeito da tirada espirituosa e a ironia.

⁵² Fabiano se refere, aqui, à pergunta comum de se ouvir: “Me mata uma dúvida?”.

forma, estabeleceu uma gramática do inconsciente⁵³. A partir da gramática de Freud, Lacan formaliza, em termos de lógica, a psicanálise freudiana a fim de demonstrar como é possível simplificar a prática psicanalítica, bem como as tramas do sujeito analisante (Ibidem). Vale voltar a ressaltar que o sujeito do inconsciente é calculável em uma lógica, em determinada formalização que viabiliza certos percursos significantes bem como intercepta outros.

Por sua vez, Morel (1995, p. 11) relembra que Lacan chamou a lógica de ‘ciência do real’ uma vez que este real implicado no discurso analítico traz em cena impasses, melhor dizendo, impasses lógicos. Neste sentido, continua Morel, o real está ligado à noção de impossível, o impossível de se escrever no inconsciente. A lógica de seu tempo será então o que possibilita Lacan a escrever suas “pequenas letras”. Vale realçar que tais letras funcionam não como significantes – “que desde Saussure, se caracteriza pelo fato de ser sempre diferente dele mesmo” (Ibidem, p. 30), se opõe a ele mesmo, então $a \neq a$ – mas enquanto letras idênticas a si mesmas, ou seja, $a = a$. Assim, **não há lógica sem escritura e a escritura depende de se trabalhar com letras assim determinadas** (grifo nosso). Trabalhando matematicamente com letras, assim como no projeto fregiano, presume-se que haverá uma diminuição da incidência dos equívocos.

Pois bem, a lógica é chamada quando há impasse de formalização. Para Lacan não foi diferente. Frente a impasses teóricos, recorreu às letras e à formalização lógica. Segundo Morel (1995, p.11), Lacan definiu, com seu rigor de praxe, o real implicado no discurso analítico como impossível, na medida em que é encontrado, este real, como impasse lógico. Ao mesmo tempo, continua Morel (Ibidem), Lacan define a lógica como ciência do real. Pelo próprio paradoxo evocado, Lacan define o real como impossível, como impossível de se escrever no inconsciente – intraduzível, portanto, no dizer.

Com efeito, em 1972 declara, ao final de ‘*O Aturdido*’ – texto que será um pouco comentado ainda neste capítulo pelo uso que Lacan ali faz da lógica de Frege – que: “Onde terei eu feito compreender que pelo impossível de dizer se mede o real? – na prática” (LACAN, 1972 [2003] p. 497). Fica evidente que o recurso à lógica, operado “na prática”, pretende buscar uma formalização dos paradoxos do sujeito operando pelos equívocos escritos no inconsciente. Desta forma, espera-se, em um processo analítico, poder escrever algo do gozo, algo que toque o real, em um dispositivo lógico que, em frases, resume a organização do modo de gozo de determinado sujeito.

⁵³ Para melhor situar o leitor na gramática freudiana, lembremos apenas da gramática da pulsão apresentada em “Pulsões e suas vicissitudes”, e do célebre texto “Uma criança é espancada” para visualizarmos a formalização freudiana da psicanálise.

De maneira análoga, nos explicita Morel (1995), Lacan também incute a definição de real enquanto impossível a Freud. Assim, como na lógica, na perspectiva freudiana, o real é encarado como o impossível, o impossível de se alcançar com o processo primário, o que em termos míticos no texto de Freud o conduz a falar da alucinação do seio materno como a demonstração da satisfação como impossível. Nas palavras de Lacan: “(...) que o processo primário não encontra nada de real senão o impossível, o que, na perspectiva freudiana, permanece como a melhor definição que se possa dele fornecer” (LACAN, 1948 [1998], p. 72).

Miller (2001; 15) acrescenta que para a lógica, enquanto podemos chamá-la ‘a ciência do real’, haverá um certo privilégio ao abordar, ao alcançar o ideal de “produzir o certo, o invariável, impossível de transformar” ao poder formalizar a ciência, diferentemente do que se pode produzir na dimensão retórica da linguagem – pois, neste lugar só é possível produzir o provável. Ou melhor, como aponta o Seminário XIX “o embarque na semântica é naufrágio assegurado” (LACAN 1972-73, p. 19) e nos indica o caminho da lógica como o mais seguro.

Ainda para Miller (2001), este ponto é crucial neste trabalho, “o privilégio do lógico é o de fazer surgir, da linguagem, um real”. Ou seja, operando, inesperadamente, com o simbólico, a lógica faz real aparecendo, então, a certeza que se pode ter em relação a qualquer pontuação. Mas, adverte Miller, esta certeza é diferente da certeza psicótica, pois que esta última não admite o simbólico. Tais colocações poderão ser instrumentos valiosos para amarrarmos o uso que Fabiano faz da lógica no final do capítulo.

Ainda neste compasso, com Garcia (1989) vislumbramos que lógica e psicanálise são domínios distintos, discursos heterogêneos, que se aproximam à medida que consideramos que ambas constituem formas de contornar a incompletude e podemos acrescentar o real. Entretanto, ainda segundo este autor, haverá uma diferença radical na maneira como os lógicos – entre eles Frege – e os psicanalistas abordam a questão da linguagem, pois com Freud o que entra em cena será a linguagem natural, exatamente o que é recusado pelos lógicos em função de sua equivocidade. Freud aponta que o sujeito diz mais do que sabe, ou diz outra coisa do que o que se diz, às vezes, tampouco, sabe o que quer dizer. Para Miller (1996, p.62), “A análise encontra seu bem nas lixeiras da lógica. Ou, ainda, a análise desencadeia o que a lógica domestica”.

Vale ressaltar, portanto, que o recurso à lógica invocado por Lacan é uma tentativa necessária à clínica – de se contornar o “impossível” (assim como o foi para Frege) ou, melhor dizendo, uma tentativa de cercear o real e, digamos, ainda que de relance, que para Fabiano a lógica também é capaz de, no seu confronto com o real da língua, fazer

aparelhagem do gozo ao escrever, matematizar, a linguagem em uma programação de inteligência artificial. Frente aos impasses encontrados na teoria, Lacan buscou na lógica uma forma de escrever algo que não se escrevia.

Nos anos 70, contudo, Lacan reconhece que também a lógica não consegue dar conta do impossível, apesar de nunca ter se iludido, quanto a encontrar algo que recubra todo o real. Assim sendo, a grande novidade de seu ensino será recorrer à teoria dos nós, para se alcançar um melhor cerceamento deste incalculável real. Também Frege precisou se deparar com “furos” em sua teoria apontados por filósofos contemporâneos. De forma parecida, Fabiano, frente aos impasses da língua, sem o recurso simbólico, se apropria da linguagem como se fossem números, ou índices, signos para sermos precisos, a fim de escrever algo que coagule o gozo disperso na falta do sentido. Neste projeto, sempre é desafiado pelo uso corrente da língua, pelos encontros com as pessoas que “não tem lógica”. No entanto, insiste nesta saída sem outro recurso para sua empreitada.

3.4.1 *A lógica e a escrita*

Mas, será que não se poderia dar que a linguagem tivesse outros efeitos além de levar as pessoas pela coleira a se reproduzirem em corpo ainda, em corpo mais e mais ainda, e em corpo encarnado, ainda?

De qualquer modo, **há outro efeito da linguagem que é a escrita** (LACAN, 1972-72, p. 63).

Miller (2001) nos aponta que Lacan, enquanto toma como referência a lógica como ciência do real, lembra que o real em psicanálise é o que não cessa de não se escrever, ou seja, o que denuncia a dizer: “não há relação sexual”, pois que não há significante que permite escrever a relação de um homem e uma mulher em termos de xRy . Com efeito, Lacan acredita que ‘não há relação sexual’, mas que é possível escrevê-la. Ora, é possível escrevê-la tendo como recurso a lógica, pois a “lógica se escreve, ela é impensável sem o escrito” (MILLER, 2001, p.21).

Lacan se dedica, no Seminário XX (1972-73), à ‘Função do escrito’ no discurso analítico. Começa apontando que foi necessário atribuir letras a certos conceitos na medida em que, pela retórica, os mesmos se misturavam. Lacan escreveu: $S(A)$, Φ e a , a fim de mostrar que “se estas três letras são diferentes, é que elas não têm a mesma função” (Ibidem, p. 41) apesar de serem termos facilmente confundíveis. Assim, dirá que não há nada melhor

para o discurso e a prática analítica, do que o uso que se faz das letras escritas em matemática, uma vez que, “A escrita não é de modo algum do mesmo registro (...) do significante” (Ibidem, p. 41) e, desta forma, escapa aos equívocos.

A linguagem só é articulável, segundo Lacan (Ibidem), só se suporta, nos efeitos da escrita conforme o ideal da matemática, ou seja, ao usarmos as letras excluindo das mesmas o sentido. “Ora, recusar-se à referência à escrita é proibir-se aquilo que, de todos os efeitos da linguagem, pode chegar a se articular” (Ibidem, p.61). Para Lacan a matemática é a elaboração mais apropriada e avançada para produzirmos a significância, posto que ela se faça ao contrário do sentido sendo um recurso para além da fala. Mas, mesmo estando afastada do sentido, a articulação matemática não deixa de ter os efeitos de linguagem, uma vez que é capaz de escrever o simbólico a fim de reter uma “verdade cônica” (LACAN, 1972-73, p. 126), a do semi-dizer. Os signos matemáticos nos servem muito bem na medida em que, dispensados do “equivocado” significante, são transmissíveis integralmente – com o auxílio da linguagem.

É o efeito de ‘fora-do-sentido’ da matemática, onde acontece de uma escritura se transmitir, que busca Lacan neste momento – uma transmissão que se dá à margem do sentido. Como não há como falar da inexistência da relação sexual pela linguagem, há um forçamento de sua escrita que crie, matematicamente, uma forma de dela se dar a ler para cada sujeito. Há uma busca de Lacan, portanto, por uma “cientificização” da psicanálise pela via da matemática, entendida como o ideal da ciência, uma busca por uma forma de transmissão integral que escapasse do mal entendido da linguagem, onde a verdade tem uma estrutura de ficção. Mas, o que é, neste contexto, a escrita?

Lacan confere à escrita o estatuto de suplência, suplência da ausência de relação sexual. Ora, é justamente na impossibilidade da relação sexual se escrever, na brecha que aí se instaura, que encontramos a possibilidade de escrever – sempre outra coisa – de “suplenciar” o que não se escreve. A escrita é sustentada pelo fato do real nunca se escrever, ou seja, dele ser definido como impossível, e se manter o molde de cada tentativa de inscrição.

(...) para nós se trata de tomar a linguagem como aquilo que funciona em suplência, por ausência da única parte do real que não pode vir a se formar em ser, isto é, a relação sexual (...). É no jogo mesmo da escrita matemática que temos de encontrar o ponto de orientação, de nossa prática, (...) tirar o que se pode tirar quanto à função da linguagem. (Ibidem; 66).

A escrita encerra em si uma parte localizável do gozo que ali se coloca, independente de qualquer sentido.

Parece-nos que o uso da escrita da programação de computadores, ou melhor, de uma inteligência artificial, poderá servir para Fabiano como receptáculo do gozo, quando se torna possível para ele escrever algo que preencha – literalmente – os furos da linguagem (sendo assim uma suplência) e, com o mesmo golpe, ter acesso à comunicação, mesmo que seu recurso – via o suporte matemático – escape ao sentido.

3.5 Um pouco de Frege em Lacan

A arte, a arte de produzir uma necessidade de discurso, esta é a fórmula que na última vez insinuei, mais do que propus, sobre o que é a lógica (LACAN, 1972-73, p. 45).

Já foi dito que Lacan fez uso da lógica fregiana. Neste item pretendemos colocar como fez tal uso e qual a finalidade deste uso. Conforme o exposto no item acima, a lógica vem para contornar o real no ponto em que este é definido como impossível como impasse lógico. Mas tentemos ser mais específicos e comecemos pela “função”.

O conceito de função foi muito usado por Lacan, que sempre soube se valer da matemática e da lógica. O uso da função proposicional de Frege, especialmente, foi caro à Lacan ao escrever a função fálica e as fórmulas da sexuação.

Para Morel (1998), Frege era um realista e, enquanto tal pretendia “fundamentar logicamente o número e a aritmética”. Para tanto, a lógica aristotélica tornava-se impotente ao tentar cercear os problemas cada vez mais complicados colocados pela lógica na vertente da retórica, pois que, como já fora apontado, a lógica clássica depende totalmente da língua e da gramática. Então, diferentemente de Aristóteles, para Frege a língua sempre foi insuficiente para cumprir seu projeto.

Surge, assim, a função elaborada por Frege em 1879 e que, só mais tarde, contudo, Russel a chamará de função proposicional, a fim de que não fosse confundida com a função da matemática – embora fosse inspirada nesta.

A função proposicional, como já fora repetido, serve como uma fórmula para se decompor e analisar, de uma nova forma, uma frase. Uma nova fórmula capaz de cumprir um verdadeiro corte epistemológico que dá início à lógica moderna (MOREL, 1998).

Embora, Lacan use o termo ‘função’ algumas vezes em vários momentos de sua obra, neste momento nos vimos impelidos a focar na ‘função fálica’, com a intenção de abordar, por

um lado, a própria função e, por outro, o falo, já que trataremos de um caso de psicose onde a não incidência da função fálica faz o sujeito recorrer a algo que desempenhe função análoga.

3.5.1 A função fálica

Ao nos reportarmos aos ‘Escritos’ encontraremos a função do falo por algumas vezes, em especial em ‘A significação do falo’ (1958). Entretanto, o termo ‘função fálica’ só é dito em 1971-72. Com efeito, Lacan retorna à função do falo nesta data em seu Seminário XIX, ‘(.)Ou pior’ quando se propõe a escrever as fórmulas da sexuação. Lacan remete então o leitor ao texto de 1958, ‘A significação do falo’, dizendo que não há nada para retomar em relação ao que disse na ocasião – que o que o falo denota é o poder de significação. Em 1958 Lacan situava a sexuação⁵⁴ no âmbito do ser ou do ter o falo, mas em 1972 dará um salto e falará, enfim, de função fálica – e é aqui que o termo função será usado dentro da perspectiva fregiana. Veremos por que.

Em 1958, vale lembrar, Lacan é taxativo ao afrontar o uso do ‘falo’ da teoria freudiana feita por alguns e esclarece que o falo não é uma fantasia, não é um objeto (parcial, bom, mau, interno), tampouco se reduz ao órgão por ele simbolizado – clitóris ou pênis. O falo é um significante que tem por função designar os efeitos de significado (LACAN, 1958 [1998], p. 697). Portanto, a função do falo se estabelece por fornecer a razão do desejo e permitir ao sujeito se instalar na diferença entre os sexos, na medida em que se posicionará como ter ou ser o falo para o Outro. Ora, “ser ou ter o falo” são formas retóricas de se abordar a partilha dos sexos. Mais ainda, esta forma é pautada na lógica clássica.

Para Morel (1995), se seguirmos, portanto, a lógica aristotélica, os sexos são dois – lembremos que esta é uma lógica dual – e são definidos por atributos (os sexos dividem-se em masculinos e femininos, que são, por sua vez, determinados por atributos ou caracteres primários e secundários). Tal idéia, também usada por Freud para quem o masculino e feminino eram definidos por ativo e passivo ou por ter ou não ter o falo – fornece uma ilusão de que é possível uma complementação entre os dois sexos.

Neste ponto encontramos também a biologia, que conhecidamente aborda o real do sexo pela reprodução sexual e a escrita genética da relação sexual (MOREL, 1995). A união

⁵⁴ Para Brodsky (2003), acompanhando Lacan, a sexuação é um assunto corpo, ela trata do encontro do corpo com o significante fálico.

do óvulo ao espermatozóide cria uma espécie de relação sexual, de proporção entre os sexos. Ainda para esta autora (Ibidem), a biologia não leva em consideração que, pela questão do sexo, a questão da reprodução como real, surge como questão no inconsciente no centro da neurose infantil “Como se fazem os bebês?”; “Qual a diferença ente meninos e meninas”(…).

Morel (Ibidem) lembrará que Lacan apontou o transexual como àquele que denuncia o que chamou de “erro comum”: considerar o sexo anatômico como o sexo da criança que nasce, a partir do qual ela será nomeada; “é uma menina”, “é um menino”. É a partir do “erro comum” e as nomeações dele advindas, que o sujeito entra na ordem do discurso “normal” – “*normale*”⁵⁵, chamará Lacan – simbólico, normatizado pelo falo, que direciona o *infans* na partilha dos sexos – macho e fêmea, em uma ordem dual.

Não é garantido, nem sempre é assim. Mas não há necessidade disto para que o julgamento de reconhecimento dos adultos circunvizinhos repouse pois sobre um erro, aquele que consiste em reconhece-los, sem dúvida pelo que eles se distinguem, mas não reconhece-los senão em função de critérios formados sob a dependência da linguagem, se é verdade que, como eu adianto, é realmente pelo fato de que o ser seja falante que há complexo de castração (LACAN, 1971-72, p.13).

Da mesma forma, o corpo do ser vivo é definido pela biologia como aquele que morre, anulando, assim, este corpo como simbólico. A psicanálise, por sua vez, abordará o real do sexo e do corpo por outro viés, pois ela parte do princípio que o homem é um ser de linguagem.

Sendo assim, a psicanálise pode reconhecer na clínica, ou frente às novas formas de organização sexual e, em meio aos eternos debates acerca da sexualidade – que terminam por reduzir as categorias de sexo a uma discussão acerca do gênero. A fragilidade de tais elaborações ao tentarem reduzir a sexualidade à anatomia. Até mesmo Freud, nos indica uma impossibilidade de abordar o assunto desta maneira ao declarar sua dificuldade em estabelecer algo sobre o feminino, ou sobre “o que quer uma mulher” (MOREL, 1995). Lacan precisará dar um novo passo para escrever a relação – ou a não relação – entre os sexos, visto que havia algo ali não abordável pela retórica.

Ainda para Morel (Ibidem, p.27), Lacan, assim como Frege, também era um verdadeiro realista, pois que “queria formalizar e transmitir o real da não relação e suas conseqüências”. Com efeito, em 1969 chega a declarar: “a verdade não é uma palavra a ser manipulada fora da lógica proposicional” (LACAN, 1969-1970, p.52). Devemos nos lembrar que toda a discussão sobre a verdade neste seminário – ‘O avesso da psicanálise’ – reconduz

⁵⁵ Colocando, na mesma palavra, ‘normal’ e “male” – macho em francês. Lacan brinca, assim, com a norma do “macho”, a norma do falo.

sempre a um consenso: a verdade não pode ser dita, ela só pode ser meio-dita. Assim, a proposição fregiana, ao dar um “valor reduzido à inscrição, ao manejo de um símbolo” (Ibidem), pode fornecer um ‘valor de verdade’. Lacan dá um passo além da retórica a fim de poder demonstrar o que, pela gramática, não era possível mais dizer. Seu passo: a lógica moderna.

Assim, para escrever a relação do significante com o gozo, Lacan (1972-73, p. 28) se exprime pela notação Φx , deixando claro que o x é um significante porque “justamente é com o significante que vocês se sexua”. Para Morel (s/d, p.13) “o sujeito não se torna sexuado a não ser pela via da linguagem, pela via do significante através do qual ele se faz representar”, pois o sujeito lacaniano é um vazio recoberto de atributos que se faz pólo destes atributos antes mesmo de seu nascimento. É somente pela mediação da linguagem que este sujeito se localiza quanto ao sexo. A pergunta que cabe: se encontramos aqui um sujeito tão complexo – que depois de Lacan tanto bater nesta tecla, ele não poderá ser confundido com o eu – como poderemos encontrar uma forma, ou uma fórmula, para falar de seu gozo?

Lacan, segundo Morel (s/d), no texto ‘ O Aturdito’ (1972), vai ter instrumentos para demonstrar que o falo é um significante diferente dos outros, já que não poderá funcionar conforme um atributo – ‘Maria é fállica’ da mesma forma que diríamos ‘José é alto’. A impossibilidade reside no fato de que o falo tem ligação com a relação de gozo de um sujeito. O falo, como significante, ligado ao discurso social da comunidade que, definitivamente, é quem estabelece e mantém a norma fállica que nos agrupa, está atrelado à castração ou, melhor dizendo, a função “ Φx quer dizer a função que se chama castração” (LACAN, 1971-72, p. 28). Tratando-se, portanto, de castração, a função fállica traz, de um lado, a interdição do gozo inserindo a norma simbólica. Por outro, é uma função positiva de gozo – que Lacan chamará ‘gozo fállico’ – que toca o real, pois, para Lacan, o sujeito goza de sua castração, da falta a ser ou da falta a ter o falo. É o gozo e a perda, ou o gozo da perda, no mesmo significante.

Ao tocar no gozo, ao apontar para o postulado “não há relação sexual”. Lacan encontra na função proposicional o instrumento da quantificação sexual, pois, para ele, há aí “uma inscrição possível (na significação em que o possível, é fundante, leiniziano), dessa função como $\Phi(x)$, à qual os seres responderão segundo a sua maneira de fazer ali um argumento. Essa articulação da função com a proposição é a de Frege (LACAN, 1972 [2001], p.457). Vale lembrar, que no mesmo ano, Lacan coloca em seu Seminário XIX (LACAN, 1972-73, p. 9) “quando digo que não há relação sexual, afirmo precisamente esta verdade, no ser falante, que o sexo não define nenhuma relação” e que é justamente o oco desta ausência que permite a escritura de algo, no caso da neurose, pela função fállica.

O $\Phi(x)$ é a função fálica uma vez que ela pode apontar para o equívoco em que este significante o faz fálico ou castrado, sendo x o lugar vazio aonde vem se instaurar um significante que funcione em todos os lugares: este significante fálico é o argumento que representa o gozo para determinado sujeito (Ibidem, p. 8). No lugar do (x) o sujeito encontrará um significante de sua história, um significante tomado do pai, sendo o argumento fálico aquele que preenche a função. Assim: “Não há nenhum exagero, no que concerne ao que a experiência nos oferece, em situar a questão central do ser ou ter o falo a função que supre a relação sexual” (Ibidem). É o argumento com o qual o sujeito “se vira”, por assim dizer, dentro da função fálica desde muito existente. Tal articulação permite a Lacan introduzir a função fálica como uma função onde gozo e linguagem estão conectados.

Lacan (Ibidem, p.458) dirá então, se referindo à função proposicional de Frege, que nesta lógica, poderá situar tudo que acontece no Édipo. Assim, aproveitando ainda os quantificadores lógicos, Lacan estabelece que, para podermos falar de um homem na partilha sexual, há de se encontrar uma correlação de duas fórmulas: $\forall x \cdot \Phi$ e $x \cdot \Phi x$. Ou seja: para todo x , Φx é satisfeito, o que para Lacan indica “para todo sujeito, enquanto tal, já que este é o desafio deste discurso, inscreve-se na função fálica para obviar a relação sexual” (Ibidem, p.458).

A segunda fórmula indica o lugar da exceção para o universal da primeira – para todo x – ao apontar que existe ao menos um x para quem esta função é excluída de fato. Conjugando particular e universal, Lacan indica um sujeito todo colocado na norma fálica (assim como Freud o percebeu em seu ‘Totem e Tabu’), à medida que este universal é corroborado pela exceção – como o pai primitivo freudiano, ao qual é permitido gozar de todas as mulheres, ou de uma mulher-toda, enquanto seus filhos permanecem interditados, pela lei da castração.

Para a mulher, ou melhor, do lado feminino, Lacan escreverá que “não existe sujeito para quem a função Φx não funcione”, fórmula que deverá ser articulada a uma segunda “para não todo sujeito é verdadeiro que Φx funcione”. Partindo desta articulação Lacan pôde dizer que:

1. nenhuma mulher faz exceção a regra, pois não há uma figura fundadora de seu grupo;
2. a mulher é não-toda submetida à castração.

Assim, encontramos a mulher, ou o sujeito feminino, onde não há ninguém que escape a castração, porém estes sujeitos estão, ao mesmo tempo, somente parcialmente assujeitados à norma fálica, visto a ausência de exceção – o que implica em um gozo suplementar⁵⁶.

Vemos, portanto, como os quantificadores de Frege puderam estabelecer “as fórmulas da sexuação” a partir da função fálica. As fórmulas da sexuação permitem ordenar o gozo para um sujeito de um lado ou de outro dos sexos. Ora, na psicose não encontramos a função fálica, mas certamente encontra-se nela algo que possa fazer a função de ordenar o gozo.

Veremos como (...)

3.5.2 Funções de gozo

Vale apontar que, para Morel (s/d) é importante frisar que Lacan usa a função fálica como uma função de gozo nos sujeitos. A função de gozo deve ser entendida como “as localizações de gozo que são possíveis para um sujeito” (Ibidem, p.10). Assim, especifica, temos que algumas funções de gozo têm caráter universal (pois que grande parte dos sujeitos aí se inscrevem) – tais como a função fálica e as teorias sexuais infantis⁵⁷ – e outras funções de gozo têm caráter mais particular, como no caso da fantasia, do sintoma e bem como do *sinthome*.

As funções de gozo obedecem à lógica da função proposicional e têm por objetivo localizar o gozo se valendo da tríade real, simbólico e imaginário. Acrescentamos que, “o gozo é um real e suas localizações se fazem por determinações simbólicas e imaginárias” (Ibidem, p.10). Com a função, tal como determinada por Frege, Lacan consegue encontrar uma escrita que lhe permita se aproximar mais do real e, no momento em que postula “não há relação sexual”. Por exemplo, ele falará da função fálica como uma função onde o gozo pode se ligar à linguagem ao colocá-la como função proposicional, “ela nos dá o único apoio que supre o ab-senso da relação sexual” (LACAN, 1972 [2003]).

Além destas considerações, vale apreciar o uso e a leitura, juntamente com a psicanálise lacaniana que Morel (1998) faz da função proposicional quando pôde chamá-la

⁵⁶ Seria impossível tratar mais detidamente este assunto nesta dissertação. Remetemos o leitor interessado ao Seminário XX, ‘Mais, ainda’ (LACAN, 1972-73) e ao citado texto também de Lacan e escrito em 1972, ‘O Aturdido’ (LACAN, 1972 [2003]).

⁵⁷ Tratam-se das típicas teorias sexuais infantis recenseadas por Fred – “todo mundo é fãlico”; ‘a criança excremento’; ‘a teoria sádica do coito’ (MOREL, s/d, p. 10).

função de gozo e, com mais este instrumento, poder melhor escutar Fabiano. Esta autora coloca que a fórmula da função proposicional poderia bem ser a fórmula do sintoma, entendido como o que sustenta o estilo de vida de um sujeito, bem como seus modos de gozo, como uma ossatura, uma **escritura**⁵⁸ fixa do sintoma do sujeito. Para tanto, levanta quatro pontos necessários para articular tais termos.

1. Ao atribuir valores às variáveis, a função proposicional se faz em uma frase que tem um sentido.

2. A função proposicional toca no valor de verdade do sintoma: “esta característica da função proposicional é apropriada para significar o laço íntimo do sintoma com a verdade, que se modula para o sujeito em termos de crença” (Ibidem, p. 27).

3. O sintoma pode ser descrito como uma relação e, com Frege, ser definido como o “elemento constante a deduzir dos conjuntos das relações” (Ibidem). Observação clínica delicada e preciosa nas conduções de casos independente de sua estrutura.

4. A função proposicional é capaz, uma vez que é composta por uma parte variável e uma parte constante, de articular determinismo e contingência nas histórias de cada sujeito

Independente da estrutura existe uma função de gozo, ou funções de gozo, que ordenam, para cada sujeito, sua existência. Função calculável, portanto, do que fica dito em termos de relações deste sujeito com Outro. Articulado determinismo, à proporção que há uma parte fixa de cada função de gozo, e contingência, o sujeito só pode se movimentar dentro de tal função. Isto também lhe orienta ao possibilitar o reconhecimento de um sentido – sustentado pelo seu valor de verdade – na maneira como tal sujeito se coloca, na forma como este sujeito enlaça linguagem e gozo.

Poderíamos reconhecer, no caso de Fabiano, algo desta ordem? Haveria ali algo que nos fornecesse uma função que organiza seu gozo? Sabemos, no entanto, de um trabalho cotidiano neste paciente: estabelecer fatos e regras para tampar os furos das funções, os furos da linguagem.

3.6 Mais uma vez Fabiano (...)

⁵⁸ Lembremos que a escritura supõe uma fixação de gozo.

Voltamos ao caso Fabiano, desta vez para tentarmos concluir algo em torno da linguagem na psicose, articulando o caso com a teoria percorrida.

É fácil perceber a dificuldade de Fabiano se alinhar entre seus “iguais”: por mais que tente, ele é diferente – diríamos que isto se dá por ele estar fora da norma fálica, que lhe permitiria se colocar frente ao sexo, a partir das identificações fálicas ou, melhor dizendo, para se dar a ênfase necessária à questão da norma do discurso ordenado pelo falo que permite aos sujeitos um semblante de acordo, ele não compartilha o código simbólico instaurado por uma metáfora inaugural, a qual permite a quem fala distanciar a palavra e a coisa. Tal enunciado nos lembra, dado este evento, a coisa em si nunca poderá ser designada, mas só representada pelo significante. Na psicose, portanto, há que se escutar as alucinações que falam do sujeito ou mesmo o modo como este sujeito é falado em seu círculo, de um modo especial, pois que o que ouvimos é justamente a designação do ser de gozo do sujeito. Na psicose, lembremos “isso fala dele” justamente por sua relação com a linguagem ser diferenciada: ele é habitado por ela. Daí Fabiano poder ser, ou melhor, ser “como se” fosse um “robozinho”.

Ora, mas quanto a isto, Fabiano já tem alguns recursos – não simbólicos – como “aprender”, literalmente, tudo que pode ser dito ou feito. Entretanto, ele aprende onde mais gosta: em filmes, jogos de imaginação e fantasia, desenhos animados, gibis. Sabemos que Helena Deutsch já observara na sintomatologia psicótica, uma espécie de mecanismo de compensação imaginária do Édipo que não se escreveu pela vertente do significante do Nome-do-Pai (Estamos aqui nos termos de Lacan do Seminário III, 1955-56):

Muitos clínicos se debruçaram sobre os antecedentes psicóticos. Helena Deutsch valorizou um certo “como se” que parece marcar as primeiras etapas do desenvolvimento daqueles que, num momento qualquer, sucumbirão na psicose. Eles não entram jamais no jogo do significante, a não ser por uma espécie de imitação exterior. A não-integração do sujeito no registro do significante nos dá a direção na qual a questão se põe quanto ao prévio da psicose” (LACAN, 1955-56 [1985], p. 285).

Lacan usa a observação da personalidade “como se” para indicar que é possível, para a psicanálise, reconhecer um psicótico antes mesmo de qualquer desencadeamento. Tal assertiva depende diretamente do fato de que, enquanto uma estrutura, a psicose é marcada por uma posição de exterioridade em relação à linguagem – que a personalidade “como se”, ao se basear na imagem que lhe indique como ser (homem ou mulher, por exemplo) e não no significante paterno, atesta Lacan (Ibidem, p. 285) “daí se pôr a questão de saber se o

psicótico verdadeiramente entrou na linguagem”, ou, acrescentarmos como ele poderia fazer uso da linguagem e não ser instrumento dela.

Partindo desta pergunta, pensamos que nosso percurso ainda é longo e cheio de percalços. Primeiro, gostaríamos de apontar que é possível reconhecer uma função que regule a posição de Fabiano frente ao Outro. Vale lembrar que a função que aqui nos cabe é capaz de articular determinismo e contingência, a fim de manter o sujeito regulado em suas relações simbólicas e seu gozo.

Ora, Fabiano é um jovem, filho de família modesta que vem ascendendo a uma classe média. Na sua história encontramos uma avó que mendigava – ele não sabe porque – sua mãe e seu pai como sujeitos explorados (não só no sentido de trabalho, mas também uma exploração “psicológica”, por assim dizer – por serem objetos de gozo como ele, na visão de Fabiano – por padrões, pais ou sociedade – “a sociedade abjeta” a que Fabiano se refere).

Assim, não seria abusivo considerarmos a seguinte formalização e apostarmos em uma função de gozo, no nível de um sintoma. Então, para Fabiano: ‘(x) é explorado por (y)’. Que poderá ser substituída por variados argumentos, havendo, no entanto, uma ordem: no lugar dos “explorados” estará Fabiano, ou seus familiares e, às vezes, sua psicóloga. Do outro lado da função, no lugar do explorador, encontramos o Outro da paranóia – onipotente caprichoso e gozador. Fabiano sempre estará, de alguma forma, em posição de “explorado”, o que lhe garante uma filiação – lembremos que há uma história duvidosa na ocasião da gravidez de Fabiano, quando sua mãe teria outro namorado, ou mais um namorado, além do pai dele – sem fazê-lo questionar sobre a paternidade em lugar simbólico, ao que parece, o pai só se escreve na função. Função esta, vale dizer, que não é mediatizada pela castração e, sendo assim, não é dialetizável para o sujeito. Desta forma:

- Fabiano é explorado pelos padrões
- A avó é explorada pela sociedade.
- A mãe foi explorada em ambientes de trabalho.
- O pai é explorado pelos padrões porque realiza um trabalho de alto risco.

Fabiano se acomoda nesta função que bem poderíamos classificar de sintoma⁵⁹ e, sempre que cumprimentado em sua chegada por um “Olá! Tudo bem?” de sua analista, nunca

⁵⁹ Seguimos aqui com o texto de Geneviève Morel (s/d) no qual o sintoma em uma frase pode ser reconhecido em um caso na medida em que determina sua posição frente ao Outro de “explorado” – do qual ele se queixa – mas, por outro lado, se houver algo contingente que impeça a função de se escrever nada mais poderá ser escrito: irrupção do real. Assim, “o interesse da função proposicional para descrever o sintoma reside, principalmente, no ponto em que concerne às relações antagônicas do sintoma com o sentido e com o real. Quando as variáveis têm um valor conveniente, a função proposicional do sintoma é verdadeira, tem um sentido (...). O real surge no momento em que a frase se torna falsa” (Ibidem, 24).

se demorou em responder: “Por enquanto”. Explica que o “por enquanto” se refere ao fato de que ele nunca pode esperar ficar bem por muito tempo, ele sabe que alguém, em algum lugar, irá prejudicá-lo, dando um tom assintótico, para as coisas serem colocadas a seu termo. A função escrita se então torna necessária – não cessa de não se escrever – e é nos momentos em que isto balança que Fabiano se vê mais “sem lugar”. Para ele, como diz, é estranho responder “tudo bem”, porque sabe que não é definitivamente desta forma que as coisas funcionam efetivamente para ele. Ora, se reconhecemos aqui um sintoma é por que⁶⁰:

1. A função, corretamente preenchida, confere ao sujeito um sentido ao ser endossada como verdadeira se puder denotar algo. Podemos afirmar que a lógica só ganha sentido quando entra em uma função, isto é, quando seu argumento é preenchido tomando o sentido de verdadeiro ou falso; “parece-me que isto é feito para nos fazer tocar na hiância que há do significante à sua denotação, pois o sentido, se está em algum lugar, está na função, e a denotação não começa senão a partir do momento que o argumento vem inscrever-se ali” (LACAN, 1972-73, p. 40).

2. Há um valor de verdade, ao nível do sujeito, que é tocado pelo sintoma.

3. A função é uma relação estável, imutável, que nos fornece um “molde” das relações do sujeito. Há aqui um ponto de fixação de gozo que, de outra forma, ficaria à deriva. Fixação no sentido de uma escritura que, como todo escrito, só se escreve pela necessidade lógica imposta pela ausência de um significante que defina os sexos: há que se escrever (uma função).

4. O sintoma é capaz de articular o que é determinado para dado sujeito ao que lhe aparece como contingente dentro de uma escrita possível.

Desta forma, tudo que acontece com Fabiano ganha uma interpretação compatível com seu sintoma, diríamos ainda, com sua função de gozo. Basta alguém lhe dar uma informação errada na rua para que ele acredite que foi enganado propositalmente, querem que ele gaste mais dinheiro com ônibus (como aconteceu uma vez) e, a verdade, tocada no sintoma, adquire o tom da certeza psicótica.

Bem, mas que seja possível reconhecer em Fabiano um sintoma estruturado em uma função proposicional nos indicaria o caminho para reconhecer o que seria o objetivo deste projeto, qual seja abordar a linguagem na psicose, relevando a idéia de que esta pode servir como aparelho de gozo? É inquestionável pelo o que foi descrito, alguns itens acima acerca do uso da linguagem Prolog – de seu “**prologamento**” quando Fabiano diz que é assim que

⁶⁰ De acordo com o que foi exposto no item acima acerca do sintoma articulado em uma função proposicional

ele fala – atinge o alvo de nossa questão. Ao que nos parece, Fabiano faz, no computador, uma escrita a partir do impasse lógico, do impossível como real, assim como o faz no uso comum de sua própria linguagem. Surge aí, algo da ordem do manejo, da operação, no trabalho de Fabiano, para tratar a língua pelo real da linguagem. Assim, lembremos que, para Fabiano, o uso da linguagem Prolog não é só fácil, mas, sobretudo “divertido”, o que talvez nos aponte para um toque no gozo, fazendo-o rir.

No entanto, é impossível deixar de apontar que a organização psíquica, o inconsciente enquanto elaboração de saber é como uma linguagem. Grosso modo, podemos dizer que falamos de acordo com nossa estruturação, mais uma vez, que é de linguagem, ou, com Lacan, que “o uso da lógica não é sem relação com o conteúdo do inconsciente” (LACAN, 1972-73, p. 44).

Arrematamos: isto não é novidade no campo da psicanálise, ao contrário, talvez seja o próprio campo da psicanálise. Nos termos de Lacan do ‘O Aturdido’(1972 [2003], p. 492), diríamos que “a linguagem não surte outro efeito senão o da estrutura em que se motiva essa incidência do real”. Entre o que se fala, ou melhor, entre como se fala – a organização, a pontuação, os usos das palavras, bem como das figuras de estilo – e como se estrutura, ou, como se enoda o sintoma, podemos dizer que há uma razão única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUBVERSÕES

Relendo o escrito, fica um efeito: há algo de uma montagem no texto. Se acreditamos que todo escrito tenha um efeito de linguagem, diríamos aqui tratar-se de uma montagem composta por vários recortes realizados no desenrolar da escrita que, como “blocos de montar”, pelo modo de organização que uma montagem nos pode sugerir, busca alcançar uma função a respeito desta linguagem – visivelmente montada – que tentamos vislumbrar.

A causa do escrito surge com o caso eixo, o caso Fabiano, que em sua construção singular nos aponta o que da psicose – e sua linguagem carregada de variações, criações, desleixo e zelo, exatidão e caos – podemos tentar exprimir de forma reduzida, quem sabe fregiana. Vale acrescentar que, neste percurso, os conceitos e definições em torno de nosso tema foram de difícil articulação teórica para esta autora, mas fica então mais interessante pensar que, para Fabiano, esta articulação, instaurada ao nível de uma prática, é “*divertida*”, é seu fazer de todo dia.

Pensamos que, o recurso aos fragmentos de casos no decorrer do texto, entra, entre estes últimos travessões acima, aparecendo, então, na demonstração de ínfima parcela do que varia, cria, deixa ou trata, quando nos encontramos com alguém que nos fale. Tratamos em especial, aqui, da psicose, mesmo sabendo que não somente são eles a inventar.

Neste ponto Fabiano é inesquecível, pois sua lição é que uma psicóloga – enquanto alguém a quem ele se dirige – deve ajudá-lo a montar. Quer dizer, na verdade ela não o ajuda, ela brinca com ele de adorados jogos de montar – na infância – e deve recebê-lo, quando adulto, disponível a montar todos os dias a linguagem, com novo recurso – pensamos que desta feita é “conversando”, ou “trivializando” com ele.

Tendo visto estas primeiras considerações, é tempo de rever o percurso.

Desde o primeiro capítulo, ao abordarmos a função do significante na psicanálise e a maquinaria simbólica do inconsciente, encontramos o sujeito **representado** (grifo nosso) por um significante para outro significante. O sujeito é representado por um significante na medida em que este tem por base a metáfora – efeito do recalque que instaura a impossibilidade de se falar da Coisa. Tal efeito foi o que Freud descobriu: que ao falar o sujeito do inconsciente diz sempre outra coisa.

Neste trabalho, retomamos a tirada espirituosa a fim de demonstrar tal descoberta – ou, podemos chamá-la, uma **subversão**⁶¹ – em uma formação do inconsciente. A subversão freudiana se deu no apontamento de que o sujeito não é senhor de si – como no enunciado cartesiano, “Penso, logo sou” – mas, ao contrário, o sujeito justamente é onde não pensa. Nela encontramos, com o texto freudiano, como o inconsciente funciona a fim de vislumbrar, em sua insistência, a linguagem. O inconsciente poderia então ser descrito como um aparelho que funciona regido pela lógica do significante a qual, reduzidamente, definiríamos como uma lógica que tem por material o significante na instância da letra, e que, por suas propriedades, nos impõe o funcionamento da linguagem e do sujeito freudiano. Entre suas conseqüências, ficou a impossibilidade de se dizer a ‘toda-verdade’.

Tal impossibilidade nos guia ao que Lacan chamou, “para deixar a Jakobson seu domínio reservado” (LACAN, 1972-72, p. 25), “*Lingüisteria*”, neologismo elevado a conceito, a código, onde se mantêm inseparáveis, linguagem e inconsciente. Ao forjar uma nova palavra, Lacan tenta dar mais um laço entre estes dois conceitos, e deixar claro que a linguagem é a condição do inconsciente, assim como o sujeito se estrutura como ela.

Neste esquema, encontramos o aparelho de linguagem quando Lacan agrega a esta sua parcela de gozo. O aparelho é a organização do gozo do sujeito nas dependências de suas inscrições. Para tanto, o aparelho tem como matéria *lalangue*: a linguagem em sua função de gozo, não com uma função comunicacional, mas a que fornece a relação do sujeito com a língua – esta última entendida como “(...) nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real (...) se depositou ao longo das eras” (LACAN, 1972 [2003], p. 493).

Na psicose, para resumirmos, a linguagem não passa pelo efeito da metáfora, e o significante adquire, assim, valor de signo ao não ser capaz de representar, mas somente de designar: o significante designa o sujeito, como nas alucinações auditivas. Mas poderíamos falar ainda de um aparelho de linguagem nesta estrutura? Como ele funcionaria? No capítulo dois, nos perguntamos então, pela linguagem na psicose, buscando na teoria e em fragmentos de casos clínicos, alguns apontamentos.

Resolvemos buscar, dentre os aparelhos da psicanálise, algum que fosse “especialmente psicótico” e encontramos o aparelho de Vitor Tausk – o aparelho de influenciar na esquizofrenia, aparelho responsável por atribuir sentido às experiências de influência exterior sentida por tais pacientes. O aparelho de influenciar nos revela que, assim

⁶¹ Aqui apontamos a descoberta freudiana como subversão – subversão que vai do sujeito do cogito ao sujeito do inconsciente – e as formações do inconsciente, enquanto instauradas nas leis deste, como subversões do código.

como nas alucinações, as palavras vêm de fora e são imputadas ao sujeito (neste sentido, o caso de Marcelo citado no segundo capítulo é exemplar ao demonstrar como a criação de um aparelho – o *escarlight* – dá conta de explicar como as palavras foram incrustadas em seu pensamento, além de funcionar como um signo organizador, como referente, para sua construção). O aparelho de influenciar é uma montagem, quase nunca sólida, é verdade, onde o que está em questão é o corpo do sujeito – corpo este que é fragmentado pela linguagem.

O aparelho de influenciar, tal como descrito por Vitor Tausk, é uma máquina que nos aponta, mais uma vez, para o fato de que a língua é um parasita – por seu aspecto de incrustação – sendo, ao mesmo tempo, exterior ao sujeito. Este, em sua constituição, decidirá o que fazer com ela, restando-lhe habitá-la, ou como vimos especialmente com Marcelo, ser habitado e designado por ela. Interessante reforçar as fases do aparelho se pudermos pensar, de maneira análoga, a constituição do *falasser* em relação à sua linguagem: 1) a sensação de estranheza, de que há algo exterior tocando, de alguma forma, o corpo próprio; 2) o delírio de influência, já traduzindo, “delirantemente”⁶², o “algo exterior”; 3) a constituição do aparelho de influenciar no lugar do Outro que não existe – se não há lei ou ordem legislada para a linguagem, ela funciona como um autômato.

Fora colocado também, o estatuto da palavra na esquizofrenia a fim de vislumbrarmos, além da constituição da linguagem, alguma maneira de pensar em um aparelho de linguagem para a psicose, materializado pelo significante em sua particularidade nesta estrutura. Encontramos, sobretudo, os neologismos e as palavras como coisas a realçarem o aspecto da falta de referência **exterior** (grifo nosso) à linguagem nestes casos. Com efeito, pudemos verificar que a palavra se refere a ela mesma, na medida em que ela é a coisa. Na ausência deste referente e da participação do sujeito em um código pré-estabelecido, o sujeito se torna capaz, ele mesmo, de inventar palavras que dêem conta de suas experiências, já que não encontram nada na língua que possa traduzi-las e, desta feita, podem forjar um referente.

Encontramos, portanto, a psicose com um humor diferenciado: impossibilitada de trabalhar com a metáfora e a metonímia e seus efeitos de sentido, não alcança também a tirada espirituosa enquanto subversão do código. Fabiano é exemplar nisto e suas “piadas”, como vimos em item anterior, não têm sentido tampouco fazem rir. Ele é irônico e esta falta de sentido de suas piadas acaba apontando para ausência de referência de qualquer discurso. No entanto, as gírias deixam Fabiano perplexo e, podemos lembrar com Lacan (1972-73, p. 30), que “elas não querem dizer outra coisa senão isto – a subversão do desejo”, e assim inferimos

⁶² Tratamos, aqui, com o delírio conquanto possa ser generalizado, ou seja, o delírio como construção em torno do real (como fora apontado no capítulo dois deste trabalho).

por que, para ele, elas “não têm lógicas”. Para Fabiano é impossível subverter o código, já que o Outro, ele sabe, não existe. Mas não haveria, neste caso, a construção de um Outro do código quando Fabiano programa uma linguagem? Mais uma pergunta em suspensão... “por enquanto” (como ele diria...).

Encontramos, no percurso do texto, mais de uma vez, com a falta de referente na linguagem. Constatamos que há uma falta de referente original – pois que não somos nominalistas – e há, para todo sujeito, um referente forjado que organiza a linguagem bem como o ser falante enquanto tal. Vimos que, para neurose, há uma articulação deste referente com o significante do Nome-do-Pai, no entanto, vimos também que este referente pode ser qualquer coisa e, em termos de último ensino de Lacan, poderá ser qualquer coisa que mantenha unidos os três registros: RSI.

Para a psicose, portanto, esperamos poder, em cada caso, aceder a esta invenção que, como aqui houve tempo para se colocar, coloca a própria palavra como referente e, a partir desta palavra que constitui signo – ou seja, é chamada a fazer sinal (sinais como da conhecida ‘interpretação delirante’) – o sujeito ordena sua realidade psíquica, vale ressaltar novamente, como uma linguagem, a linguagem que ele mesmo fala.

Consideraremos ainda, visto os rumos deste caminho final, o signo. Em ‘*Television*’ (1974 [2003]), Lacan coloca que há duas vertentes opostas da linguagem: a do sentido e a do signo. Tais vertentes são opostas na medida em que a segunda, em seu vigor, ela é captada como sem sentido, no entanto, ali opera-se uma “fixação” de gozo. Ainda na vertente do sentido, alguns anos antes, precisamente em 1972 no texto ‘*O aturdido*’, Lacan pontua que o sentido “só se produz pela tradução de um discurso em outro” (Ibidem, [2003], p. 481), donde enfatizamos justamente a **tradução** (grifo nosso), que nos revela que aquilo que se diz é bem diferente daquilo do que se trata.

Assistimos, neste ponto, toda criação mitológica, toda ficção⁶³, ser criada pelo gume do sentido no que ele assegura uma existência. Por isto, como nos diz Lacan (1977, p. 14), “ficamos sempre colados ao sentido”. Se encontramos aqui, bem disposto à criação de sentido, o significante e suas propriedades, esperamos, na vertente oposta, que se coagule algo do gozo disperso que neste íterim se coloca no ponto de fixação do signo.

Assim, encontramos a psicose tratando a linguagem, manejando-a, muitas vezes pela via do real – já que a via do sentido, enquanto sexual, é subvertida. Lembramos, então, do

⁶³ “O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém. Não as digo imaginadas, mas leio aí, com Freud, um convite ao real que responde por isso. A ordem familiar só faz traduzir que o Pai não é o genitor e que a Mãe permanece contaminando o filhote do homem; o resto é consequência” (LACAN, 1974 [2003] p. 531).

caso Leandro – e a “esquiziteza” do seu corpo físico – que encontrou os materiais da oficina de terapia ocupacional para seu empreendimento. Ele tece, pinta, desenha, escreve, cola e costura materiais de toda sorte, mas seu trabalho ainda continua, pois, em seguida é necessário vender seu produto. Leandro passa a transformar o Real, que é a coisa em seu produto, em alguns Reais, cifrando, literalmente, o gozo disperso de seu corpo em frangalhos.

Vale se perguntar, portanto, se em Fabiano, ou se na psicose, encontramos uma linguagem de signos. Ora, é certo que existem ali signos, a indicar como setas, a armação do sujeito. Mas não se trata de verdade dizermos que ali opera uma linguagem de signos, tal como Lacan apontou várias vezes como a linguagem dos animais (cf. cap.3). Mesmo na psicose, acreditamos ser prescindível argumentar, tratamos com seres falantes que, de outra forma, organizam e articulam, o que é da linguagem – o que nos traz conseqüências importantes. Ora, vimos que a definição de ser falante aparece na obra de Lacan quando este aponta para o gozo do “sujeito” (antes definido em termos simbólicos). O ser falante, ou o “*parletre*” é coisa diferente: é o ser que se assume pela fala na medida em que ele é impregnado pelo gozo da língua (LACAN, 1975 [2003]).

Se não podemos falar de uma linguagem de signos para psicose, pensemos, então, no trabalho de Fabiano (que esteja claro que ele opera com signos, não com uma ‘linguagem de signos’). Com a função proposicional – sua mestria em colocar em funções a linguagem, a fim de verifica-lhes seu valor de verdade e torná-la, por assim dizer, moeda corrente – Fabiano não alcança o sentido enquanto regido pela norma fálica. O sentido, para ele, só pode aparecer como valor de verdade do sintoma, como V ou F. Mas, podemos inferir que ele alcança a significação, dentro da diferenciação lacaniana, dada no final de seu ensino, dos termos.

O termo ‘significação’ foi extremamente usado por Lacan durante toda sua obra. A significação ficou em evidência em um de seus célebres textos, como em “A significação do falo”, por exemplo. Neste trabalho, operamos com a noção de significação do final de seu ensino no que ela, principalmente, se distingue do sentido, como veremos.

Vale lembrar, para se ter uma noção do uso do termo, que Lacan retomou no Seminário XIX (1971-72) tal escrito e esclareceu que neste a dita ‘significação’ se referia ao uso que Frege fez do termo, ‘*Bedeutung*’, ao opor-lhe o ‘*Sinn*’ – em seu texto ‘*Sobre a Significação e o Sentido*’. Neste a significação trata diretamente da denotação, ou seja, a significação cuida para que uma fala denote algo, no sentido de sua referência. O significado dependeria, portanto, destas duas instâncias, salvo no que toca ao que Frege chamou ‘nome próprio’ para destacar uma palavra, um sinal ou mesmo uma combinação de sinais onde o sentido refere-se a sua referência (FREGE, 1879[1978], p. 67).

Para Miller (2005) Lacan estabelece esta diferença entre significação e sentido quando, em *'O aturrito'* (1972) ele aponta uma cisão no significado, cisão que se coloca entre o que se diz e o que se quer dizer. A significação estaria ao lado do que se diz, ao lado da gramática, do léxico e do discurso proferido. O sentido, por sua vez, se coloca como o que aquilo que foi dito quer dizer e é neste sentido que ele só pode ser traduzido por outro discurso – como fora apontado acima. O sentido, portanto, “*é o próprio desejo*”, nos termos de Colette Soler (2006, p. 45), que aparece no significado ao se exceder da significação.

Mais ainda, para Pacheco e Silva (2004), o sentido é a convenção que coloca, por exemplo, que o resultado da operação dois mais dois se chama quatro. A significação não se refere ao que uma palavra quer dizer, mas precisamente à materialidade do significante. Para esta autora, a preocupação em distinguir sentido e significação vem de Frege que, em 1892, já se perguntava por que uma fala diz alguma coisa e não outra, e caminha na distinção de dois tipos de significado. A significação, ou referência, como alguns traduziram – que seria o objeto do qual o termo usado é o nome – e o sentido, definido como o que é captado cada vez que se compreende uma expressão de linguagem, mesmo quando não se conhece sua significação.

Com Lacan (1972[2003] p. 481), para sermos precisos, a significação depende de se extrair, do enunciado, o sentido deixando-lhe “nem sequer o senso comum”. Talvez seja desnecessário falarmos ainda que o sentido é efeito da cadeia significante, enquanto este significante se mantém na duplicidade de sentido. Assim, “o sentido é suportado por um significante” (LACAN, 1971-72 p. 167). O sentido estará, portanto, entre os significantes de uma cadeia. Daí Lacan poder dizer em 1977 (p. 8), que “a palavra plena é a palavra plena de sentido. A palavra vazia é uma palavra que só tem a significação”, esclarecendo que a palavra é plena na medida em que parte desta duplicidade do significante. Pois se o sentido se instaura nas dependências do significante e suas propriedades, a significação, por sua vez, se constrói pelos signos e aponta para o real do gozo.

O signo⁶⁴, aquele do qual estávamos nos aproximando durante a pesquisa, se coloca, para o último Lacan (1975[2003], p. 550) como receptáculo de gozo. Diferentemente do significante, um signo pode exercer a função ou se colocar no lugar de qualquer outro signo, justamente porque eles sim podem substituir uns aos outros sem implicar em uma diferença.

⁶⁴ Tentaremos, aqui, nos aproximarmos da noção de signo na dimensão em que nos interessa: na vontade de abordar o aparelho de linguagem da psicose. Sabemos, contudo, que o signo tomou corpo e várias funções na obra de Lacan e, não só por uma vez, ele próprio declarou se embaraçar com esta definição. “O que quer dizer isto, ser signo? É com isto que quebro minha cabeça” (LACAN, 1977, p. 11), ou,

O signo, por si só – enquanto Lacan acompanha Peirce – é a própria substituição do objeto por seu símbolo; é o próprio índice do objeto e o objeto substituído é sempre da ordem do objeto pequeno *a* enquanto índice do impossível⁶⁵. Assim, teremos a que relação do signo com o espaço preliminar de inscrição é o que poderemos chamar gramática.

Lacan (ibidem) acrescenta ainda que é a cifra que funda o signo, e que no ciframento está o gozo, o que bem dito, poderia se esclarecer no fato de que há um sentido cifrado no que se reconhece como símbolo⁶⁶. Ele coloca então: “E o estreitamento, o estreitamento confuso de onde o gozo toma sua causa, sua última causa, que é formal, não é da ordem da gramática que a comanda?” (LACAN, 1972-73[1985], p. 37). Teremos então o significante trabalhando com o código – que se decifra – e o signo, por sua vez, se mantém ao lado da gramática, do sem sentido, fazendo cifra de gozo.

Retomamos com Fabiano, e porque não dizer, aqui, que em sua linguagem encontramos a significação, mas não o sentido. Enquanto ele escreve suas frases em funções, seu trabalho forclui a dimensão de equívoco a qual a linguagem natural estaria subordinada. Ao forcluir, Fabiano realiza a obturação dos buracos da função com seus argumentos, trabalhando com signos, fundindo o sentido na gramática irremovível da significação. Como em uma inteligência artificial, ou em um robô, Fabiano programa respostas, lógicas, onde o não-equívoco exclui o gozo. No entanto, e apesar deste trabalho lhe servir, sabemos que o real retorna no impossível de se formalizar.

Excluindo a falha da linguagem, ele opera com a denotação, onde se aponta o que se diz. Desta forma, além de poder se comunicar – não sem dificuldades, como todos nós – ele cifra no signo o gozo dado pelo fato de ser falante, ou ser um ser falante. Fabiano forja uma linguagem a mais formalizada possível – porque não dizê-la, matemática – em um aparelho construído por funções, cumprindo a missão de poder se situar na realidade.

Aqui não deixaremos escapar a dimensão de sua subversão. Não o deixaremos porque, neste trabalho, a subversão foi um ponto crucial. Lembremos que Freud subverte a noção de sujeito – e escreve a **gramática** do inconsciente – enquanto Lacan trata de subverter a lingüística, a favor da *lingüisteria*, e escreve a **lógica** do significante. Assim, é importante

⁶⁵ Lacan articula, no final do seu ensino, o signo e o amor. Resumidamente: o amor faz signo para um sujeito na medida em que o que não cessa de não se escrever – o impossível, o ‘não há relação sexual’ – encontra na contingência, algo que cesse de não se escrever no amor, enquanto seu parceiro é o sintoma (cf. Seminário XX, 1972-73). Daí Lacan também dizer que o *sinthoma* é signo, tal como o fez mais tarde (cf. ‘Rumo a um significante novo’ datado de 1977). Sabemos da importância de tais colocações para um novo rumo psicanálise, entretanto não nos delongaremos neste ponto por não ser, por assim dizer, nosso ponto chave.

⁶⁶ Donde Lacan traz como exemplo os números, conquanto embora sejam algo de real, “embora cifrado, os números têm um sentido” (Lacan, 1975 (2003), p. 554).

frisar que em ambos os casos, houve um trabalho de redução de sentido em prol de uma formalização, de tentar encontrar as fórmulas que estariam na constituição do sujeito.

A linguagem na psicose também é subversiva na medida em que podemos afirmar que exclui a função fálica como organizador de seu aparelho, excluindo, assim, a norma a que estão submetidos aqueles que se “falom”. Quanto a Fabiano, porque não dizer que em seu trabalho encontramos pelo menos três subversões. A primeira como a subversão da norma fálica, tipicamente psicótica, acima colocada. A segunda como uma subversão da própria lógica na montagem de sua linguagem – já que a lógica, como vimos no capítulo três, trata de escrever o simbólico de forma reduzida, formulada, e Fabiano, ao contrário, busca nas fórmulas, no real, uma maneira de falar operando com a significação. Mais ainda, e como terceira subversão, Fabiano subverte quando opera com a linguagem construindo sua montagem ancorada na lógica, não permitindo, portanto, ser operado por ela. Assim, talvez ele consiga realizar o sonho do sujeito lógico(...)

Em seu fazer cotidiano, situado em uma função de gozo, realizando suas subversões e invenções, Fabiano tenta recolher – no manejo do real da escrita lógica que lhe concede o acesso à produção de uma significação – qualquer coisinha de simbólico que lhe permita, participar em alguma ponta de discurso, situar-se na realidade. Enfim, estar no convívio entre os colegas “nerds” e, ainda, “conversar com uma mulher”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. *Vitor Tausk*. In: *In: Tausk e o aparelho de influenciar*. (Org.) Joel Birman. São Paulo: Escuta, 1990.

BRUNO, Pierre. *O dito sobre a esquizofrenia*. In: *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Alberti, Sônia (Org.). Rio de Janeiro: Marca D'água 1999. p. 177-196.

_____. *Satisfação e gozo*. Tradução de: Cristina Vidigal; Luiz Henrique Vidigal. Belo Horizonte: Tahl, (s/d).

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCIA, Célio. *Incompletude e tematizações do real*. Belo Horizonte: Tahl, 1989.

_____. *Lacan e companhia*. In: *Um limite tenso*. (Org.) Safatle, Vladimir. São Paulo: Ed. Unesp, 2002

FERREIRA; TROPIA. O escriturário das suplências. *Curinga*. Belo Horizonte, n. 14, abril 2000, p. 145-149.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

_____. *Projeto para uma psicologia científica* (1890). Vol. I, p.333-411.

_____. *Carta 52* (1896). Vol. I, p281-287.

_____. *Interpretação dos sonhos* (1900). Vol. IV e V.

_____. *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Vol. VIII.

_____. *O inconsciente* (1915). Vol. XIV, p. 163-222.

GENEROSO, C. *A concepção de representação em Psicanálise e sua relação com o referente*. Texto inédito. Belo Horizonte, 2005.

LACAN, Jaques. O Seminário livro 2: *O eu na teoria de Freud e na prática da psicanálise* (1954-55). Versão de Marie Christine Laznik Penot. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. O Seminário livro 3: *As Psicoses* (1955-56). Versão de Antônio Quinet. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O Seminário livro 5: *As formações do inconsciente* (1957) Versão de Marcus André Vieira. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O Seminário livro 17: *O avesso da psicanálise* (1969-1970). Versão de Ari Roitman. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. O Seminário livro 19: *... Ou pior* (1971-72). Trad. Fernandes, M.A.M. Inédito. Espaço Moebius Psicanálise, s/d.

_____. O Seminário livro 20: *Mais, Ainda* (1972) Versão de M. D. Magno. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. O Seminário livro 23: *Joyce, o sintoma* (1975). Versão de Sérgio Laia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536.

_____. *A significação do falo* (1958). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

_____. *Comentário sobre o relatório de Daniel Lagache* (1958). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.653-691.

_____. *De nossos antecedentes* (s/d). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 69-76.

_____. *Posição do inconsciente* (1960). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864.

_____. *Rumo a um significante novo*, 1977 In: Opção Lacaniana, São Paulo: Jorge Zahar. 1995. p. 5-21.

_____. *Nomina nos sunt consequentia rerum* (1976). In *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 28, p. 6-19, julho de 2000.

_____. *O número treze e a forma lógica da suspeita* (1945-46). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 85-105.

_____. *Radiofonia* (1970). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.403-447.

_____. *O Aturdido* (1972). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

_____. *Televisão* (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508-543.

_____. *...Ou pior* (1975). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 544-549.

_____. *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 550-556.

_____. *Joyce, o sintoma*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 560-566.

LAURENT, Eric. *A psicanálise no século XXI*. In: 'As paixões do ser'. Salvador, novembro de 2000.

MANDIL, Ram. *Os efeitos da letra*. Belo Horizonte: Contracapa, 2003.

MAZZUCA, Roberto; Schetman, Fabián; Zlotnik, Manuel. *Las dos clínicas de Lacan: Introducción a la teoría de los nudos*. Buenos Aires:Tres Haches, 2000.

MILLER, Jaques Allain. *Teoria d'alíngua*. In: *Matemas*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996b. p 55-72.

_____. *Clínica Irônica*. In: *Matemas*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 190-199.

_____. *A invenção psicótica*. In: Opção lacaniana. São Paulo, n. 36, p. 6-16, maio 2003.

_____. *SILET*. Tradução de Celso Rennó Lima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MOREL, Geneviève. *A função do sintoma (s/d)*. Inédito.

_____. *O sintoma em uma frase*. In: Opção Lacaniana. São Paulo, n. 23, p. 25-28, dezembro 1998.

_____. *La différence des sexes*. Publicação da Association de la Cause Freudienne-Lille, 1995.

OLIVEIRA, Armando Mora. *Peirce, vida e obra*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEREIRA, Luíz Muniz. *Inteligência artificial – Mito e Ciência*. Disponível em: <www.universia.com.br> Acesso em: 06 ago. 2004.

PESSANHA, José Américo Motta. *Aristóteles: vida e obra*. In: Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p 6-24.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

RODRIGUES, Ada. Saussure: Vida e Obra. In: Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p 6-9.

SANTOS, Luís Henrique. *Frege: vida e obra*. In: Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p 178-188.

SILVA, Maria Lúcia Sá Pacheco. *Uma articulação sobre as noções de sentido e significação em Lacan*. In: Opção Lacaniana, n.42. São Paulo: Edições Eolia, 2005. p. 57-60.

SOLER, Colette. *Rousseau, o símbolo*. In: A psicanálise na civilização. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998. p. 63-86.

_____. *O que Lacan dizia das mulheres*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TAUSK, Vitor. *Sobre a gênese do aparelho de influenciar na esquizofrenia*. In: Tausk e o aparelho de influenciar. (Org.) Joel Birman. São Paulo: Escuta, 1990.